

WLADIMIR OLIVIER

SONETOS DE CARIDADE

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos
provieram da Espiritualidade!

ÍNDICE

1.º Dia
2.º Dia
3.º Dia
4.º Dia
5.º Dia
6.º Dia
7.º Dia
8.º Dia
9.º Dia
10.º Dia
11.º Dia
12.º Dia
13.º Dia
14.º Dia
15.º Dia
16.º Dia
17.º Dia
18.º Dia
19.º Dia
20.º Dia
21.º Dia
22.º Dia
23.º Dia
24.º Dia
25.º Dia
26.º Dia
27.º Dia
28.º Dia
29.º Dia
30.º Dia
31.º Dia
32.º Dia
33.º Dia

- 34.º Dia
- 35.º Dia
- 36.º Dia
- 37.º Dia
- 38.º Dia
- 39.º Dia
- 40.º Dia
- 41.º Dia
- 42.º Dia
- 43.º Dia
- 44.º Dia
- 45.º Dia
- 46.º Dia
- 47.º Dia
- 48.º Dia
- 49.º Dia
- 50.º Dia
- 51.º Dia
- 52.º Dia
- 53.º Dia
- 54.º Dia
- 55.º Dia
- 56.º Dia
- 57.º Dia
- 58.º Dia
- 59.º Dia
- 60.º Dia
- 61.º Dia
- 62.º Dia
- 63.º Dia
- 64.º Dia
- 65.º Dia
- 66.º Dia
- 67.º Dia
- 68.º Dia
- 69.º Dia
- 70.º Dia
- 71.º Dia

72.º Dia

1.º DIA

I

Na onda do evangelho navegamos,
Buscando um porto mais para atracar.
Seja este posto o cais, um bom lugar,
Que é tudo o que nós todos desejamos.

Quiséramos chegar bem devagar,
Que os frutos pendem verdes destes ramos,
Porém, as ordens são p'ra que cumpramos,
Porque nem todos podem esperar.

O treino de um soneto é suficiente,
Na busca de encontrar o melhor jeito
De ver como é que o médium nos presente.

E, se o leitor disser: — *Eu os aceito,
Sem restrições, e sim completamente.* —,
Alegre o coração nos bate ao peito.

II

Quando Jesus, um dia, descobriu
Que os homens iam pô-lo numa cruz,
Agradeceu ao Pai a sua luz,
Pois outro, em seu lugar, nunca sorriu.

Sabendo o que no Mestre mais seduz,
A humanidade o amor não compartiu,
E teve uma atitude, em desafio,
Querendo ver aonde o mal conduz.

Se nós tivermos jeito p'ra Doutrina,
Porque julgemos fácil de entendê-la,
Lembrando cada lei que nos ensina,

Deixemos, lá no céu, a luz da estrela
E, mesmo sendo a dor a nossa sina,
Obremos com Jesus, para vivê-la.

III

Agradecer ao médium seu trabalho
É obrigação de quem conhece o ofício,
Embora julgue ele um estrupício
O verso que lhe sabe a rebotalho.

Não vamos aumentar o seu suplício,
Mostrando ter-nos sido um quebra-galho.
Se fosse, simplesmente, um agasalho,
Poupar-nos-ia rude sacrifício.

Cá não viemos para lamentar
Que o povo não nos siga na Doutrina,
Que até Jesus chegou bem devagar.

Queremos, sim, que a gente mais ladina,
Aos poucos, mude a vida, dando ao lar
O mesmo amor que o médium nos ensina.

2.º DIA

I

Quando Jesus nos disse que no Inferno
Estariam as almas infelizes,
Foi para darmos novas diretrizes
Àquele anseio íntimo do eterno.

Não quis Jesus ser causa dessas crises
Que nos assaltam quando corre o inverno.
Ninguém seria, como ele, terno,
Na explicação segura das raízes.

O povo precisava de figuras
Que firmassem na mente seus princípios,
Por isso, promovia suas curas.

E que melhor remédio para os vícios,
Para levar cuidado às criaturas,
Do que acenar com duros sacrifícios?

II

Na explicação dos itens do ***Evangelho***,
Kardec pôs de lado a maldição
Que o Cristo lançou contra a tradição
De não dar frutos bons até bem velho.

Não mereceu tal árvore perdão,
Pois a ilusão do verde é destrambelho,
Que a fome não se mata com conselho
Mas pela herança que os trabalhos dão.

Talvez seja exagero desta gente
Dizer que Denizard se esqueceu
De pôr a limpo o ponto que se sente

Como terrível falha do Judeu,
Que quis configurar, exatamente,
A quem na vida apenas prometeu.

III

Não temos pretensões às obras-primas,
Mas que sejam os versos muito claros.
Sendo assim, não requeira termos raros;
Tão só finais que tragam simples rimas

Já se perdeu o tempo em que, preclaros,
Aspirávamos mais do que as estimas,
Porque, na glória dos excelsos climas,
A vaidade não há de ter reparos.

Falamos hoje apenas de Jesus,
Que a todos nós nos trouxe a salvação,
Buscando compreender a triste cruz

De quem beirava já a perfeição,
Mostrando que a lei toda se reduz
A ter amor ao Pai, de coração.

3.º DIA

I

Na estrada que nos leva à perfeição,
Existem pedregulhos de temores.
Ao caminhares, seja aonde fores,
Hás de encontrar o ódio e a rejeição.

Se controlares bem as tuas dores,
Rogando ao Pai a bênção para o irmão,
As pedras em que pisas formarão
Alcatifas de luz, em resplendores.

Não olvides a rútila mensagem,
Por mais que seja forte o teu tormento,
P'ra não tardares mais nessa viagem.

Ao adoçares rude sentimento,
Começa a regredir tua contagem
E a navegar a nau no firmamento.

II

Quem queira começar bem neste dia,
Estipulando o amor como destino,
Veja como, no verso, discrimino
As rimas que dão certo na poesia.

Assim, tudo na vida é desatino,
Se quem almeja o bem logo se esfria,
Ao ver que o sacrifício afastaria
Os brindes do prazer, por esse ensino.

Ninguém durante a luta está acima
Nem do bem nem do mal, que o seu dever
Está em disciplinar-se nessa rima,

Pois há tanto rigor para escrever
Que, quando o termo certo se aproxima,
Sentimos como é forte o seu poder.

III

Quando Jesus nos disse que daria
A salvação por meio da pobreza,
Queria ver, na alma, bem coesa
A ideia de que a vida é harmonia.

Ninguém pode sentar-se junto à mesa,
Sem repartir o pão dessa alegria
Que é dar ao Pai o amor, em primazia,
Mantendo da esperança a chama acesa.

A dor de um dia triste é passageira,
Que a eternidade é o prisma do futuro,
Para determinar que o bem se queira.

O que pratica o mal vive no escuro,
De um egoísmo atroz do abismo à beira,
Sem conhecer um sentimento puro.

IV

As lembranças mais ricas para a vida
Concentram-se no bem que se espargiu.
A memória do mal é desafio,
A carregar a alma arrependida.

A humanidade sente um calafrio
Ao ver, no monte, a cruz ainda erguida,
E quer que o Mestre mostre uma saída,

Para que possa agir com força e brio.

O ensino de Jesus é esplendoroso,
Mas ele prometeu do Céu o gozo
A quem pudesse apenas recordar

Que tudo o que se faz, aqui na Terra,
Não é através da morte que se encerra,
Que a morte, nessa escada, é patamar.

4.º DIA

I

Armando-se de espada e tendo escudo,
O homem vai à guerra de conquista,
Mas, antes que o inimigo tenha à vista,
Insiste junto ao Pai que lhe dê tudo.

Assim, a humanidade quer que invista
A religião de triste conteúdo
Na crença de que existe, sobretudo,
Um deus que passe as tropas em revista.

Quão longe estamos nós da rude gente,
Quando se pensa a vida mais consciente
Das leis que se definem por Jesus.

Sobre as virtudes raras, o perdão
Obriga a quem deseja ser cristão
A abandonar o ódio pela cruz.

II

Chamuscos, nesta esfera de deslizes,
Não hão de dar problemas no outro plano,
Pois todos nós sabemos ser humano
Errar, de quando em vez, em meio às crises.

Mas persistir no erro é grave, insano,
Quando se tem das leis as diretrizes,
Pois quer Jesus finquemos as raízes
Nas terras da virtude, sem engano.

Por isso, estes do etéreo vêm dizer,

Em versos muito rudes, que o dever
Se põe acima dos prazeres fáceis.

Contudo, nossos versos podem ser
(Caso contra a vaidade haja poder),
Como as ações humanas, muito gráceis.

III

No instante em que o remorso se define,
Não só há que sofrer em desatino.
Senão de que nos vale o bom ensino,
Quando ao amor a alma não se incline?

Ao se cantar em coro belo hino
E alguém desprevenido desafine,
É justo que o maestro o recrimine,
Recomendando-lhe que tenha tino.

A culpa que se sente, em certas horas,
Deve servir de tema para o grupo
Que estuda as leis do carma cá na Terra,

Para evitar que haja mais demoras,
Que é isso o que acontece com o apupo
Que ao coração se torna triste guerra.

IV

Quando Jesus chamar os seus pupilos,
Para dizer-lhes quanto são felizes,
Vai nos cobrar das leis as diretrizes,
Como dos versos cobram os estilos.

Vamos vencer, portanto, nossas crises,
Estimulando a luta nos asilos,
Que os vícios não sem vencem sem feri-los,
Que as árvores não crescem sem raízes.

Um bom começo é dar ao evangelho
Prioridade sobre o corpo humano,
Na juventude lúcida da alma,

Que o corpo fica feio, quando velho,
Porém, a mente, neste outro plano,
Quando perfeita, sempre leva a palma.

V

Os temas que trazemos p'ra poesia,
Às vezes, são estranhos para a gente
Que passa a vida toda indiferente
Quanto a alcançar maior sabedoria.

Não é qualquer pessoa que se sente
Habilitada a esta melodia:
Há quem entenda que melhor faria,
Se o povo se calasse, simplesmente.

Ao percorrer as plagas cá do etéreo,
Há quem se diga muito arrependido
Por não nos ter levado mais a sério.

Quando Jesus o pôs bem prevenido,
Achou mui complicado esse mistério:
É bom dar ao poeta algum ouvido.

VI

Não force a barra, ó caro companheiro,
Que a nossa força está chegando ao fim.
De que lhe adianta um verso bem ruim,
Fugindo nós do tema por inteiro?

Se você desejá-lo mesmo assim,
Vai só nos dar a ideia de matreiro,

Pois lemos-lhe, na mente: *Se eu requeiro,*
Por que hão de negar bem justo a mim?

Se de consolo serve a nossa rima,
Quase na hora certa de acabar,
Sabendo que sua alma se reanima,

Quando já não se vai mais devagar,
Receba desta turma forte estima,
Jamais deixando ao Pai e a nós de amar.

5.º DIA

I

Quando o desânimo derrui a alma
E já não tens sossego p'ro trabalho,
Não há que procurar qualquer atalho:
É com doce oração que volta a calma.

Se julgas que fizeste um ato falho,
Querendo sobre a dor levar a palma,
Contém teu desespero e assim te acalma,
Que o Pai jamais negou seu agasalho.

Na Terra, a indecisão gera tristeza,
Que a vida tem percalços quanto à dor,
Por isso é que a luz fica sobre a mesa.

Se a mantiveres sempre ao velador,
Na escuridão, esconde-se a beleza
Do quadro que pintares com amor.

II

— *Valei-nos, Pai, que o dia está perdido!* —,
Às vezes, nós dizemos com rancor.
É que, ao querer os versos bem compor,
Sabemos quanto a forma tem sofrido.

Os termos que se juntam, sem valor,
Conseguem dar ao texto algum sentido,
Mas nada que nos dê por resolvido
O drama que aborrece o bom leitor.

Além de desviar de sua luta,

Perdemos o seu tempo com lamúria,
Que a forma deste verso exige escuta.

Se o pobre não sentir qualquer incúria,
Porque reage bem à força bruta,
Aí aumenta mais a nossa fúria.

III

Ao preencher o tempo, o nosso médium,
Que tempo tem demais, até de sobra,
Procura dar retoque à nossa obra,
Que para o nosso mal tem bom remédio.

Mas sempre há de ficar-lhe o tom do tédio,
Que é natural veneno estar na cobra.
O que é preciso é ver se não desdobra
Em crises que obstruam nosso assédio.

Quem ler este soneto há de entender
Que o medo que tivemos foi inútil,
Pois o compadre cumpre o seu dever.

Não tenha, pois, problemas de consciência
Que, embora seja o tema muito fútil,
Ainda não é hora de falência.

IV

Organizada a obra, vem o moço
Solicitar a página primeira,
E teme que esta gente jamais queira
Apresentar ao texto o seu endosso.

Não tendo o que fazer, a tarde inteira,
A turma dá início ao seu esboço,
Que o bom é descansar, depois do almoço,
Imaginando a cara brincadeira.

Aí, surge um soneto desabrido,
Impróprio p'ro consumo do encarnado,
Que em tudo quer saber de ver sentido.

O povo jamais pode estar parado,
Enquanto alguém no etéreo tem sofrido,
Por ter o tal rancor desafiado.

V

Este caminho, às vezes, não se cruza
Com os bons ideais de quem nos lê,
Mas isso não ocorre com você,
Que não mantém a alma tão reclusa.

Espairecer um pouco, bem se vê,
É norma que queremos que se induza,
Sabendo que quem come se lambuza,
Se nunca comeu antes *garrolê*.

A liberdade é sábia companheira,
Sempre que nos permita caminhar,
Seguindo de Jesus na bela esteira,

Que é doce o navegar por esse mar
Em que, ao fazermos nossa brincadeira,
A rima mais preciosa é o verbo *amar*.

VI

Senhor, dai que sigamos a lição
Do amor do Cristo pela humanidade,
Rimando com o amor a caridade,
Que deve harmonizar no coração.

Assim, Jesus nos deu sua verdade,
Na forma condensada do perdão,

Que os anjos, em seus hinos, cantarão,
Dando aos seres total felicidade.

Fazei com que tenhamos, na consciência,
A rima mais correta p'ra virtude,
Que passa pela norma da obediência,

Em cada pequeníssima atitude,
Desempenhando bem toda incumbência,
Eliminando o mal que nos ilude.

6.º DIA

I

A inveja pode ser até que boa,
Ao mover o indivíduo a servir,
Querendo sobre os mais sobressair,
Deixando de fazer a coisa à toa.

No entanto, ao pensarmos no porvir,
Será triste pecado, se a pessoa
Julgar que o pensamento não destoa
Da lei que nos obriga a progredir.

Na vida, não existe perfeição,
Por isso é que aceitamos o desejo
De ser assinalado o caro irmão.

Porém, depois, no etéreo, vem o ensejo
De receber do Pai o seu perdão,
Se confessar com fé: — *O Bem almejo!*

II

O ódio que nos tranca o coração
E faz com que percamos nossa vida
Não tem, além da dor, qualquer saída,
Que a dor é que nos traz a salvação.

Depois de ter a alma arrependida,
De ter rogado ao outro o seu perdão,
As emoções do amor é que darão
As normas p'ra empreender de novo a lida.

Por que sofrer um tanto desde agora,
Se temos da doença o bom remédio
Que nos porá de pé sem mais demora?

Obremos p'ra evitar o vil assédio,
Rogando que esse mal vá logo embora,
Sabendo que é produto só do tédio.

III

No dia em que os colegas se reúnem,
O tempo fica curto para nós,
Tendendo este soneto a ser atroz,
Que a pressa e o desespero mais nos punem.

Contudo, quase sempre a nossa voz
Alcança os que do fato se premunem:
Alvorço, se os entes muito zunem;
Alegria, se o médium abre os nós.

Os seres que atormentam este dia
(Perversidade torpe de um momento)
Acabam por trazer sua poesia,

Que a falta dela há de pôr lamento
No coração de quem melhor faria
Se abrisse suas asas para o vento.

IV

Conscientes da imperfeita melodia,
Teimamos em voltar à velha rima,
Pois não queremos ver a doce estima
Perder-se, por pensar estar *em fria*.

Os versos que fizemos logo acima
Procuram não rimar *patifaria*
Com algo que p'ra nós também daria

A ideia de que o médium desanima.

Fizemos os sonetos com amor,
Que o belo sentimento nos fascina,
Embora não saibamos seu valor

P'ra quem nos lê com alma pequenina,
Cuidando que não paga a pena pôr
Um olho só no verso que arruína.

V

Sentimos ter de vir p'ra declarar
Que o gênio não nos serve para nada,
Na esfera em que a pessoa está parada,
Não indo nem ao menos devagar.

O modo de pensar deixa calada
A turma que aqui veio poetar,
Que o tédio enxameia o nosso ar
E a bruma da ilusão esconde a estrada.

Jesus também sentiu a mesma dor,
Na hora em que se viu bem preso à cruz,
Contudo pôde orar ao bom Senhor,

Que era dele a doce e forte luz.
A nós cabe rogar que haja amor
Em quem por estes versos se conduz.

VI

Ativo, o nosso médium se estimula
A prosseguir, impávido, no clima,
Pois a facilidade o reanima,
Ao ver que o nosso verso jamais pula.

Aberto o seu estojo, tira a lima,

Aparando as arestas numa vula.
No entanto, esse seu gesto não regula,
Pois nunca tem a rima mais opima.

Nos últimos minutos, fecha o verso,
Querendo despachar-se para o Centro,
Mas pensa um pouco que, talvez, perverso,

Fugiu do tema, por estar por dentro
Das normas que nos regem o universo,
Como no molho nunca põe coentro.

7.º DIA

I

A raiva que sentimos muitas vezes
Reflete o destrambelho das misérias:
As vibrações da gente são bem sérias,
Se os pensamentos forem mui soezes.

Carente de gozar algumas férias,
Depois de trabalhar durante meses,
Obtenham os estilos bons jaezes,
Os temas, há de ver beirando a lérias.

Assim, sem se esforçar, deixa o recato
Inútil, que o ditado lhe faz moça.
Sabendo que a atitude é desacato,

Pergunta se, com ele, há quem possa.
Aí o que se atreve paga o pato,
Que o máximo que alcança é esta *joça*.

II

O lucro desta tarde de poesia
Está no cumprimento do dever,
Não tanto pela estrofe que escrever,
Bem mais para firmar filosofia.

Por isso, um verso bom nos fará crer
Que o tema que se assunta arruinaria,
E outro que falseia a melodia
Terá para o mortal maior poder.

Depende de quem lê a sã Doutrina,
Que um simples verso torto desconcerta.
Não é o que Jesus por bem ensina?

Quem é que, estando zozzo, está alerta?
Quem é que, sendo mau, a amar se inclina?
A dor é que mantém a alma aberta.

III

Importa ao bom leitor a bela rima,
Querendo sempre mais do nosso plano.
Porém, temos limites, que é insano
Pensar que o nosso verso nos redima.

Queremos que, no mundo, o desengano
Não ouse arruinar a nossa estima.
Assim, quando esperar uma obra-prima,
Não pense que nós somos *pé-com-pano*...

Lembranças de Jesus são suficientes
P'ra pôr em movimento sua cabeça,
Que algumas das lições são muito *quentes*.

Por isso, é bom que sempre estabeleça
As normas p'ra estudar mais eficientes,
Fazendo que o soneto no bem cresça.

IV

Corremos pela raia mais externa,
Distante dos primeiros dessa fila,
Que a lei todos teremos de cumpri-la,
Firmada no Universo como eterna.

Assim, quem mora numa simples vila
Ou passa a temporada na caserna
Não pode pretender a quem governa

Dizer que não compreende por que estrila.

Atropelamos, nesta reta, assim,
P'ra não ficarmos trôpegos no fim:
Algo de bom havemos de deixar.

Se esta imagem turfística valer,
Iremos encerrar nosso dever:
Também é bom quem chega devagar.

V

Quando Jesus nos disse, lá no monte,
Que o pobre se haveria de exaltar,
Sabia que seria devagar
Que o povo construiria sua ponte.

Aquele que não pode se humilhar,
Conquanto a tal vaidade não se aponte,
Por mais que enxergue longe no horizonte,
Não vai a outra margem divisar.

Sossegue o coração, amigo velho,
E estude cada ponto do ***Evangelho***,
Que ali vem resumida a sã Doutrina.

Querendo um pouco mais, leia Kardec:
Não deixe que a visão dos olhos seque,
Que a dor nem sempre o bem ao povo ensina.

VI

Sagrado despertar está na fé
De que fazer o bem é transcendente.
Feliz é todo aquele que amor sente,
Sabendo que esse rio sempre dá pé.

Por isso, o nosso verso se ressentente

De alguém disposto a dar-lhe cafuné,
Que a turma que verseja sempre é
Aquela que se faz inconveniente.

Por que não confiar em que o leitor
Consiga desfazer as armadilhas
Que a vida não lhe cansa de dispor?

As águas que no mar batem nas quilhas
Apenas nos comprovam que há valor
Nas rimas que tratamos como filhas.

8.º DIA

I

Na esteira de Jesus, ninguém se engana,
Que a vida nos ensina a amar também
Àqueles que disseram que não têm
De auxiliar quem sofre a menor gana.

Saindo para a luz, não há ninguém
Que chegue a imaginar que não se irmana,
Pois sobre todos nós é soberana
A justiça do Pai, que sempre vem.

Quem se vê a si mesmo em cada irmão,
Adiantado que esteja em sua trilha,
Estende a qualquer um a forte mão.

Quem queria atirar desengatilha,
Pondo de lado a tal preocupação
De suspeitar, no amor, vil armadilha.

II

Intrépido, o poeta desafia
A argúcia do leitor que quer bem mais,
Deixando os seus poemas sempre iguais,
Que a virtude requer sabedoria.

A Saulo perguntou: — *Aonde vais?* —,
Sabendo qual resposta lhe daria.
E a nós o que Jesus perguntaria,
Para fazer calar os nossos ais?

Estranho sentimento nos perturba,
Sempre que conseguimos exprimir
A ideia que nos trouxe aos pés da turba.

Mas para nós a dúvida é o porvir,
Caso o soneto tenha uma alma *furba*:
Estrada de Damasco a se esvair.

III

Broquéis, lauréis, na túrbida jornada,
Que os pífaros ressoem doce alegria,
Estrépitos sonoros de poesia,
Estéticos pendores, quase nada.

Quão fácil é esbanjar sabedoria,
Se não se importa quando desagrada
A lúgubre facécia — *caveirada* —,
Que só no som do texto se confia.

Falar do amor eterno de Jesus
Parece exorbitar de nossos temas,
Roteiro de um só verso que reluz.

As artes, cá na Terra, são supremas,
Na expressão material de quem conduz
A vida como um bloco de problemas.

IV

"*Momentos de paciência*", pensarão
Os que nos julgam faltos de vergonha.
Se alguém, contudo, o amor mais puro sonha,
Vai entender co'a luz do coração.

Por que não confiar n'alma risonha
Que bate o *mea culpa* da escansão,

Querendo que o soneto seja bom,
Que a broa sai do milho, e a pamonha?

Não há um tronco só sem um só nó,
Que a vida sem enganos não é vida,
Como não pode o corpo não ser pó,

Depois que a alma voa, combalida,
Por ter, quanto ao prazer, tamanho dó:
Assim é que à paciência nos convida.

V

Requer o médium que tenhamos dó,
Por tanto verso torto e desabrido.
E quer saber de que nos tem valido,
Quando o papel exerce de coió.

De fato, este soneto será lido
Um pouco antes só de virar pó.
Mal comparando, é como pão-de-ló,
Cujo destino é o de ser comido.

O tempo de um soneto é muito curto:
Um átimo no eterno devaneio.
Melhor, portanto, seja a arte um surto,

Que o verso, mesmo quando muito feio,
Vai praticar na mente um simples furto,
Que a eternidade não nos dá receio.

9.º DIA

I

Um verso só que tenha muita luz
É tudo o que pedimos ao Senhor,
Mas, para lá chegar, há que o amor
Crescer no coração, qual de Jesus.

E há que à vida também dar valor,
No carregar sagrado dessa cruz,
Que em ter virtude tudo se reduz,
P'ra que tal rima venha a se compor.

Doce esperança, então, nos cresce n'alma,
Pois a Doutrina impõe a perfeição,
Que a perfeição, na arte, leva a palma,

Bastando compreender a cada irmão,
Lição suprema cuja fé acalma:
Está na caridade a salvação.

II

Quem traz no coração o amor divino
E esparge pelo mundo o rico dom
Muito perto estará da perfeição:
Cantemos-lhe, portanto, um doce hino.

Mas, neste mundo, poucos homens são
Capazes de aprender do bem o ensino,
Pois querem dominar o seu destino,
Buscando em tudo sempre ter razão.

Obedecer à lei é o tal segredo
De progredir, no encalço de Jesus.
Amar ao Pai se aprende desde cedo.

Pois é no amor que a vida se reduz,
Quando se enfrenta o mal, sem nenhum medo
De ser feliz nas bênçãos dessa luz.

III

Nesse mundo, o infortúnio gera crises
Que dão aos indivíduos xeque-mate.
Aí, cada palavra é disparate,
A revelar que são muito infelizes.

Descompassado, o coração lhes bate,
Ao perceber dos males as raízes,
Na ausência das severas diretrizes,
Que existem leis regendo esse combate.

Quem será a pessoa que, na Terra,
Deixou um rastro de pujante luz,
Tendo enfrentado a dor de dura guerra,

Até que terminasse numa cruz?
É xeque-mate a crise de quem erra,
Por não saber o nome de Jesus.

IV

Valei-nos, caro Mestre, nesta vida
Que a morte, um dia, abre o seu mistério,
Fazendo ver que o tema é muito sério,
Para se ter a alma arrependida.

Ao carregar um corpo ao cemitério,
Medita um pouco nessa dura lida,

Pois sempre a meditar ela convida,
Caso tenhamos dúvida do etéreo.

Aí é que Jesus se compadece
E manda missionários para o mundo,
A repisar as leis que o mundo esquece,

Pessoas cujo amor é tão profundo
Que basta uma palavra desta prece,
Para entender a vida num segundo.

10.º DIA

I

Iluminai, Senhor, nosso caminho,
Que esta agrura de vida é quase infinda.
Tornai nossa alameda muito linda,
Dando-nos compreensão de cada espinho.

Se o domínio da paz nos falta ainda,
Não nos falte também vosso carinho.
Se o progresso nos vem devagarinho,
Certo é não nos deixardes na berlinda.

Ao cumprir o dever com muito amor,
Iremos alcançar vosso perdão,
Para o que já fizemos sem valor.

Tranquilizai-nos, pois, o coração,
Favorecendo-nos a bem compor
Agradecida prece no refrão.

II

As tais virtudes que devemos ter,
Com o passar do tempo é que virão.
Mas só vão depender da reação
Que nos causar o ônus do dever.

Quiséramos o fim da evolução
E, para conseguir o tal poder,
Os sacrifícios que se vão fazer
Não nos devem pesar no coração.

O exemplo de Jesus é taxativo,
No sofrimento atroz da triste cruz,
Que o povo que o pregou lhe deu motivo

P'ra que velasse ao mundo a sua luz.
No entanto, ressurgiu mais forte e vivo
E o seu amor a vida nos conduz.

III

— *Entrego os pontos!* — diz desesperado
Quem da palavra de Jesus duvida,
Porquanto o desejar vencer na vida
Terá de ser melhor estruturado.

P'ra se aperfeiçoar, durante a vida,
Tem a maldade de ficar de lado,
Mas isso exige que o dever sagrado
Sobre noss'alma com amor incida.

Jamais se entregue às mãos do vil destino,
Que vai arremessá-lo no ostracismo,
Ao desprezar da lei o rude ensino,

Que o desespero vai abrir-lhe o abismo.
Onde o remédio para o desatino?
Nas mensagens sutis do Espiritismo.

IV

Quem ao materialismo impôs um breque,
Desenvolvendo a tese de outros planos,
Evitando aos mortais tristes enganos?
O mestre lionês Allan Kardec.

A sua excelsa obra, há muitos anos,
Impede que o fervor do povo seque,
Que os temas de que trata, como um leque,

Se abrem p'ra consciência dos humanos.

Se estamos cá na Terra a poetar,
Mostrando que essa vida continua,
É só nossa função vir indicar

Que a espiritualidade ainda atua.
O bom é ler Kardec, devagar,
E formular ideia toda sua.

11.º DIA

I

Na hora da partida, sente medo,
Se não tiveres nunca honrado a vida,
Pois, desde cedo, a luta é mais renhida
E o gosto da saudade muito azedo.

Aceita o pessoal que te convida
A desfazeres simples arremedo,
E imerge no trabalho bem mais ledo,
Sabendo que o futuro vem da lida.

Imita de Jesus o dom do amor
E faze com que o bem exceda o mal,
Porque doce canção hás de compor.

Não há que se perder da vida o sal,
Posto no coração haja rigor,
Mas torna o teu saber bem natural.

II

Quiséramos que a vida fosse boa,
Que todos os irmãos fossem bacanas,
Que as suas atitudes, mais humanas,
Nos mostrassem que o bem sempre ressoa.

No entanto, nos domínios dos sacanas,
Notamos muita gente ali, à toa,
Que o tempo da preguiça sempre voa,
Tornando as viciações mais soberanas.

O tempo passa lento p'ra quem sofre,
Fazendo o desespero quase eterno.
Por isso, das virtudes abre o cofre.

Jesus nos deu as leis do coração,
Que deve ser leal, honrado e terno,
Sublime ao caminhar à redenção.

III

Se temos um soneto p'ra compor,
Não vamos dispensar o caro irmão,
Embora conheçamos, de antemão,
Ser mui difícil algo de valor.

Contando com a lei da reação,
Na ânsia de fazê-lo com amor,
Difícil, muito embora, quanto for,
Poremos toda a fé no coração.

Por que falar do Pai, num simples verso,
Que traz a marca rude do imperfeito
Roteiro de quem é muito perverso?

Aceitai-nos, Senhor, que o nosso peito
Resguarda todo o amor deste Universo,
Conquanto poetemos tão sem jeito.

12.º DIA

I

As falas que escutamos nesta vida

Contêm bem mais do que reclamações:
Os homens são sutis nas discussões,
Querendo prevalência sobre a lida.

Mas vamos preparar os corações,
Que a morte quase sempre nos convida
A carregar a alma arrependida,
Por não nos termos dado às concessões.

Jesus também gostava das conversas
E não negava fogo aos inimigos,
Sabendo as intenções muito perversas.

E teve de enfrentar tantos perigos
Quantas as más razões vinham imersas
Nos tolos preconceitos dos antigos.

II

A Pátria, que nos dá seu agasalho,
Requer de nós sejamos seus bons filhos.
E nós que andamos sobre rijos trilhos
Jamais iremos percorrer atalho.

A formação moral tem estribilhos
Que não aceitam simples quebra-galho,
Ao impedir em nós um ato falho,
Que o dever não tolera pecadilhos.

No etéreo essa exigência diminui
Da parte de quem age com fervor,
Que a vibração do bem mais contribui

Para que o homem tenha o seu valor
Reconhecido, já que sempre flui
Do coração a fonte desse amor.

III

Catorze são os versos do soneto,
Catorze os movimentos cá da Terra:
Se o compasso de algum o pobre erra,
Não há como acertar o minueto.

Se o povo declarar-nos triste guerra
E nos puser p'ra fora do coreto,
Eis que o nosso destino fica preto
E a nossa inspiração logo se encerra.

Assim, vamos cumprindo o bom dever,
Em busca de acertar a rima pura
Que o nosso entusiasmo há de conter.

E qual o bem que o ritmo assegura?
O amor ao Pai detém esse poder,
E a benquerença a toda criatura.

13.º DIA

I

Conquanto houvesse falhas tipográficas,
É sempre bom estarmos publicados,
Que as nossas rimas hão de ter bons fados,
Ainda que tão longe de seráficas.

O regozijo põe-nos preocupados
Com as maneiras clássicas ou sáficas,
Pois as virtudes, quando psicográficas,
Surtem alguns efeitos desusados.

Não vamos comentar as reações,
Que a humanidade é muito misteriosa,
Quando se trata destas escansões.

Nós aguardamos que haja alguma glosa
Que replete de amor os corações,
Estímulo gentil de que se goza.

II

Campeia pelo mundo tal desgraça
Que a gente não se lembra mais de Deus,
Embora poucos sejam só ateus,
Que as religiões lhes servem à trapaça.

Se, ao menos, não pensassem só nos seus,
Iriam ver que a dor os ameaça,
Que a vida, devagar, um dia, passa,
Dando aos bens da matéria triste adeus.

Ao despertarem, sentem que o mistério
Lhes reservou um trágico destino,
Que existe vida após o cemitério.

Por que desprezam tanto o nosso ensino,
Por mais busquemos algo muito sério,
P'ra pôr de tema neste etéreo hino?

III

A turma que verseja neste dia
Não quer causar problemas ao amigo,
No entanto, não se foge do perigo
De ver que alguma rima nos judia.

Por isso é que nós temos bom abrigo,
Nesta terminação que imbricaria
Se fosse mais sutil a melodia,
Arranjo de um poema ao modo antigo.

Enseja-nos o verso esta ocasião
De pôr em pratos limpos nosso tema,
Conforme nos obriga a opinião.

Com arte, com sutil estratagemas,
Os nossos companheiros dão o tom,
Para que o médium nunca o verso tema.

14.º DIA

I

Declaro o meu amor pela existência,
Embora eu tenha muito o que fazer.
Mas peço ao Pai apenas o poder
De demonstrar ao mundo essa excelência.

Em versos rudes, cumpro o meu dever,
Conquanto sinta pouca competência
P'ra promover, nas almas, refulgência,
Que a minha luz mal dá para escrever.

Às vezes, sinto um certo desconforto,
Por ter Jesus calado a sua pena,
E penso neste versejar tão torto.

Que triste é ter a mente tão pequena!
Poema que já surge natimorto,
Que o coração da gente não condena.

II

Jesus sempre caminha pelo etéreo,
A promover o amor pela existência.
Aos homens deste mundo deu ciência,
P'ra que se leve a vida mais a sério.

E quando viu na Terra intransigência,
Kardec desvendou mais o mistério,
Propondo a quem sofria refrigério,
Se à lei se mantivesse obediência.

Enxames de entidades se apiedam
E vêm trazer mensagens de valor,
Que, nesse caso, as vozes não se vedam.

Seja mambembe o verso quanto for,
As normas do evangelho não se azedam,
Pois sempre existe alguém que sente amor.

III

As vozes que nos chegam doutra esfera
Fornecem diretrizes p'ra virtude:
É sempre uma esperança que se mude
Para melhor o povo, nesta era.

Que tal se definir qual atitude
Irá convir melhor com que se espera
De quem apenas pensa e nada gera,
Por suspeitar que o etéreo nos ilude?

Fazer o bem ao próximo é de lei.
Amar ao inimigo é o supra-sumo
P'ra quem defende os vínculos da grei.

O amor ao Pai do Céu é bem o rumo
Que vai levar do pobre até o rei.
Não está bem assim nosso resumo?

IV

Nostálgica figura compromete
A limpidez da ideia que floresce.
É como se, em velório, alguém nos desse
Um tamborim e um saco de confete.

Por isso é que é difícil que não cesse
A inspiração de um verso que repete
A mesma rima, sete vezes sete,

Podendo ser mui farta a nossa messe.

Mas, que fazer, se veio de Jesus
O mandamento que nos faz amar
Mesmo quem nessas trilhas se conduz?!

Amar, que nesse caso é perdoar,
Que assim é que se acende a clara luz
E sai o pando barco pelo mar.

15.º DIA

I

Às vezes, a coruja pia forte,
Para assustar, à noite, os inimigos.
É um modo de afastar-se dos perigos,
Que a luta só termina com a morte.

O Espiritismo nos fornece abrigos,
Ao indicar p'ra vida o melhor norte.
Assim, não se lamente dessa sorte,
Mantendo o seu amor para os amigos.

Não há que duvidar do jogo sério
Que representa o bem, nesta existência,
Não só aqui na Terra mas no etéreo.

Transforme a condição em consciência;
Não aja nessa lida tão aéreo,
Mas faça da Doutrina uma Ciência.

II

Às vezes, nosso enredo causa espanto,
Inusitada rima em verso solto,
Que põe nosso leitor mais desenvolto,
Para aceitar o tema deste canto.

Quisera Deus que fôssemos mais douto,
Para envolver a frase em doce encanto,
Fazendo o poetar próprio de um santo
E não tal tempestade em mar revolto.

Porém, nunca nos falha o bom Jesus,
Que chega com exemplos da virtude,
Pondo nos nossos versos muita luz.

Ao ler-nos, todo o povo não se ilude,
Que estamos carregando a nossa cruz,
Querendo que a poesia a mente mude.

III

Os nossos compromissos com a rima
Não são os mesmos dos gentis mortais.
Quiséramos os versos bem iguais,
Contudo, utilizamos outra lima.

No etéreo, o bem exige sempre mais,
Enquanto o belo aqui na Terra prima.
Ali, só a verdade legítima;
Aqui, os sons palpitam naturais.

No entanto, quando alguém pensa em Jesus,
Esteja aqui na carne ou lá no etéreo,
Vai dar ao verso sempre muita luz.

Por mais que seja o tema rude e sério,
Bem leve sempre fica a nossa cruz,
Na rima em que nos dá seu refrigerio.

IV

Conquanto não tenhamos preparado,
Aqui vai um soneto no improvisado.
Que sirva tão somente para o aviso
De que tudo vai bem do nosso lado.

Se o nosso médium conservar seu siso,
Não sendo nunca mais precipitado,
Terá um bom refúgio para o enfado,

Que o nosso gato soará seu guizo.

Assim, a lida vai passando o amor
Com que Jesus nos deu sua mensagem,
Não tenha embora o verso tal valor.

De qualquer forma, estamos de passagem,
Nesta alegria que nos dá compor,
Em doce refrigério da viagem.

V

A luta que travamos contra a dor
Não deve pressupor que haja injustiça,
Que é natural na Terra a dura liça,
Seja a pessoa rica quanto for.

Assim, nossa revolta mais atiça
A chama que devora o sofredor.
Ajamos com Jesus, em puro amor,
Que a flor do bem na vida brota e viça.

Façamos da paciência essa virtude
Que torna os santos donos da verdade:
Felicidade é dom que não se ilude.

Se o verbo de Jesus nos persuade,
Fazendo com que a mente um dia mude,
Desviar-nos do Pai não há quem há-de.

VI

Um último soneto, neste dia,
Há de conter as rimas mais pernetas:
Estamos preparados para as tretas,
Que tudo há de caber nesta poesia.

Existem, cá no etéreo, alguns xeretas

Que dizem entender da melodia,
Mas, quando vão ditar, só põem em fria
Aquele que não quer as coisas pretas.

O que dá p'ra fazer em seis minutos,
Que foi o tempo posto para nós?
Apenas estes versos muito brutos.

Mas não reclame desta nossa voz:
Por mais que os desta turma são corrutos,
Não querem que o soneto saia atroz.

16.º DIA

I

As forças da justiça deste mundo
Nem sempre vão em busca da verdade:
O interesse maior da propriedade
Do direito é o sentido mais profundo.

Quem trazer para o etéreo a veleidade
De manter o princípio, um só segundo,
Vai saber, na verdade, quanto é fundo
O oceano do orgulho e da vaidade.

Não existe interesse que se preze,
A não ser a vitória dos amigos,
Caso o progresso d'alma nunca lese.

Assim, há que enfrentar sérios perigos
Aquele que por pouco logo enfeze:
Lição que nos ensinam os antigos.

II

Sabemos, de antemão, que a nossa rima
Não tem o brilho puro da verdade,
Porém, que o nosso amigo não se enfade,
Querendo ter aqui uma obra-prima.

Saindo pela Terra, em *promenade*,
O belo na poesia é o que se estima,
No entanto, este mistério é o nosso clima,
Que o bem é séria lei que o verso invade.

Jesus também esteve co'os humanos

E trouxe versos lindos na algibeira,
Querendo pôr um fim em seus enganos.

Agora, mesmo quando não se queira,
As rimas vão causar bem sérios danos,
Que a tese da poesia é verdadeira.

III

Saindo um pouco só deste roteiro,
Iremos pôr mais medo em nosso irmão
Que espera, nestes versos, solução,
Que a dúvida, na vida, vem primeiro.

Contudo, caso ouça o coração,
Porá nesse temor um paradeiro,
Que o mundo está ali, todinho, inteiro,
No aguardo tão somente da razão.

E como descobrir toda a verdade?
Cumprindo, com amor, cada dever,
Que a lei exige meiga caridade.

Assim, o que esta turma descrever,
Por mais que o bom leitor a rima agrade,
Não pode, sobre o bem, ter mais poder.

IV

No dia em que, no centro, a turma estuda,
Eu sinto o bom desejo de lá ir:
É útil a leitura de se ouvir,
Que é lendo que se tem total ajuda.

Os temas me preparam o porvir,
Que a falha do caráter se desnuda
E o plano de trabalho logo muda,
Na linha que me leva a progredir.

O texto desse irmão, André Luís,
Missionários da Luz, é bom exemplo
De como pode um livro ser feliz.

O Chico Xavier se fez um templo
De luz e de labor — *Chico de Assis*:
Com dons de tanto amor, eu me contemplo.

17.º DIA

I

Se ficar este dia sem um verso,
Nem por isso estarei um pouco triste.
Se você, entretanto, aqui insiste,
Dar-lhe-ei um soneto não perverso.

Haverá quem esteja, dedo em riste,
Acusando o sentido controverso,
Que o tema deveria ser diverso,
Mas não tenho a tendência para o chiste.

Depois disto, os seus filhos vão dizer
Que a tarde se perdeu para a poesia,
Mas se encheu de carinho e bem-querer.

Como é bom reunir-se, em alegria,
Que é o amor que lhes dá esse poder.
Quer parar? Então, saiba: — *Eu pararia...*

18.º DIA

I

A notícia que chegou ao meu ouvido
Veio cheia de promessas de fortuna,
Mas a minha reação mais oportuna
Foi pensar se o tal aviso faz sentido.

Não é justo que se queira da tribuna
Dar ao povo todo tema resolvido.
Gostaria que assim fosse, mas duvido
Que ao meu lado muita gente se reúna.

Cada qual deve saber da sua vida,
Que é por isso que Jesus nos prometeu
Dar os pontos mais preciosos para a lida.

Já pensaram que seria estar no Céu,
Sem saber a qual virtude o amor convida?
A verdade não aceita nenhum véu.

II

Ao chegarmos p'ra fazer os nossos versos,
Deparamos com um caso interessante:
Nosso médium, tão cansado, iria avante,
Ou faria só sonetos mui perversos?

Nada vimos nessa vida semelhante,
Pois andamos na consciência bem imersos.
Para nós, os corações são universos
Que a razão, conforme o tema, nos garante.

Ao sentir que o seu desejo oferecia
Margem boa para as rimas desta hora,
Variamos nosso metro e esta poesia

Deu-lhe tratos à cachola, muito embora
Resolvesse que o problema não seria
O cansaço, que essa lei cá não vigora.

III

Quem tiver a pachorra de nos ler,
Sem querer pôr um basta em cada rima,
Aos poucos, irá ver que a nossa estima
Vai formando-lhe n'alma bem-querer.

Quem sustenta a amizade neste clima
Não requer ao Senhor nenhum poder:
Basta apenas ter força p'ra dizer
Que não sabe fazer uma obra-prima.

Qualquer prece que é dita co'emoção
Terá bem mais valor que esta poesia,
Que supõe prevalência da razão.

Para isso, contudo, eu não viria,
Pois conservo no peito um coração
Que sobre o verso tem bem mais valia.

IV

Confirma este meu médium seu intuito
De prestar o serviço até o fim,
Correndo o sério risco do ruim,
Que está para fechar curto-circuito.

Mas, ao dizer tal coisa para mim,
O pobre teve de pensar que o *fruito*

A ser colhido não seria muito,
Conquanto um clássico diria assim.

Que pensa o povo deste verso tardo,
Que sofre tanto p'ra falar de amor?
Há de dizer que à noite o gato é pardo

E que não vale a pena de compor,
Se cabe a ele carregar o fardo,
Pois é a vida expiação e dor.

V

Fico contente por saber que é certo
O compromisso com que o povo vela
Que esta poesia, cada vez mais bela,
Não fique impressa apenas no deserto.

A natureza que se pinta em tela
Não tem a vida que se sente perto
De um coração que se mantém aberto,
Pela pureza que o amor revela.

Queira Jesus que o nosso verso traga
Toda a alegria de um viver modesto,
Que é sempre justo receber a paga

Pelo trabalho que se faz honesto,
Quando se sabe que é tão dura a saga
De quem não fez aos homens simples gesto.

19.º DIA

I

O desejo de amar eternamente
Há de nascer em coração bem puro,
Tal que não sei dizer exato (eu juro)
Como se faz para mostrar que sente.

É normal que a pessoa, no futuro,
Situe o sentimento em sua mente,
Vivendo, desde já, vida excelente,
Fazendo com que o irmão fique seguro.

Orar com devoção sempre dá pé,
Que envolve quem no etéreo nos protege,
Crescendo-nos na alma melhor fé.

Paciência é a virtude que nos rege
O perpassar do tempo em que se é,
Que eternamente amar o bem elege.

II

Espero que o presente seja bom,
Que a vida seja sempre mar de rosas.
Há forças, entretanto, poderosas,
Mudando da harmonia o belo tom.

Bem sabes que a virtude destas glosas
Exige que o poeta tenha o dom
De pôr, na melhor rima, o doce som,
Que é como o sentimento disto gozas.

Perfeito, este meu metro corre o risco
De ter do eterno apenas a ilusão,
Que o tempo p'ra um soneto é um corisco

Que torna clara toda a imensidão,
Mas só quando na hora eu não pisco:
Compõe, neste presente, o coração.

III

Senhor, fazei de nós servos gentis,
Capazes de escrever versos de amor,
Conquanto a liberdade de compor
Esteja da poesia na raiz.

Sutis, fazei de nós, servos, Senhor,
Que estamos da malícia por um triz,
Descrentes de que possa ser feliz
A rima que se faz feia de dor.

Jesus, quando nos pede que criemos
Mais fé, mais esperança e caridade,
Nos põe nas mãos pesados, rudes remos.

Remar co'as próprias forças há quem há-de,
Porém, os que aqui gemem, bem sabemos,
Contentam-se em dizer só a verdade.

IV

Alegres por chegarmos a tal ponto,
Iremos festejar esta vitória,
Pois um soneto só seria a glória:
O quarto está a deixar o grupo tonto.

Assim, quando contarmos nossa história,
Por mais que nós façamos bom desconto,
Teremos de dizer que estava pronto

O verso despojado desta escória.

Mas vão dizer que é simples nosso verso,
Que o tema só repete o que é comum,
Embora fuja o som de ser perverso,

Pois mérito há de ter, que ter nenhum
É pôr um contrassenso incontroverso,
No tema da alegria, ao compor um.

V

Estamos tão eufóricos que a rima
Se põe sozinha neste fim de verso,
Embora com sentido bem diverso
Do que se espera seja uma obra-prima.

O grupo vai agora ser disperso,
Mas antes quer deixar a sua estima,
Que é como o seu amor se legitima,
Se estiver de verdade nele imerso.

Abençoa, Senhor, nossos amigos,
Que vieram conosco na viagem,
Arriscando a intempérie, sem abrigos,

Confiando no bem desta mensagem,
Sem temor de enfrentar grandes perigos,
Que aprenderam de nós a ter coragem!

20.º DIA

I

— *Quisera ter visões do campo etéreo.*
Pede-nos nosso amigo, com temor,
Sabendo, embora, que seu benfeitor
Não julga esse desejo muito sério.

Não é difícil seja de supor
Que, um dia, todos nós o tal mistério
Vamos topar, após o cemitério,
Tendo vencido as ânsias desta dor.

Assim, é ter paciência, ó caro amigo,
Que o tempo é só questão de decorrer.
Enquanto passa a vida, vem comigo

Cumprir este trabalho, que é dever
De todos que se afastem do perigo
De pressupor que tenham grão poder.

II

A vida passa sempre e o mal se cura,
Quando o trabalho faz que meditemos
Sobre os bônus do amor, como supremos,
Para a felicidade ser mais pura.

Quando Jesus nos deu os fortes remos,
Que a cruz carrega cada criatura,
Foi p'ra sentirmos sempre mais segura
A travessia entre os dois extremos.

A nossa alma, então, se rejubila,
Quando nos vemos prontos p'ra partir,
Não tendo medo de que vão medi-la,

Pois sempre há de existir um bom porvir,
Quando, na caridade, o dom se exila,
Levando o irmão conosco a evoluir.

III

As forças negativas cá do etéreo
Encontram sempre campo para o mal,
Que o homem põe em dúvida o essencial,
Ao não levar a vida muito a sério.

Havemos de mostrar que é mui geral
O desrespeito aqui pelo mistério,
Sabendo, embora, ser só refrigério
O riso franco, justo, bom, leal.

Quem quer que o seu irmão vá para o Inferno,
Porque lhe deu na vida um prejuízo,
Não saberá o que é ser no Além o eterno.

Um bom estudo, pois, será preciso,
Para entender que o bem é sempiterno.
E isso só se dá no Paraíso.

IV

As artes que julgamos valiosas
Para mostrar a vida cá do etéreo
Não seguem suas regras muito a sério,
Que apenas representam rudes glosas.

É que a virtude aqui é refrigério,
Como o perfume vem de belas rosas.
Enquanto, ó bom leitor, na carne gozas,

É hora de mostrar-te o que é o mistério.

Assim, pratica o bem, com muito amor,
Que a vida passa célere por tudo.
Seja você formoso quanto for,

Não ligue para a forma, sobretudo,
Que é ela que nos causa a maior dor:
Procura dar valor ao conteúdo.

V

Na áspera jornada deste dia,
As rimas nos tomaram boa parte.
Embora não saibamos bem a arte,
Podemos afirmar que foi poesia.

Armado de trabuco e bacamarte,
O crítico nos diz que assim seria,
Se a turma trabalhasse a melodia,
Mantendo suas normas, sem descarte.

A obra que trouxemos foi tão boa
Que a turma fez a crítica em conjunto,
Achando um só defeito, coisa à-toa,

No fato de não ter gentil assunto,
Que deixasse feliz qualquer pessoa.
Mas isso é só questão de chegar junto.

21.º DIA

I

A prece que nos vem do coração
É dita com maior desenvoltura.
Assim, pudesse toda criatura
Orar em harmonia de emoção.

Noss'alma se apresenta toda pura,
Ao menos quando pede ao Pai perdão,
Pois outros sentimentos sempre vão
Prejudicar a nossa compostura.

Serenos ante a eterna vida, agora
Nos cabe trabalhar com muito afinco,
A ver se, dia a dia, a alma melhora,

Até tornar-se alva, boa, um brinco,
O que p'ra todos nós inda demora,
Que as telhas são de vidro e uma de zinco.

II

A carga que trazemos nestas costas
Parecem bem mais leves cá no verso.
Se tu julgas o tema mau, perverso,
É certo que das rimas muito gostas.

Nas brisas da bondade estás imerso,
Pois queres que ganhemos as apostas,
Dizendo que, por bem, o verso arrostas,
Não tendo sentimento controverso.

É belo quando o povo nos estima
E reza p'ra que o verso não desande,
Sabendo quanto é pobre a nossa rima.

Aí, nosso entusiasmo mais se expande:
Conquanto esteja longe uma obra-prima,
Fazemos com que o amor no verso mande.

III

Parece que o espantalho da poesia
Afugentou o urubu que nos rondava;
E aquela dor que a alma nos travava
Agora se transforma em melodia.

Que importa, nesses olhos, grossa trava,
Que o povo cá na Terra não veria,
Pois traz no coração desarmonia,
Que é próprio do vulcão jorrar a lava.

Enquanto faço os versos nesta mesa,
Esqueço o sofrimento que me mata,
Perversos sejam, sem qualquer beleza,

Porque das pobres rimas ando à cata,
Julgando que, ao final, a luz acesa
Indique meu caminho, em meio à mata.

IV

Agradeço ao Senhor a rara bênção
De conceder-me a rima que consola.
Embora, p'ro leitor, seja uma esmola,
Permite aos que versejam que aqui vençam.

No charco do imperfeito a gente atola,
Contudo os desta turma logo pensam

Que os versos, como forem, bem compensam
O tempo que se gasta nesta escola.

Aceita, amigo, pois, a nossa voz
E segue estes conselhos na surdina,
Pensando, embora, seja tão atroz

A glosa que na alma desafina,
E reza uma oração por todos nós,
No amor que o Espiritismo nos ensina.

22.º DIA

I

A carga dos trabalhos que fazemos
Está bem ajustada à nossa mente.
Assim, não há que estar indiferente
Ao peso, ao deslocar os duros remos.

Se o barco, ao deslizar contra a corrente,
Nos faz estes esforços quase extremos,
Nos mostra que alcançamos bens supremos,
Pois é sadio o orgulho que se sente.

Agradecer ao Pai se faz mister,
Conquanto a luta não nos deixe claro
Que seja exatamente o que se quer.

Mais tarde, vamos ver o quanto é raro
De se encontrar quem tenha um bem qualquer
Cujo preço não haja achado caro.

II

Havemos de pagar as nossas contas
Com o fruto das lides mais penosas,
Mas não tão fácil como as doces glosas
Que são de se estimar, depois de prontas.

Dispõe-te, ó bom amigo, a ver se dosas
Os versos que, na mente, sempre apontas,
Mas não faças a esmo nem às tontas,
Que as rimas mais sutis são mais formosas.

Assim, tudo na vida tem seu preço,
Que é pago com esforço na labuta.
No fim, hás de dizer: — *Eu bem mereço*

*Levar a palma d'ouro da disputa,
Porquanto, acima dela, eu me envaideço
Por ter posto de lado a força bruta.*

III

As praias são lugares em que a vida
Transcorre sempre simples e mui bela,
Mas quando todo o povo da favela
Não traz a multidão, que se convida.

Paisagem a fulgir em aquarela,
Agora se perturba com a lida
E a turba, como em ondas, convalida
Os crimes do arrastão que se encapela.

Quem sabe ter dos males a consciência
Não foge de enfrentar rude destino
E põe em bem viver toda a ciência.

No entanto, ao perceber o desatino
De dar às santas leis desobediência,
Relembra de Jesus o doce ensino.

IV

Quisera pôr mais força nestas rimas
A ponto de vencer o compromisso
De vir prestar ao povo um bom serviço,
Tornando estas poesias obras-primas.

Quem sabe se este verso, com mais viço,
Pudesse promover outras estimas,
Fazendo mais serenos nossos climas

E o povo mais feliz, por causa disso.

Mas penso nos poetas de outras eras,
Que lágrimas de sangue derramaram,
Para ver se esfumavam as quimeras,

Mas só alguns motejos alcançaram
E, agora, pairam longe, nas esferas,
Pois seus versos de amor realizaram.

23.º DIA

I

Na caminhada pela vida afora,
Nos comportamos como pobres loucos:
Momentos de prazer foram tão poucos
Que a lei da menor dor inda vigora.

É que, ao fazer ao bem ouvidos moucos,
O homem não percebe que demora
O dia quando os males vão embora,
Conquanto os sons das vozes sejam roucos.

Assim, quedar no etéreo sem trabalho
É pôr um pedregulho em cada pé,
Tornando o sofrimento em espantinho.

Por isso é que fugimos da ralé
Que quer nos embrulhar num agasalho
Que põe de lado o amor e a boa-fé.

II

As armas que empregamos nesta luta
Nos são oferecidas pela Terra.
Por isso, quando o metro o médium erra,
A rima fica estanque, irresoluta.

Mas quando um bom soneto a turma encerra
E vê que o povo todo a lei escuta,
O médium sabe bem que a força bruta
Esteve muito longe desta guerra.

Contextos não nos faltam p'ra aplicar
O ensino que nos dão os caros mestres,
Que o barco o que mais deve é ir ao mar.

Na ânsia de encontrar outros terrestres,
É bom que se navegue devagar,
Com medo de que tu nos defenestres.

III

P'ra transbordar o copo, uma só gota;
Para entornar o caldo, uma expressão;
P'ra conhecer gigante, um só dedão;
P'ra desprezar rasgado, uma alma rota.

P'ra transbordar de amor, um coração
Que saiba apreciar uma garota,
Embora tenha medo que, marota,
O faça alimentar-se em sua mão.

Assim é que esta rima se soletra,
Enquanto o nosso metro bem saltita.
Em baile em que almo amor dá de *penetra*.

Inteligência agora regurgita,
Que o parto da poesia só obstetra
Envolto de emoção extrai, catita.

IV

A levedura da cerveja cresce,
Processo químico, fermentação;
O nosso verso, sem calor, carece
Do aquecimento do seu coração.

Procure dar-lhe a última demão,
Que a nossa veia rítmica perece,
Como sufoca a mente deste irmão,

Por não sentir, no etéreo, o som de prece.

Arrevesado, o verso não dá chance
A que o encarnado cumpra o seu dever.
Assim, há que esperar que não avance,

Embora pague o mundo para ver
Qual vai ser, na rima, o melhor lance,
Que tenha sobre a dor força e poder.

24.º DIA

I

Atento para as páginas sagradas,
Segue o estudioso o meditar profundo:
Embora saiba forte a dor do mundo,
Não tem como atender de mãos atadas.

Daria a própria vida, num segundo,
Se visse as coisas bem melhor paradas,
Mas sabe que subir as tais escadas
Qualquer tem de fazê-lo mais jucundo.

Por isso, escreve versos numa folha,
Para mostrar à gente o compromisso
Que nos foi demarcado por escolha.

Não há que rejeitar nenhum serviço,
Pois não existe amor que não se colha,
Nem ódio que não sirva para enguiço.

II

As tardes que passamos escrevendo
Jamais serão contadas para a dor,
Conquanto esteja a rima um tal horror
E o metro tenha ressoar tremendo.

É que, ao fazer os versos com amor,
O sentimento n'alma vai crescendo,
Chegando a demonstrar que o som horrendo
Apenas acontece, sem valor.

Por isso é que nós vemos com bons olhos
A luta que se trava dentro d'alma,
Quando a maré nos leva ante os escolhos

Das rimas que requerem muita calma,
A contrair com força estes sobrolhos,
Na ânsia de que o bem nos traga a palma.

III

Espertos, vamos pondo os sentimentos
À mostra, para o ávido leitor
Que quer sentir, no verso, algum valor,
Para dar mais prazer aos seus momentos.

Mas seja tão perverso quanto for,
O verso há de fazer-nos bem atentos,
Para medir os próprios pensamentos,
A ver se são de amor ou de rancor.

Não seja muito crítico p'ra rima:
Compreenda que, no fundo, está a lei,
Pois toda ação leal se legitima.

Assim é que, pensando em sua grei,
Acrescente poder à bela estima
E diga ao tal rancor: — *Eu vencerei!*

IV

A brisa que nos traz o bem-estar
Embalsama a atmosfera ao derredor,
Fazendo-nos pensar seja melhor
A vida que se tem neste lugar.

Mas quem já viu o tempo bem pior
Sabe quão perigoso é navegar,
Que os arrecifes, que se põem no mar,

Deve lembrar por onde estão, de cor.

Como Jesus nos disse, certo dia,
O povo sabe de onde o vento vem.
Por isso, que se valha da poesia,

Para saber o que na mente tem
Que possa atrapalhar a melodia
E faça, desta vida, eterno bem.

V

Estrofes catastróficas se dão,
Quasímodas, na angústia do perigo,
A declarar que exigem bom abrigo,
Nos íntimos refolhos da razão.

A ânsia de existir é mal antigo
Que afeta o pessoal, no coração.
Por isso é que estes versos hoje vão
Fazer com que o leitor brigue comigo.

Não temo o desafio de melhor rima,
Porque vou declarar-me perdedor,
Se um pouco só afetar-lhe a cara estima,

Porquanto o que p'ra mim tem mais valor,
Não é ficar no abrigo de um bom clima,
Mas é sentir na alma o seu amor.

VI

Estrofes catastróficas diversas
Se põem de pé perante o bom amigo,
Que diz, sem titubeio: — *Pois não ligo*
Por lê-las, nesta página, perversas.

Sendo bem pouco o joio neste trigo,

*Não vou pôr atenção nessas conversas,
Pois sei que, na maldade, vêm imersas,
Apenas p'ra acenar-me co'o perigo.*

Se tal for a resposta para o aviso,
Iremos festejar nossa vitória,
Pois, p'ra pensar assim, se tem juízo.

Agora, se for outra a triste história,
Há de ficar mais longe o Paraíso,
Que a morte apaga sempre a luz da glória.

VII

As trevas que se põem à nossa vista
Nos fazem perceber o quanto é justa
A lei que, p'ra entender, muito nos custa,
Que a dor há de ser sempre bem mal vista.

É quando qualquer vício em nós se incrusta
Que vemos quanto a vida é realista,
Pois tão somente mostra que a conquista
Reflete que o caráter lá se ajusta.

Para vencer, na vida, um mau destino,
Fazendo com que o bem se estabeleça,
Havemos de entender o desatino

Que se instalou por dentro da cabeça:
No fim da vida, há de soar o sino
Que faz com que a virtude não se esqueça.

25.º DIA

I

As aulas mais gostosas que nos dão
Os mestres, que por nós se sacrificam,
Virtudes do evangelho aqui salpicam,
Transformadas em versos, como não?!

As ásperas jornadas significam
Que as luzes mais se acendem na razão
E os conceitos, um dia, levarão
Os homens a saber como é que ficam.

Artistas da palavra ganham força
E geram textos sempre mais bonitos,
Como no prado é bela e nobre a corça.

Assim, vamos buscando os infinitos,
Pois, se fizermos bem, não há quem torça
Os pensamentos, mesmo mal descritos.

II

Assumo inteiramente o compromisso
De dar aos bons espíritos guarida:
Que seja, doravante, a minha lida
Prestar-lhes, tão somente, bom serviço;

E o bem fazer, durante toda a vida,
Pois se aqui 'stou há de ser bem por isso,
Sem deixar-me envolver pelo feitiço
Dum'alma extremamente envaidecida.

Aceito, pois, as leis de Jesus Cristo
Por normas superiores de trabalho,
Pois é no amor que as forças mais invisto.

E peço ao Pai a bênção do agasalho
Dos protetores para quem, benquisto,
Estou levando o pouco que já valho.

III

Se não nos conformarmos com a sorte,
O Pai permitirá muitas mudanças,
Mas não nutramos tantas esperanças
De estarmos bem, ao enfrentar a morte.

É que do mundo vamos nas andanças,
Fazendo, nos projetos, tanto corte
Que não existe ação que não aborte,
Pela infeliz ideia das cobranças.

Por isso é que a prudência virá antes
De lamentarmos tudo o que fazemos,
Pois o bem nos obriga a ser constantes.

Como saber quais dons são os supremos?
É suficiente amar aos semelhantes,
Sem ver se os sacrifícios são extremos.

IV

Quando se bate à porta do destino,
Qual voz que ali se espera de se ouvir?
Por certo a que nos mostra que o porvir,
Para ser bom, rejeita o desatino.

A quem pretenda sempre evoluir
Não pode dar-se um teste pequenino,

Mas é de lei que aprenda o bom ensino
Do exemplo de Jesus, sempre a sorrir.

Na esteira desse barco, navegamos,
Ao condensar o cérebro na rima,
A fim de que haja frutos nestes ramos

Que possam despertar a nobre estima
De quem a atormentar a vida estamos,
Querendo que respeite esta *obra-prima*.

V

As flácidas poesias desta gente
Mantêm um certo ar de coisa séria.
Ao gracejar, porém, nossa miséria
Acaba por ficar mais evidente.

Mas não misture a péssima pilhéria
Com o conselho justo e inteligente,
O que será mui fácil a quem sente
Que a rima não se põe, por ser aérea.

O jogo das palavras não confunde
Quem tem noção exata da Doutrina,
Conquanto o rude verso agora abunde.

Qualquer boa experiência não se ensina,
Porquanto o que se quer é que redunde
Em forma-pensamento peregrina.

26.º DIA

I

A tarde em que o trabalho fica em branco
Não pode ser contada por perdida,
Porquanto é tanta a nossa boa lida
Que não há quem se encoste no barranco.

Queremos demonstrar a quem convida
Que o nosso carro pega até no tranco,
Embora o rude verso fique manco,
Nos chistes a que o médium dá guarida.

É que o fato de vir causa respeito,
Pois tem grande entusiasmo quem confia
Em que o nosso rimar venha perfeito.

Mesmo que fosse um só, lhe ditaria
A turma que p'ro amor abre seu peito,
Que em branco não lhe ficará a poesia.

II

Estando a vibração bem controlada,
É sempre certo a rima vir na hora,
Que a lei da sintonia aqui vigora,
Jamais estando a porta, assim, fechada.

Às vezes, a poesia ainda demora,
No ajuste de uma rima melhorada,
Pois sofre toda a turma por um nada,
Que a perfeição é tema que deplora.

O tempo há de passar de qualquer jeito,

Que a vida é um *continuum* de sucessos,
Até que o escolhido seja eleito.

A lei exige dele só progressos,
Pois, antes que se tenha por perfeito,
Alguns versos ruins verá impressos.

27.º DIA

I

As táticas do humano bem-estar
Incluem as malícias do dever,
Que a Pátria há de exigir de cada ser
Que renegue a promessa ao pé do altar.

Se tudo fosse feito em bem-querer,
O amor sempre teria o seu lugar,
O evoluir seria devagar,
Mas todos com seu tempo p'ra crescer.

Deste jeito em que as coisas todas vão,
A parte material traz desvantagens
E todos querem logo um bom quinhão.

E qual é a mais vista das mensagens,
Através da sutil televisão?
O aparato do luxo nas imagens.

II

Nós somos motivados a acusar
A triste condição de quem falseia,
Não tanto porque a coisa seja feia,
Porque o homem recua devagar.

É útil, quando a gente cambaleia,
Que haja quem nos venha auxiliar.
Assim, quando se chega a este lugar,
Sentimo-nos aranha em linda teia.

Aí, nossos leitores vão dizer

Que é fácil ditar normas de cadeira,
No olvido que tivemos de sofrer,

Por ter levado a vida em brincadeira,
Pensando sobre a sorte ter poder:
Agora vai ouvir-nos quem não queira.

III

Nas vascas do estrebuchado derradeiro,
Os homens se arrependem finalmente,
Porém, quem morre cedo pouco sente
Que a lei do puro amor é o bem primeiro.

São poucos os que dizem excelente
O rumo dessa nau o curso inteiro,
Logrando decretar um paradeiro
Aos vícios que atormentam sua mente.

Voltando dessa vida para o etéreo,
Recusam-se a aceitar o julgamento,
Pensando, como aí, não seja sério.

Esteja, caro amigo, bem atento,
Que o muro que lhe cerca o cemitério
Não sirva de limite ao seu alento.

IV

Suspeitas vão surgir que o rude verso
Não sirva p'ra nutrir doce esperança
A quem passa por santo, nessa andança,
Sem ter um pensamento só perverso.

Porém, quem, nesse mundo, mais avança
Percebe em pobre orgulho estar imerso
E julga o nosso ponto incontroverso
E sempre faz o bem e não se cansa.

Existe quem não queira trabalhar,
P'ra não mostrar ao Pai qualquer fraqueza,
Sem ver que é a imperfeição que o faz falhar.

Ninguém vai exigir-lhe uma proeza:
Apenas que caminhe devagar,
Até chegar, um dia, a esta mesa.

V

Parece tão distante o que propomos
Que até a nossa turma sente medo
De estar a exhibir o etéreo cedo,
A quem só quer colher, na vida, pomos.

Porém, não há fugir do certo enredo,
Pois criaturas lúcidas nós somos,
Sabendo que as laranjas têm seus gomos
E sumo, quer bem doce, quer azedo.

As luzes que acendemos nesta vida
Não hão de ter efeito para o cego,
Que existe sempre quem de nós duvida.

Mas como duvidar que houve prego
Que recebeu de alguém dura batida,
A pôr Jesus na cruz? Diga: — *Eu me entrego!*

VI

Em áspera jornada, nós chegamos
A passar a ideia de labregos,
Mas como sustentar nossos empregos,
Sem frutos a vergar os nossos ramos?!

A vida não tem só doces chamegos:
Existem servos, como existem amos.

Assim nós compreendemos que lhes damos
Alguns motivos para bons achegos.

Nossa tarefa exige competência,
Boa vontade e forte disciplina,
Pois versejar, no etéreo, é consequência

De muito estudo sério da Doutrina,
Que Allan Kardec transformou em ciência,
Segundo as leis que o Mestre nos ensina.

28.º DIA

I

As falhas que notamos nestes versos
Nem sempre dão recurso à correção.
Assim, vai perdoar-nos, caro irmão,
Se, às vezes, nossos textos são perversos.

Contudo, para o cesto nunca vão,
Pois o bom médium julga incontroversos
Os fluidos em que os temas são imersos,
Querendo aproveitar seu trabalhão.

Qual impressão lhe dá este soneto,
Que trata de si mesmo com clareza:
Tem o ferreiro de madeira o espeto?

Ou pensa que, mais tarde, junto à mesa,
Venha alguém nesta rima dar um jeito,
Propondo solução de mais beleza?

II

Nós não queremos que se veja na poesia
Simplex produto separado do evangelho:
O bom leitor há de pensar: — *Nela me espelho,*
Para viver todo o meu carma em alegria.

Quando se espera progredir depois de velho,
Tudo fazendo p'ra manter-se na folia,
É quase certo o desagrado da harmonia
De um pobre verso que tropeça no conselho.

Sempre viremos trazer rimas imperfeitas,
Como é imperfeita, neste mundo, a humanidade,
Cujas passagens para o Céu são muito estreitas.

Arreponder-se toda a gente sempre há-de,
Ao perceber quão poucas almas são eleitas,
Para gozar, junto ao Senhor, felicidade.

III

Queremos dar a todo o povo parabéns,
Por conquistar bela vitória desportiva:
A sensação de regozijo reaviva
Belo desejo de que todos tenham bens.

A mente humana, com a bola, é criativa,
Mesmo sabendo ter no bolso alguns vinténs,
Que a maioria de alguns ricos são reféns,
Embora todos, num só grito, digam: — *Viva!*

Neste momento, no hospital, gemem uns poucos,
Sem ter noção de que seu jogo teve fim,
Fazendo sempre, à voz da mente, ouvidos moucos.

De nada serve este soneto tão ruim,
Quando os poetas, que festejam, dão de loucos,
Compondo trovas tão patéticas assim.

29.º DIA

I

Notando que perdia a compostura,
O jovem recompôs-se para a vida,
Que a calma, quando dada por perdida,
Influi no progredir da criatura.

Buscar só bons motivos para a lida
É como toda alma se depura,
Que a fórmula evangélica é segura
Para indicar qual é nossa saída.

Viver cada lição que deu Jesus
Vai pôr-nos no caminho do progresso,
Que é como cada santo se conduz.

Assim, aqui, na Terra, tem sucesso
Quem mantenha um pouquinho só de luz,
Que é tudo o que ao bom Deus por todos peço.

II

Antigos desafetos se reúnem
Ao verem os perigos do rancor,
Que a lei a todos fere com rigor,
Se uns aos outros, sôfregos, se punem.

De que nos vale a lei do puro amor,
Se os homens só com ódio se premunem?
Lembremos que as abelhas, quando zunem,
Afastam das colmeias o calor.

As artes marciais são empecilhos,
Quando se quer apenas competir,
Que é o que os homens mostram a seus filhos.

No entanto, para os tempos do porvir,
Bem outros hão de ser os estribilhos,
Que a ordem é somar, contribuir.

III

As dúvidas que trazem os amigos,
Chegando de regresso para o etéreo,
Vão mostrar se levaram tudo a sério,
Logrando superar graves perigos.

A vida vai manter o seu mistério,
Se os vícios que conservam são antigos.
Aí, vão conversar com seus umbigos,
Ficando a estagiar no cemitério.

Porém, se compreenderam a Doutrina,
Agindo em consonância com a lei,
Vão ver que o pensamento mais combina,

Ao se ajustar às almas desta grei,
Que tem por norma o bem, que o Pai ensina
Seja a um pobre mortal, seja ao seu rei.

30.º DIA

I

Na hora em que termina esta poesia,
Nós vamos trabalhar em outro centro.
Por isso é que não vamos noite adentro,
Parando, bem às oito, a melodia.

O que nós temperamos com coentro,
Sabemos que alguém mais melhor faria.
As páginas que damos, todavia,
Deixam nosso leitor muito por dentro.

Ao trocarmos as turmas junto à mesa,
Mudamos os assuntos e os versos,
Segundo alguns conceitos de beleza,

Contudo, muitos deles são perversos.
Seria para nós feliz proeza,
Se todos fossem bons, incontroversos.

II

Nos tempos em que mundo joga a Copa,
Ficamos reduzidos a uma hora,
Porém, a nossa gente não deplora,
Que o tema não perverte ou engazopa.

Assim, vamos levando, sem demora,
Que a rima é a mais difícil que se topa,
Lutando por fazê-la toda a tropa,
Que a lei de não fugir é a que vigora.

Este exercício serve de modelo
P'ro grupo que virá depois de nós,
Pois o verso, ao se pôr nuzinho, em pelo,

Vai demonstrar a parte mais atroz:
Que é fácil de dizer, mas, ao fazê-lo,
Revela o quanto rouca é a nossa voz.

III

Eu gasto, pelo menos, dez minutos,
Para chegar ao fim de um bom soneto.
É quanto leva a banda, no coreto,
Para mostrar ao povo os atributos.

Ao hesitar o médium, me intrometo,
Fazendo certos versos mais astutos,
Que os temas, quando são somente brutos,
Os passos não contêm do minueto.

Alguém vai perguntar se foram dez
Aqueles minutinhos para os versos
Certíssimos nos metros e nos pés.

Pois fomos um pouquinho só dispersos,
Sofrendo simplesmente co'o revés
De acrescentar mais dez... sendo perversos.

31.º DIA

I

Por ter sucesso, o amigo quer mais rima,
Embora sinta frágil vibração.
Mas, como veio aqui de coração,
Queremos demonstrar total estima.

Apenas um soneto bem pimpão,
Para manter gentil o nosso clima,
Que é como o caro médium mais se anima,
Sabendo que jamais diremos *não*.

Companheirismo é doce melodia,
Pois é gostoso ter boa amizade.
Então, ao cultivar esta poesia,

Presente n'alma o grupo que lhe invade
A grata sensação que lhe daria
Um verso de integral felicidade.

II

As coisas que se fazem nesta vida
Não podem ter em conta o desperdício:
O ócio, dentre todos, maior vício,
Promove a sensação de estar perdida.

Não deve haver também muito bulício,
Mas equilíbrio rijo em cada lida,
Que assim é que o evangelho nos convida
A que se alcance o dom do sacrifício.

Felicidade aqui é só quimera.
Conceito que se adia p'ro futuro,
No aguardo de que seja noutra esfera

Que o nosso ser esteja bem mais puro,
Conquanto quem se fie só na espera
Não possa do destino estar seguro.

32.º DIA

I

Senhor, dá-nos mais força para a lida,
Que o verso deve ser melhor que antes,
P'ra propiciar aos nossos semelhantes
Mais confiança, ao enfrentar a vida.

Quiséramos nas rimas ser constantes,
Para que o erro nelas não incida,
Para que o bom leitor veja cumprida
A fúlgida promessa, por instantes.

Jesus, aceita o nosso bom louvor,
Pelas lições que dás a cada dia,
Que os caros mestres pedem p'ra dispor,

Segundo as normas justas da poesia,
Fazendo tudo com nobreza e amor,
Que, de outra forma, a fé se não daria.

II

Eu sinto muito o tema ser sofrível
E a rima pouco prática no fim,
Mas um só verso é muito para mim,
Que julgo um mau soneto até incrível.

Embora esta escansão seja ruim,
É bem a que se dá no baixo nível
Em que tudo se torna compatível,
Para mostrar meu mundo, mesmo assim.

— *Então*, hão de dizer os bons leitores,
Qual a lição que vamos aprender,
Se o branco e o preto são as tristes cores,

No lusco-fusco deste mau dever?
Tão somente a humildade dos penhores
De quem se reconhece sem poder.

III

Conquanto sejam pobres estes versos,
Não podem ser cotados como nulos.
Somente sendo os sentimentos chulos
É que teriam jeito de perversos.

Ao ler a prosa, damos muitos pulos,
Que os pensamentos hão de estar dispersos.
Mas, na poesia, os temas controversos
Deixam depressa os bons amigos fulos.

Paciência, então, é norma do leitor
Que quer estimular-se p'ra poesia,
Que a perfeição não é de se supor,

Pois o perfeito aqui não caberia:
O mais que lhe trazemos é o amor,
Envolto num sorriso de alegria.

IV

Senhor Jesus, é bom estar aqui
A transmitir um pouco de alegria,
Para lembrar, em forma de poesia,
As doces emoções que já senti.

Iluminai-me o verso, neste dia,
Para mostrar ao povo o que colhi,
Embora cada qual saiba de si

E a plantação que mais lhe agradaria.

Sofri por ter, na vida, sido bruto
E agora pago a pena nesta glosa,
Pois contra a grosseria é que mais luto.

Pedi para escrever tão só em prosa,
Querendo demonstrar ser muito astuto:
Feri-me nos espinhos desta rosa.

V

Espero não ter ido muito mal,
Que o resultado está a entusiasmar:
Embora tenha vindo devagar,
Fui acabar chegando a este final.

Vim p'ra plantar bons frutos no pomar,
Mas não conheço o mundo vegetal.
Por isso é que o tempero não tem sal,
Conquanto utilizasse água do mar.

Aguarde um pouco só, só uns momentos,
Que espero terminar ali, em cima,
Para depois ouvir os seus lamentos.

Jesus resguarde ao povo a doce estima
Por quem não quis ferir os sentimentos,
Nestas imagens simples para a rima.

33.º DIA

I

— Às nove da manhã é muito cedo.
Talvez seja melhor ao meio-dia.
É que, às três da tarde, causa medo.
Voltarei às seis, para a poesia.

O tempo vai passando, todo dia.
O povo cá do espaço abaixa o dedo,
Dizendo que qualquer melhor faria,
Bastando para tal só arremedo.

Coragem, caro amigo, nessa hora,
Que a luta há de sempre ser vencida:
A lei de mais valia inda vigora.

Um dia, um bom soneto nos convida,
Estando todos juntos como agora:
Aí vai expandir-se nossa vida.

II

Não temos muito tempo para o verso,
Embora nos alegre o poetar.
É que todo marujo sai ao mar,
Sabendo quando o tempo está perverso.

Queremos que se vá bem devagar,
Que o fluido cá do etéreo está disperso,
Por força deste tema controverso,
Imagem de poeta a divagar.

O bem que nós fazemos para o povo
Virá na forma rude de um conselho,
Pois a turma não quer voltar de novo,

Que é duro de montar este aparelho,
(Para tanta galinha, só um ovo):
Faça desta atitude o seu espelho.

III

Senhor, fazei valer vossa vontade,
Que a rima não se põe mui facilmente,
Quando este povo n'alma já não sente
Motivo p'ra gozar felicidade.

Conquanto o verso flua bem consciente,
Formado no compasso da verdade,
A crença da fraqueza nos invade,
Ao vermos o desprezo dessa gente.

Por isso é que pedimos por clemência,
Para as frágeis estrofes desta hora,
Que não demonstram toda a inteligência

Que vós nos destes, sem qualquer demora.
Fazei com que se aceite a ambivalência
De um verso resplendente que descora.

34.º DIA

I

Os tentos que não fez a seleção
Deixaram todo o povo prevenido.
Da mesma forma, o bem não espargido
Devia prevenir a salvação.

Enquanto a bola corre, eu duvido
Que os males mais agravem a nação;
Porém, quando termina o jogo, vão
Tornar a apoquentar o seu ouvido.

São muitos os países que disputam,
Conquanto só um chegue vencedor;
Mas todos suam sangue enquanto lutam.

Quisera ter a mesma força ao pôr
Os versos, pelos quais os bons labutam,
De modo a despertar só puro amor.

II

Rojões vão espoucar por toda a parte,
Se a turma cá da terra, campeã,
Souber bem respeitar, com alma sã,
Aqueles com que a vida se reparte.

Ganhar sem desfrutar é obra vã,
Porém, há quem pretenda esse descarte,
Pensando que, com *goals*, alguém se farte,
Que o Sol nasce também toda manhã.

Qual é a consequência da vitória?

Que haja quem acabe perdedor.
E onde está do povo a maior glória?

Em dar a toda a gente o seu amor,
Dispondo outro roteiro para a história,
Tornando cada qual um vencedor.

III

Seguimos pelas trilhas já formadas,
Que é fácil de pôr versos nestes pés.
O duro é enxergar os outros dez,
Após ter estas rimas declaradas.

Assim, vamos sofrer triste revés,
Se as forças são por nós malbaratadas,
Que apenas as estrofes terminadas
Demonstram os esforços dos galés.

O tema é que importante para o verso:
Não basta demonstrar que tem talento.
É como, na riqueza, estar imerso,

Sem desfrutar um único momento,
Por ter o coração muito perverso.
Que sirva de lição este *memento*.

35.º DIA

I

A turma se apresenta bem disposta,
Mas não vai prometer qualquer sucesso,
Pois para cada qual há o seu progresso.
Não queira tão somente uma resposta.

Caso você garanta o seu ingresso,
Porque este rude verso tanto arrosta,
Espere mais de mim, que o povo gosta,
Quando, através das rimas, me arremesso.

Caso a publicação vise a bom lucro,
Havemos de cuidar do investimento,
Porque ninguém é bobo, rude ou xucro.

Para que a sã Doutrina vá em frente,
Não tem necessidade de incremento.
Mantenha essa divisa em sua mente.

II

Queremos que supere o mal-estar,
Que a luta mal-e-mal vai começando.
Se alguém me perguntar: — *Mas até quando?* —,
Terei de responder: — *Vá devagar!*

O barco singra o mar, velame pando;
A rota que seguimos é sem par;
A Terra continua a navegar;
As aves veraneiam, sempre em bando.

Por que seria o mundo diferente,

Estando um médium hoje a me servir,
Para que o verso alcance a muita gente?

Eu devo de aguardar pelo porvir,
Para encontrar aquele que, valente,
Se ponha as minhas rimas a ouvir.

III

Um sentimento falso sempre atua,
Como se o nosso bem fosse o melhor,
Mas é preciso conhecer de cor
Que a luta nesta vida continua.

Também, não há pensar ser o pior,
Quando alguém, ao ler, logo recua:
Às vezes, o valor é coisa sua,
Que faz o pequenino bem maior.

É claro que gostamos destes versos,
Pois, do contrário, não os ditaríamos,
Conquanto apelidemos de perversos.

Se fosse por maldade, não faríamos.
Nas águas do evangelho vão imersos:
Para fazê-los bem, quanto daríamos!...

IV

É fácil fazer versos de improviso,
Quando é pouco o que temos p'ra dizer,
Pois se trata tão somente de um dever,
No caminho que nos leva ao paraíso.

Demonstrar pela gente bem-querer,
Mais que tudo, na vida, é preciso;
Como assim, equilíbrio e são juízo
É que dão da moral o seu poder.

Não relutes, amigo, nesta rima:
A mensagem virá naturalmente,
Muito embora não seja este o clima

Que queres, para ter algo excelente.
Mantém, por todos nós, a doce estima
E recebe co'amor o amor da gente.

V

Ao ficar a serviço de Jesus,
Todo médium requer imantação,
Para se dar, de mente e coração,
Ao nobre protetor que ao bem conduz.

A todos quer chamar sempre de *irmão*,
No aguardo de um espírito de luz
Que ajude a carregar a dura cruz,
Que a luta há de sair da escuridão.

Porém, logo o trabalho se dispersa,
Que existem sofredores p'ra atender,
Nas brumas em que a alma fica imersa.

Quem cumpre, com amor, o seu dever
Não sabe sobre o que o tema versa:
Somente tudo faz por bem-querer.

VI

Quisera bem alegre o fim do dia,
Dispondo, em lindo verso, a melhor rima,
A ver se este meu médium reanima,
Por força de compor boa poesia.

O mestre põe-se alerta: — *Quanta estima,*
Se estou a trabalhar sem alegria,

*Pois, por bem menos, há quem mais faria,
Apenas para estar neste bom clima!*

Então, eu vou rogar ao Criador
Que ampare a quem trabalha por Jesus,
Que é bom orar por quem tem tanto amor,

Que o ar, ao derredor, se enche de luz.
Difícil é, num verso só, dispor
O que, no coração, de bem produz.

36.º DIA

I

É séria esta atitude do poeta
Que quer trazer um verso muito lindo.
Entretanto, o que segue redigindo
O povo, até sem ler, logo lhe veta.

Mas sabe este poeta quanto é infindo
O tempo, p'ra formar-se um bom esteta.
Não se queira exigir de algum atleta
Que faça o seu esforço, estando rindo.

As chagas de Jesus estão abertas,
Para mostrar ao povo que o sofrer
Mantém as atenções sempre despertas.

Se queres bem cumprir o teu dever,
Conserva as intenções mais descobertas,
Que é como este meu verso tem poder.

II

A lista das virtudes tem remendos,
Que a carga de trabalho constitui
A fonte das promessas donde flui
Os ganhos da moral mais estupendos.

Nessa vida, é o ócio que dilui,
Ao pôr na má vontade alguns adendos,
A força, sem a qual são mais horrendos
Os males cuja dor o bem derrui.

Façamos, com Jesus, o melhor gesto,
Na ânsia de tornar o mundo são,
Deixando para trás o vil protesto

De quem só quer ferir o coração,
Lançando contra nós rude doesto,
Abrindo mão da lei pelo perdão.

III

A História só registra poucos fatos,
Embora sejam tantas as tragédias
Que fazem mais pensar que há comédias,
No fim da trilogia, em quinze atos.

Se vamos registrar somente as médias,
Sem pôr, na dimensão, dados exatos,
Evitamos, talvez, espalhafatos,
Perdemos, com certeza, as nossas rédeas.

Assim, há que saber que lá no Inferno,
Chamado dos espíritas de Umbral,
Teremos a impressão de ser eterno

O sofrimento triste, sempre igual,
Enquanto o sentimento mais fraterno
Exige para o irmão o mesmo mal.

IV

Façamos todo o bem que for possível
Agora, não deixando p'ra depois.
Não digas tão somente: — *Por quem sois,*
Que vindes demonstrar que é tudo horrível?!

Assim como um mais um perfazem dois,
A soma das maldades será crível
Que atinja da bondade o mesmo nível?

Agora hás de dizer um “*ora, pois!*”.

Por isso é que a galhofa calha bem,
Que é rindo que os costumes se melhoram,
Contudo, o nosso riso não contém

Aquele farfalhar que os maus adoram,
Na crítica perversa onde um vintém
Não vale aquela mágoa dos que choram.

V

Respeito e cortesia, neste verso,
Achamos seja nobre obrigação,
Pois tudo o que se faz de coração
Terá de, no evangelho, vir imerso.

O exemplo são os santos que nos dão,
Nos atos de um amor incontroverso,
Legado que, no mundo, vai disperso,
Que o homem fala *sim* somente ao *não*.

Senhor, dai-nos mais luz à nossa vida,
Pois temos bom caminho a percorrer.
O vício, a toda a hora, nos convida

A pôr de lado a quota do dever.
Não seja a nossa alma arrependida
Por ter, sobre esse mal, força e poder.

37.º DIA

I

Nem sempre nossa verve justifica
Que o verso se apresente bem na hora.
Assim, para evitar qualquer demora,
O texto muito antes pronto fica.

A lei do melhor texto inda vigora,
Mas, como a minha veia não é rica,
O máximo que a rima repenica
É dar co'os burros n'água, como agora.

Estúrdias badaladas deste sino
Regougam pelas mentes, sem pudor,
Anunciando as trevas que o destino

Não pôde recusar-se a nos dispor,
Soturno desespero deste hino,
Soluços provocados pela dor.

II

Quisera ser um pássaro no ar,
Voando pelo azul da imensidão,
Disposto a resguardar no coração
As formas mais sutis do verbo *amar*.

Porém, com este casco grosseirão,
Que posso mais fazer do que rimar,
Deixando de colher no meu pomar,
Roubando o melhor fruto de um irmão?!

O extrato de um poema que consola
Se põe num verso único, no fim,
Retrato três por quatro ou meia sola,

Chancela que é melhor quando é ruim,
Se a vaca foi p'ro brejo, onde se atola:
A negra escuridão que surte em mim.

III

Não temas, bom amigo, o descompasso
De quem luta um bocado p'ra vencer.
Se queres despachar-te do dever,
Reserva para mim algum espaço.

No mínimo, no fim, vai entender
O esforço que, no verso, eu sempre faço,
Que é rígida a conduta, como aço,
Senão o versejar não tem poder.

Trabalho para pôr rima no verso
E tenho bem ainda de assuntar,
Propondo no evangelho vir imerso

O texto que se vai apresentar,
Por meio de um processo mui perverso,
Que o médium descarrega devagar.

IV

Não tenho compromissos co'o perfeito,
Por isso, faço versos desconexos,
Trazendo, como temas mais complexos,
Os próprios sacrifícios do meu peito.

Escrevo p'ras pessoas dos dois sexos,
No intuito de levar-lhes meu respeito,
Mas, como faço tudo tão sem jeito,

São côncavos meus ângulos convexos.

Atritos são restritos nesta esfera,
Que a liberdade traz maior *responça*,
Porque toda esperança aqui *já era*,

Quando o nosso papel é ser da onça
Companheiro fiel, já que essa fera
Mora no coração dest'alma sonsa.

V

Deixei um bom soneto para agora,
Pois quero dar um basta à brincadeira,
Posto não seja isso qu'alma queira,
Porque, se o povo ri, ela é quem chora

Não sei se alguém seguiu na minha esteira,
Que o meu mau coração não comemora,
Quando se farta a gente, nesta hora,
Ao ver que sou capaz de tanta asneira.

Pretendo pôr um fim à triste rima,
Selando um compromisso com o grupo,
Deixando registrada a minha estima

Por quem não dedicou um só apupo,
A este que só perde nesta esgrima,
Que o mais que faço aqui é quando zupo.

VI

Promessas são os versos mais acima
De temas que contenham a verdade,
Um treino que se faz com propriedade,
Para dispor na estrofe a melhor rima.

Surgir, neste horizonte, um vate há-de

Que possa aproveitar-se deste clima,
Para propor à gente doce estima,
Até lograr geral felicidade.

Quem pode carregar a dura cruz,
Compondo este soneto com amor,
Luar a refletir a clara luz,

Que esconde, em sua sombra, a nossa dor?
Alguém que fale em nome de Jesus,
E dê de coração ao Criador.

VII

Anseia o nosso médium por mais um,
Que o tempo que dispõe é suficiente.
Não quer deixar passar este expediente:
Quem pesca tubarão recolhe atum.

É claro ser amor que a gente sente,
Embora ouçamos todos zunzunzum
De que não haja espírito nenhum,
Mas médium a rimar, perversamente.

Há quem diga que há fogo onde há fumaça.
Por isso, o nosso verso titubeia,
Porquanto a inspiração se dá escassa

E a rima que fazemos nos sai feia,
Porém, o sentimento logo passa,
Se com Jesus o povo aí passeia.

38.º DIA

I

Estranhamente, a Copa nos fascina,
Que o povo mais alegre é mais feliz,
Porque, de canto a canto, nos brasis,
O etéreo vê mais luz na vil neblina.

Por não ter quem perdeu qualquer raiz,
Não sofre, pois ninguém o recrimina.
É como quem não sabe esta doutrina
Que, quando chega aqui, a fé bendiz.

Sabendo ser da análise o bom prisma,
Que parte do princípio do evangelho,
Há de quem nos ler perder a cisma

E, mais, nos vai doar o coração,
Quando estiver na vida muito velho,
No aguardo do festejo do perdão.

II

O estímulo do verso se dilui,
Se a crítica ferina não quer ver
Que a turma apenas cumpre o seu dever
E o seu amor por todos distribui.

Havendo tão só um que queira crer,
Aí a nossa mágoa já não flui
E o medo de ferir mais diminui,

Na ânsia de um mergulho em bem-querer.

Assim, vamos sofrendo co'as leituras,
Que o povo da cidade está sabendo
Que, cá do etéreo, outras criaturas

Procuram dar noção de estar vivendo,
Para tornar as almas mais seguras
De que é o futuro mais do que estupendo.

III

A qualidade que requer o irmão
Paira por sobre nós lá muito acima,
Que o grupo que reflete sobre a rima
Tão só possui de si bom coração.

Porém, o caro médium nos anima
A persistir no rumo da canção,
Que os versos, qualquer hora, ainda vão
Tornar-se a só razão de nobre estima.

Conquanto a mesma rima se repita,
Fazendo com que a gente mais se enfade,
O nosso coração também palpita,

Quando alguém daí se persuade
E sobre as pobres glosas mais medita,
Chegando a conhecer felicidade.

IV

Se temos uma quota p'ra ditar,
O tempo há de correr por nossa conta,
Pois, se for pouco, o médium desaponta
E já não quer ir muito devagar.

Aí, o verso as regras mais afronta

E a rima, que se quer sempre sem par,
Acaba respirando este mau ar,
Deixando-a branca, sôfrega e mui tonta.

E o tema põe os cânones de lado,
Destacando apenas os problemas
Que trazem nosso mestre preocupado.

Então, lá no finzinho, alguns dos lemas
Ressaltam deste texto amarfanhado,
Tornando as agonias más, supremas.

V

Não vamos alterar nosso estribilho,
Que os versos mais perversos desta gente,
Ainda que não haja quem comente,
Também vamos tratá-los como filhos.

Deixamos nossa marca, pobrememente,
Nestes sonetos, simples pecadilhos,
Composições que seguem pelos trilhos
Aos quais o médium serve de dormente.

A dúvida que paira, nesta hora,
Dilui-se pela rima concluída,
Que a lei da melhor forma inda vigora.

A que a nossa estrofe mais convida?
A pôr toda a virtude para fora,
A respeitar quem sofre nessa vida.

VI

Um último soneto cabe ainda,
Que o tempo deu p'ra todos muito bem.
Quem é que nos daria um só vintém,
Por esta rima rica e muito linda?

Assim, a qualidade se contém,
Enquanto a nossa quota não se finda,
Temendo que Jesus, por bem, rescinda
O alvará da poesia no *porém*.

E quem é que nos dá por vencedores,
Enquanto o que fazemos cambaleia?
Aquele que não sofre os vis rigores

Da crítica que julga muito feia
A concessão dos nossos protetores:
O médium que não para ou titubeia.

39.º DIA

I

Revoltos são os mares desta vida,
Que o homem não foi feito p'ra calar.
Desprende as tuas velas pelo ar,
Enfrenta, com denodo, a dura lida!

Quisera ter podido suportar
A mágoa que me trouxe sem guarida
A alma, pobre nave desvalida,
Perdida nas tormentas desse mar.

Se visses quanto enche o negro Umbral
As fugas à verdade da existência,
Porque, ao invés do bem, se faz o mal,

Irias trabalhar com eficiência,
Mostrando teres certo, no final,
Que nada há de acusar-te na consciência.

II

A turma que aqui traça este roteiro
Bem sabe quanto é doce o bom momento
De dar, ao verso, fé, com muito alento,
Do ânimo que traz o companheiro.

Eu, do soneto o autor, mais acalento
Vê-lo aí, nessa tela, por inteiro,
E não porque deseje ser faceiro,
Mas para dar de mim, com sentimento.

Por isso, tenho medo de falhar,

Tomando para tal a precaução
De ir ditando as rimas devagar,

Pedindo que o leitor preste atenção,
Que existem muitas frutas no pomar:
Algumas bem maduras; outras, não.

III

Os temas quase sempre são banais:
A métrica é que os põe mais misteriosos.
Não queiras, pois, julgar só pelos gozos,
Mas toma os versos simples como tais.

Quem tem os pensamentos bem gostosos
Irá viver na Terra muito mais.
Não deixes, entretanto, os animais
Tornarem-se modelos perigosos.

A águia voa alto p'ra matar.
O peixe, fora d'água, perde a graça.
A abelha faz o mel a exagerar.

O mico só está bem numa trapaça.
A cobra arma o bote p'ra atacar.
A fauna vive só a hora que passa.

IV

Sabendo que o momento é importante,
Não percas tempo achando tudo igual,
Mas faze com que seja natural
O bem que vais dispor ao semelhante.

Caso julgares sempre que o teu mal
É a cupidez alheia que garante,
Para a considerar, só um instante,
Se a dor não é um fato universal.

Sofreu Jesus, o nosso mestre amado;
Sofreu Maria, a mãe toda pureza;
E quantos mais, em seu apostolado.

E quem julgar, por conta de proeza,
Não ter sofrido até passar de lado,
Vai ver quem tem no Umbral a vela acesa.

V

Os tópicos que valem na jornada
Estão resumidinhos no ***Evangelho***.
Não queiras, pois, deixar para bem velho,
Que o risco corres de não teres nada.

Aceita, então, do Mestre o bom conselho
E põe-te a caminhar por essa estrada,
Pois quem aos outros dá também agrada
À própria imagem que reflete o espelho.

Amar ao Pai é o máximo que a gente
Pode almejar durante toda a vida,
Mas, p'ra alcançar o alvo facilmente,

Deixa de lado o orgulho e ao bem convida
Cada momento teu, em teu presente,
Amando ao semelhante, em cada lida.

40.º DIA

I

A história que se conta às horas tardas,
No intuito de pôr medo na criança,
Há de ficar impressa na lembrança,
Difícil de extrair, tais quais as sardas.

Ao inventares, cria uma esperança,
Que, doutro modo, muito as acovardas.
Coloca, a proteger o inferno, guardas,
Caso contrário, a fé jamais avança.

Caso o temor domine o coração,
Triste, a impedir que o homem bem progrida,
Não vás dizer-lhe que é processo vão

À caridade sempre dar guarida:
Aperfeiçoa a busca dos que são
Muito infelizes nessa rude vida.

II

A sistemática dos versos é
Preocupação de quem verseja mais:
Há de querer as rimas anormais,
Sem tropeçar jamais em um só pé.

Vós que me ledes sempre me ensejais
Um bom motivo p'ra aumentar a fé,
Pois, quando chega o ponto, é cré-com-cré,
Quando os sonetos são sensacionais.

A bola que jogamos é redonda,

Quando o parceiro passa bem, de jeito;
Não é pintura linda, qual Gioconda,

Porém, o coração bate no peito,
Se a opinião, qual barco nesta onda,
Faz balançar o tema que eu respeito.

III

Estrofes mil se perdem pelo etéreo,
Que ser poeta aqui gera *responso*,
Mas, quando o texto está esta geringonça,
O nosso mestre vem e fala sério.

Todo perneteta apenas desengonça.
Que culpa eu tenho de chamar Tibério?!
Desde que vim do negro cemitério,
A rima trago n'alma sempre sonsa.

Chuviscos chegam já p'ra me molhar
A peça, que se encolhe de vergonha,
Que a minha voz se perde pelo ar.

Eu quero acreditar que vil cegonha
Trafegue com meu filho devagar,
Que é duro de parir, quando se sonha.

IV

Trombetas soam alto a anunciar
Que o fim chegou p'ras rimas importunas.
É como, lá na praia, as alvas dunas,
Que fazem movimentos, como o mar.

Aldeias vão-se embora, devagar,
Por mais que tu dos ventos te premunas.
Por mais que termos ricos tu reúnas,
Alguém vai reclamar o teu lugar.

Isso acontece quando o preguiçoso
Não traz assuntos nobres do *Evangelho*
E pensa que a poesia é simples gozo.

Perdendo o tempo alheio com bobagem,
Folguedo para quem, com ser mui velho,
Não é capaz de dar qualquer mensagem.

V

São traços tão somente de quem era
Batuta na regência desta orquestra,
Fazendo, num piscar, uma obra-mestra,
Sem nunca o meu papel ficar na espera.

Agora, este imbecil tão só palestra,
A recitar poemas da cratera,
Tristezas, simplesmente, de monera,
Em obra que se faz sempre canhestra.

E tenho a pretensão das obras-primas,
Que as rimas que se põem geram *frissons*,
Mas nunca são capazes das estimas

Que os melhores encontram, nos seus sons.
És tu, caro leitor, que legitimas
Quem ponha na poesia os nobres dons.

VI

Que valem tantos metros no compasso,
Se o povo paira longe da Doutrina?
Antigamente, as cores da bonina
Ganhavam, nos meus versos, bom espaço.

Hoje, o meu coração só desatina:
É negro o claro tema que desfaço;

E apenas um soneto dá cansaço,
Enquanto a rima surge mais cretina.

Ao Pai devo rezar do mesmo jeito,
Pois tenho ainda jeito p'ra rimar,
Conquanto pese a dor dentro do peito

De ter de deixar logo este lugar,
Que, um dia, não me dei total respeito,
E, agora, triste, luto, em meu penar.

41.º DIA

I

As dúvidas que trouxe dessa vida
Puseram-me suspeito de injustiça
E disse ao coração: — *Enfrenta a liça,*
Que a dor para o mistério me convida!

No mar, o forte vento a onda eriça,
Que é como o marinheiro sofre a lida
De ver seu barco ir a toda a brida,
Levando n'alma a fé que a morte atiça.

Escuta a minha voz, preclaro amigo,
E põe de molho as tuas barbas já.
Evita, assim, o que se deu comigo,

Que esta poesia indica como está
A tua fé perante o tal perigo:
Começa a soletrar o bê-a-bá!

II

Inútil fazer versos neste clima
Em que nossa atenção não se desperta
Para enfrentar a vida como certa,
Da mesma forma que se põe a rima.

Nossa malícia apenas encoberta
Desejo vão de tê-la sempre opima:
Quando devemos ter ao povo estima,
Fama e repercussão noss'alma flerta.

Tem o ferreiro certo que a bigorna
É sólida na base do trabalho.
P'ra nós, é bibelô com que se adorna

A túrgida feição deste espantalho:
Nem água quente ou fria, apenas morna;
Um verso sem amor: um ato falho.

III

Querenças de uma vida sem destino,
Que se perdeu nas brumas de alto crime,
Angústias de promessa que redime,
Me valho desta rima que combino.

Leituras de uma trova mais sublime,
Que exalta o amor do Pai, em belo hino,
Enquanto a minha glosa eu recrimino,
Embora, no final, o verso rime.

Quem não cuidou de ler seu *Evangelho*,
No intuito de fazê-lo só bem velho,
Com a desculpa fútil do trabalho,

Também não praticou a caridade,
Porquanto o coração, um dia, há de
Compreender que é pó isto que espalho.

IV

Mas vou levando o verso para frente,
Sofrendo nesta angústia do imperfeito,
Que é como sinto a dor dentro do peito,
Por força de não ter nada excelente.

Se alguém quiser orar, eu bem que aceito,
Pois prece não existe quem lamente,
Desde que a diga mais piedosamente

Do que este vate aqui, que não tem jeito.

Montanhas de palavras se acumulam:
São rimas nestes metros que pululam,
Mas uma só não tem qualquer valor.

Talvez possam causar até *frissons*,
Que estão no coração do amigo os dons
Para encontrar, no verso, o seu amor.

V

Que importa que estes versos eu lamente,
Labuta que, improfícua, me diverte?!
Como já disse acima, é só um flerte,
Que amor há de surgir proximamente.

Que importa que estes versos não acerte
Por não surgir ideia em minha mente
Que proponha sentido coerente,
Já que a minha estrofe é tão solerte?!

Que valha este exercício como treino,
Pois este jogo fútil em que reino
Pode tornar-se um dia verdadeiro.

Então, irei falar muito mais sério,
A revelar aspectos do mistério,
Que é tudo o que a Jesus hoje requeiro.

VI

Pretendo desculpar-me com o médium
Por tê-lo conduzido pelas plagas,
Mas sem ouvir dizer: — *És tu que estragas*
A fórmula divina do remédio!

Assim pudesse ser, durante as sagas

Em que me vi tomado só de tédio,
Sofrendo da maldade vil assédio,
Abrindo o coração em tristes chagas.

Agora eu tenho o lucro da bondade
De quem cuida de mim com tais ternuras
Que pôr-me sobre os trilhos inda há-de.

Pergunto-lhe, voraz: — *Será que juras
Acompanhar-me em busca da verdade?*
E ele devolve: — *É sério que procuras?*

VII

Não te espantes, leitor, deste arremesso:
Põe na conta de quem é sofredor,
Que tudo o que consigo aqui compor
Parece que se encontra pelo avesso.

Eu juro que pretendo ter amor,
Embora esteja ainda no começo.
É tanta a dor, porém, que desfaleço
Só de pensar em promover rancor.

Perdoa, pois, o verso deste dia,
Que a rima concluiu, sem ter poesia,
Embora o tema esteja na Doutrina.

Se enjeitares a glosa por perversa,
Pensa que este coitado só malversa
A parte de minh'alma não divina.

42.º DIA

I

Enregela-se o pobre neste frio,
Que a luta pela vida continua,
Mesmo quando vai alta a clara Lua,
A pôr fulgores límpidos no rio.

Eis o contraste torpe desta rua
Em que, ao grosso poeta, o desafio
É de acender da bomba o seu pavio,
Em que as cores da nesga o Sol estua.

Caso requeira alguém explicação
Do verso, que complica o entendimento,
Dize que existe dentro um coração

Valente, quando para um só momento,
Embora saiba ser um fato vão
Fazer um verso só ou mais de um cento.

II

Não vou queimar este projeto lindo,
Só p'ra dizer que fruo o pessimismo;
Mas é que vai mui lento o espiritismo,
Se quem nos lê está mais desistindo.

Quando a pessoa fica no batismo,
Sem ver que o bom estudo é quase infindo,
É hora de mudar de tema, rindo,
P'ra não cair no fundo deste abismo.

Valei-me, caro mestre, nesta hora,
Fazendo, para o verso, um pedestal,
Antes que a turma toda vá embora,

Dizendo que está mal, e coisa e tal.
É que a bondade n'alma inda vigora,
Conquanto o desperdício seja igual.

III

Confessa, caro amigo, a tua ofensa,
Ao ver frustrada a rima da poesia,
Conquanto, ainda, agora, todavia,
Nos dizes que à atenção te leva a crença.

Tu'alma, quando vê que o verso esfria,
Já move uma desculpa que dispensa;
Nos diz que esta jornada está mais tensa,
Para se estimular filosofia.

Eu vim dar de barato um simples verso,
Mostrando fáceis jogos de palavras:
Ideias nas estrofes que eu disperso.

Qualquer pode fazer igual a mim,
Estruturando os metros destas lavras,
Recomendando amor aqui no fim.

IV

— *Burlei a vigilância do meu mestre!*
Dizia um energúmeno poeta,
Compondo uma poesia bem completa,
Sem dar-lhe sentimento de terrestre.

Querendo disparar uma só seta,
Mostrava ser inútil que se adestre,
Nas artes de montar, valor equestre,

Quem sabe que a esperança a alma veta.

É mais comum a trova que se pensa,
Que o povo gosta mesmo é de poesia,
Embora não se encontre aqui quem vença

Os ricochetes desta teimosia,
Que o tempo passa sempre, sem detença,
Enquanto o mestre a burla mais vigia.

V

Após quatro sonetos, eu me rendo,
Que o bicho da poesia entrou em mim.
Agora falta um verso-querubim,
Que englobe o sentimento num adendo.

Eu sei que vou levando, assim, assim,
Na ânsia de evitar um som horrendo,
Mas que fazer, se estou sempre correndo,
No intuito de chegar a um belo fim?!

Preciso frequentar esta oficina,
P'ra mor de melhorar meu desempenho,
Que o treino só bons versos origina.

Aí, irão saber por que aqui venho,
Trazendo as nobres leis desta Doutrina,
Honrando o bom leitor com meu engenho.

VI

As áspides que portam seu veneno
Apenas se defendem, pobrezitas;
Não sejam, encarnados, parasitas,
Buscando, nesta estrofe, um som ameno.

É bom fazer soar algumas gritas,

Que é como co'a verdade aqui aceno,
Se bem que, quando leio, não condeno
Os que põem paz e amor nestas escritas.

O mestre recomenda mais carinho,
Como se fora um ovo aqui, no ninho,
Gerando um sentimento mui formoso,

Pois quem me lê respeita o meu caminho,
Sem exigir nobreza neste pouso:
Apenas mais prazer, pois ler é gozo.

VII

O sétimo soneto tem mais pinta,
Que o verso agora mais se aperfeiçoa.
Antes, pensava em escrever à toa,
Mas a verdade o sentimento finta.

Que vão dizer da rima, que está boa,
Conquanto muita vez a língua minta?
Não quero que se afirme estar extinta
A verve do poeta que destoa.

Ao festejar a vida, em belo curso,
Não sabe quem festeja o grande esforço,
Que fez quem teve a ideia da comédia.

Por isso, recomendo que o amigo
Se afaste do conforto desse abrigo
E sinta o amargo gosto da tragédia.

VIII

Um verso só desejo que se mude,
Para tornar a rima bem batuta,
Pois, sempre que minh'alma mais perscruta,
A trova acaba sendo muito rude.

De longe, o coração a voz escuta,
A repetir a lei: — *Estude! Estude!*
Mas na maldade preso, como em grude,
Eu quero só montar estrofe astuta.

Não seja tão teimoso, caro amigo,
Não queira seguir junto aqui comigo,
Que estou mui perto de profundo abismo.

É com Jesus que deve de seguir
Quem quer chegar mais puro ao devenir,
Nas sendas deste amor-espiritismo.

IX

Não faça cara feia para o verso;
Espere que termine esta poesia:
Nem sempre o que parece fancaria
Mantém o coração no mal imerso.

Se plange o sino, que melhor faria
Do que deixar o som no ar disperso?
Da mesma forma, o tema que aqui verso
Pode deixar um rastro de alegria.

As dúvidas do amigo se declaram,
Ou são suspeitas só de falsidade,
Por não ver no soneto algum valor?

As minhas, cá no etéreo, não pararam,
Porque não tenho o acesso da verdade,
Enquanto não sentir no peito amor.

43.º DIA

I

Não tenhas ilusão quanto à Doutrina,
Que as coisas lá do Céu não vão cair:
Se for para pensar em bom porvir,
Estuda o que Kardec mais ensina.

E faze como o nosso Wladimir,
Que, mesmo aqui, sentado na latrina,
Está a lamentar não ser divina
A rima que rejeita ao refletir.

É claro que este tema é controverso,
Impróprio para as páginas morais,
Que os homens hão de vê-lo mui perverso.

Porém, falar do Pai vai ser demais,
P'ra quem nesta maldade está imerso,
A ponto de os leitores ver iguais.

II

Disseram que podia versejar,
Sem medo de sofrer a vil censura,
Mas temo não fazer uma cesura,
Que alguém já não comente: — *Devagar!*

Não sei como esta turma aqui atura
Quem tenha uma tesoura a retalhar
A ideia, pondo outra no lugar,
Em desrespeito a toda criatura.

Um verso só queria dar ao povo,
Que contivesse um tema muito novo,
Saído destas notas de rascunho.

Mas, quando muito gosto do meu verso,
Será fatal que rime com perverso,
Devendo dar de mim só testemunho.

III

Queria ser mais útil nesta lida,
A fim de melhorar seu desempenho,
Pois é nessa intenção que sempre venho,
Ditando o pobre verso a toda a brida.

Não é mais fácil de levar o lenho,
Quando se tem amor pela corrida,
Que representa a luta pela vida,
Ao dar de si o poderoso engenho?

É claro que um só verso não comove,
Nem se requer que a rima nos comprove
Que o verso cai do Céu para a Doutrina.

Assim a fé vai ter o seu lugar,
Embora alguém comente: — *Devagar!*
Estuda o que Kardec mais ensina!

IV

As trovas vão formando um bom volume,
Conquanto exista quem lhe dê censura,
Mas, se a esperança surge toda pura,
Um verso só a lei maior resume.

Um dia a nossa glosa vem a lume
E o torpe orgulho aí ninguém segura:

Vai ser preciso um padre com tonsura,
P'ra perdoar a droga do ciúme.

Mas que fazer se o verso tem magia,
Se dá respeito o povo p'ra poesia,
Julgando o vate sempre um escolhido?!

Se Deus ouvisse a voz deste poeta,
Dizendo à criação: — *O verso veta!* —,
Teria a mente humana o seu olvido.

V

Inspira-me, Senhor, um verso só,
Para levar ao povo mais ventura.
Retira de minh'alma a vil frescura,
Porque pretendo ver na rima pó.

Aceita, respeitando a minha jura,
Que sofra toda a dor que sofreu Jó.
Não tenhas pelo pobre qualquer dó,
Enquanto mantiver minh'aura escura.

Mas abre um bom caminho para o ouvinte,
Por ter-te comprovado alta paciência,
Acompanhando o verso, grosso acinte,

Que não teve um só tom de complacência:
Embora o ingênuo ouvido a rima finte,
Carrega o peso ingente da consciência.

VI

Apressa-me o escrevente nesta hora,
Hesitando, ao me pôr a lhe ditar
O verso, que queria devagar,
Dizendo compreender esta demora.

Contrastes não se devem de rimar,
Em versos de improviso, como agora.
Melhor era ter ido logo embora,
Para a lição do Centro preparar.

Pretendo terminar este soneto,
Senão o meu concurso fica preto
E vão dizer que houve obsessão.

Levante os olhos para ver a luz
Que esparge pelo mundo o bom Jesus,
Que aqui embaixo está final bem chão.

44.º DIA

I

As rimas que trazemos neste dia
Não têm o brilho calmo do luar.
Quiséramos, no entanto, divulgar
O bem e o amor que cabem na poesia.

Mas temos de ditar, bem devagar,
Um tema de total sensaboria,
Senão hão de pensar que alguém faria
Melhor, se lhe cedêssemos lugar.

Assim, quem quer aqui fazer o bem
E dar a conhecer o seu amor
Acaba por perder por mais de cem,

Na angústia de se ver sem ter valor,
Que o bem vai receber de quem não tem
E o amor vai captar só do Senhor.

II

Castelos medievais guardam segredos
Que os homens de hoje em dia nem suspeitam.
São poucos, mesmo assim, que não aceitam
A ideia de que ali houve degredos.

Nós damos, para os que tudo rejeitam,
Noção de algumas cenas dos enredos,
Dizendo serem mil corações tredos,
Serpentes, quais raízes que se deitam.

Sáímos para a luz deste evangelho,
Num aspecto de rosto muito velho,
Mas cheio de esperanças de outra lida.

Porém, se a Idade Média quedou longe,
Nos sonhos infelizes deste monge,
Agora a dor exige uma outra vida.

III

Os sinos tanger sempre à mesma hora,
Que a vida se repete sem cessar:
A nau parte do cais e busca o mar,
Deixando em terra sempre alguém que chora.

Não há como essa dor bem consolar,
Que a lei de causa e efeito inda vigora:
Precisa que o que sofre sinta agora
O mesmo que causou noutra lugar.

Periga o desafio do nosso verso,
Que o tema predispõe p'ro desconsolo,
Se alguém sofrer por rude e mui perverso.

Não tendo uma outra forma em que dispô-lo,
Acaba em triste pranto mais imerso,
Naufrágio em mar aberto, crise, rolo.

IV

Gostava de ler versos quando vivo,
Fazendo alguns por conta do segredo,
Mas descobri que o gênio, muito cedo,
Se põe a versejar mais criativo.

Diante da falência, pus degredo,
Pois todos fiz passar por sério crivo

E hoje da poesia inda me privo:
De tudo quanto faço tenho medo.

No amparo que me dão estes amigos,
Não sinto tanto a força dos perigos
De pôr em versos simples sentimentos.

Queria conquistar do mundo a moda,
Porque me atrai estar em meio à roda
De quem faz revoar os pensamentos.

V

Existe sensação de plenitude
No fato de encerrar qualquer poesia:
É doce o coração ter alegria,
Mesmo sendo pequena esta virtude.

Eu sei que o bom leitor melhor faria,
Mas tudo isto que fiz foi o que pude.
Quando tiver mudado de atitude,
Virei com outros tons na melodia.

Romântica, esta glosa é de egoísta,
Pois, na verdade, um século já dista
Dos tempos que passou pelo planeta.

Agora quer voltar sem compromisso,
Mas hoje esta poesia é bom serviço
Que o etéreo há de prestar pelo estafeta.

VI

Falávamos de Deus, naqueles dias,
E as rimas se perdiam pelo ar;
E os versos, na brancura do luar,
Buscavam naturais as harmonias.

Às vezes, bacanais tinham lugar,
Na ingenuidade triste das poesias:
Queríamos viver em alegrias,
Morriamos em torpe lupanar.

O homem mergulhou na realidade,
Buscando o cerne até da natureza,
Deixando para trás o amor-saudade.

Mas muitos que viveram da beleza
E se encheram de orgulho e de vaidade
Agora vêm chorar junto a esta mesa.

VII

Senhor, cedei-me a chave do mistério,
Que o coração se sente arrependido
De tanto ter-vos posto em tolo olvido,
Mesmo após ressurgir do cemitério.

Vós me ofertastes muito, mas duvido
Que, em outro tempo, vos levasse a sério.
Agora, quando quero um refrigério,
Me ponho a lamentar o bem perdido.

— *Quimeras!* — sinto o povo a comentar,
Ao ler estas mensagens doutro plano.
Porém, a vida passa devagar

E o sentimento pode ser insano,
Se as harmonias ficam pelo ar,
Sem dar amor ao coração humano.

45.º DIA

I

São restos que transmito dos meus sonhos,
Na fórmula inconsútil da poesia,
Ternuras que se fazem melodia,
Dulcíssimos solfejos mui risonhos.

Quem dera transformasse em sinfonia
Os versos pobres, ríspidos, bisonhos,
Que, assim, não passarão de sons tristonhos,
Para lembrar que alguém se foi, um dia.

Deixei a minha verve aí na Terra,
Na crença de que aqui o eterno dom
Se punha no improvisado que se encerra

No coração de quem sempre foi bom.
Porém, meu versejar hoje se emperra,
Pois vibro das maldades o acre tom.

II

— *Quem mau se reconhece até vai bem!* —
Hão de exclamar os bons nesta leitura.
Porém, quem se arrepende não tem pura
A alma, por sofrer como ninguém.

E saibam que o sofrer torna insegura
A rima, que virtude não contém,
Porquanto a dor alheia vai também
A crédito de cada criatura.

Se querem ver o mundo transformar-se
E para cada ser dar-se a catarse,
Aceitem toda a lei deste universo.

E sigam direitinho os seus rigores,
Conhecendo as razões de suas dores,
Pensando em, qualquer dia, pôr em verso.

III

O céu se abre em nesgas coloridas,
No fim da tarde pura do Nordeste.
— *Ó Pai, que bela a vida que nos deste,
Fazendo as nossas almas desabridas!*

O coração aspira ao ar celeste,
Às vezes esquecido destas vidas,
Na linha das ações que geram lidas,
Conquanto um verso só não há que preste.

Correi, caros irmãos, com vossa prece,
Os sonhos do perfeito neste vale,
Pois a lei da matéria favorece

Que o verdadeiro Amor aqui se cale:
Diante da beleza, o bem se esquece,
Deixando que a Maldade se erga e fale.

IV

Eu temo não estar bem certo disto,
Que o belo o sofrimento sempre acalma,
Por isso, este poema p'ra minh'alma,
Conquanto sem primor, não é malquisto.

Jesus, em seu burrico, com a palma,
Era de todo o povo mui benquisto.
Dizia-se a sorrir: — *Eis nosso Cristo!*

E o amor por toda a gente o bem espalma.

Uma semana após, não mais que isso,
Ergueram, no calvário, a grossa cruz,
Pensando à religião prestar serviço.

A humanidade não viveu Jesus.
Da mesma forma, eu temo o compromisso
De vir trazer aqui da rima a luz.

V

Se for buscar ao bem um doce atalho,
Querendo chegar logo ao Paraíso,
Entenda que também será preciso
Estruturar a senda do trabalho.

Eu quis correr no verso, agora falho,
Ao perceber a falta de juízo.
Assim, nos meus propósitos diviso
Que o verso simplesmente é quebra-galho.

Não leve a sério, pois, os desatinos
Que o coração mui ávido proclama
E ponha a bimbalar todos os sinos,

Tirando os vícios todos dessa cama:
Faça os cuidados serem peregrinos,
Para reconhecer que o Pai o ama.

VI

Jesus, valei-me, nesta hora triste,
Em que este verso geme a dor do pobre.
— *Mas se ninguém vai ler, não há quem cobre!*
Só a justa consciência, dedo em riste!

Talvez qualquer valor ainda sobre,

Que algum leitor amigo ao bem conquiste.
Por isso, o coração me diz: — *Insiste,*
Para que enfim o mal n'alma se dobre!

— *Caso Jesus não venha, estou perdido!* —
Reflito co'os botões, desiludido
Da própria fé, semente de mostarda.

Mas faço versos cheios de esperança,
Que a caridade é bem que sempre alcança
Felicidade, mesmo quando tarda.

46.º DIA

I

As alegrias do meu povo rude
São demonstradas sempre em meio à praça,
Em união perfeita de uma raça,
Nem sempre pura, em nome da virtude.

Mas nessa festa o tempo mais se espaça,
Até que a vida o mau destino mude,
Que, no evangelho, a lúdima atitude
Vai promover do Pai a doce graça.

Se a toda a gente o bem n'alma penetra,
Não vai ficar o coro: — *Somos tetra!* —,
Que amor se estende pela eternidade.

Lá nas esferas de perfeita vida,
Quem se conduz desperto para a lida
Vibra na praça de feliz cidade.

II

Não é de crer que a vida continue,
Após a morte, em outra dimensão?
Não faça, pois, que o sonho seja vão
E aceite a rima que do etéreo flui.

Sei que o Brasil é tetracampeão
E o fato p'ra alegria contribui,
Porque, na Terra, um dia, também fui
Um torcedor que dei meu coração.

Prejudiquei a vida deste lado,
Por dedicar-me tanto ao tal esporte,
A ponto de ficar descontrolado.

Porém, não foi difícil minha sorte
Disciplinar, mudando o meu estado,
Dando à disputa bem melhor suporte.

III

O nosso mestre diz-me: — *Vê que rimes*
A lei que a angelitude mais conduz!
Aí, há de buscar algo de truz,
Com que outras torcidas reanimes.

É fácil de saber por que Jesus
Não torceria por nenhum dos times:
Nos campos superiores mais sublimes,
Só haveria empates, pela luz.

Em toda parte destes universos,
Auxiliar é norma transcendente,
Fácil de rimar em simples versos,

Mesmo porque o bem o mundo sente,
Conquanto os homens andem mui dispersos,
Como algo que dura eternamente.

IV

A hora não padece ser contada,
Se o verso flui com boa melodia.
Vamos louvar a rima da poesia,
Que a refeição que presta tem salada.

Que outra ideia o amigo aí faria,
Se a Copa nunca fosse festejada?
É como se viver não fosse nada,

No etéreo de total sensaboria.

A taça é muito pouco para o brinde,
O tetracampeonato não comove,
Mas, se o contrato a vida não rescinde,

Quem sabe alguma dor noss'alma prove,
Para que o mal no coração se finde,
Quando perder será prova dos nove.

V

Saudemos nosso Mestre na mensagem,
Que a vida lhe devemos cá na Terra.
E mesmo se o espírito aqui erra,
Deve a ele o esplendor dessa viagem.

Num único e bom verso, o amor se encerra.
O que nos falta apenas é coragem,
Que fazer versos maus não é vantagem:
Terrível é perder a boa guerra.

Jesus conduz a luz, rimas perfeitas,
Repetição atroz de todos nós.
Poesia e melodia são eleitas,

Enquanto tom e bom no som são nós,
Mas vamos ver se tu o tema aceitas,
Orando com amor, a toda voz.

47.º DIA

I

Na estrada que trilhamos pela vida,
Há mais percalços que felicidade.
Assim, um simples gesto de bondade
Pode mudar o rumo dessa lida.

Se forte ódio nossa alma invade,
Há de esperar que fique arrependida,
Pois não existe outra qualquer saída
Que tão de pronto o bem nos arrecade.

Pode a pessoa até menosprezar
O bom conselho deste patamar,
Mas saiba bem onde estará o ludíbrio.

Aí, será orar com devoção,
Para alcançar que dê o seu perdão
A consciência, em forma de equilíbrio.

II

Vamos tentar abrir a nossa mente
Para o universo lúdico do bem,
Pois quem precisa há de querer também
Retribuir os lucros, nobremente.

Ao receber amor, fica refém
A alma que se deu completamente.
É nesse vaivém que a gente sente
Que, quando estamos sós, somos ninguém.

No etéreo, é que o existir mais se completa,

Pois sempre se reúnem os felizes,
Para traçar do bem as diretrizes,

Levando o seu auxílio a quem não veta
O sentimento simples da vingança,
Ao devolver amor como esperança.

III

Os sentimentos nobres geram paz;
As virtudes produzem todo o bem;
Não vamos arriscar, ficando sem
Estimular a quem for incapaz.

Por menos que se faça, sempre alguém
Há de dizer que o pouco que se faz
Não vai deixar a gente muito atrás,
Que atrás de nós há muitos, que não vêm.

Orar, então, vai ser preciso, e muito,
Que existem padroeiros no universo
Capazes de causar curto-circuito,

Energizando, assim, o rude verso,
Transformando em amor o nosso intuito
De ver bem junto a nós quem vai disperso.

IV

Conselhos não daremos a quem chora,
Que a dor põe n'alma tristes inquietudes:
Não há como mostrar serem virtudes
Os sacrifícios feitos nessa hora.

Enquanto não mudarem de atitudes,
A lei do sofrimento é que vigora:
No aguardo de que nasça nova aurora,
A noite há de passar em negritudes.

Para afastar, então, todo contágio
Da obsessão voraz dos infelizes,
Havemos de enfrentar o mau presságio,

Removendo o mal pelas raízes,
Buscando merecer o apanágio
De compreender as leis e diretrizes.

V

O norte que nos mostra o coração
Levar-nos-á ao Pai, serenamente.
Mas é preciso dar à nossa mente
Um bom motivo para ter razão.

Sabemos quando o sentimento mente.
Não vamos dar nenhuma explicação,
Que um simples termo aí seria vão
E todo ato, tolo e improdente.

Qualquer malícia deixa o homem velho,
Para aprender as normas do evangelho:
Então, há de penar em outra vida.

Não jogue co'a razão o sentimento,
Nem brinque co'a emoção o entendimento:
Ao equilíbrio a lei sempre convida.

48.º DIA

I

No auxílio a quem morre suicida,
O amor há de contar como primeiro,
Que, à morte, o sofrimento vem inteiro,
Na sensação da perda de uma vida.

Se o amigo aí nos vem dizer: — *Requeiro
Que tragam provas disso* —, pois duvida,
Prepare-se que é certa a sua lida,
No socorro a algum triste companheiro.

Quem chega lá nas trevas sem preparo,
Vai ver que o sentimento custou caro,
Nas vibrações terríveis do tormento.

São poucos, entretanto, que ali vão,
Deixando que se envolva o coração,
Porquanto os protetores dão alento.

II

A perda de uma vida é dura queda,
Ofensa das maiores, feio crime.
É como desejar verso que rime,
Enquanto a mente os sons ainda veda.

Para encontrar um bem muito sublime,
A um pobre coração que o mal enreda,
Há de saber-se que tal alma azeda,
Não aceitando nada que a reanime.

Aí, orar vai ser santo remédio,

Até que se desfaça o negro tédio
Do sofrimento consciencial profundo.

É que os liames que se desfizeram,
Ao se ligarem outra vez, mais geram
Acusações perante Deus e o mundo.

III

Assume compromissos socorristas
Quem tenha n'alma bem maior conforto.
Disse Jesus para enterrar o morto
Os outros mortos mais materialistas.

Ao destravar a nave desse porto,
Conduzirá do bem todas as listas.
Mas, se souberem como tu hesitas,
Em terra, hás de ficar, triste, absorto.

Preso à carcaça, lá no cemitério,
Fica quem deu um fim à própria vida,
Sem resolver o fio do vil mistério.

Quando se sabe que a melhor saída
É o sofrimento que se leva a sério,
Não há pensar que é bom ser suicida.

IV

Se Jesus Cristo desse a todo o mundo
Compreensão total de cada vida,
Veria cada qual um suicida,
Que poucos não caíram lá no fundo.

Porém, a lei prescreve uma outra lida
A quem se sente n'alma tão imundo;
E dá-lhe um protetor, mas, num segundo,
A trabalhadeira toda está perdida.

Por isso, o sofrimento é muito intenso
E a dor perdura um tempo quase infundo,
Até que o pobre diz, um dia: — *Eu venço*

Que este sufoco embora já está indo!
Mas quando o coração está distenso,
Renasce aí na Terra um bebê lindo.

49.º DIA

I

A glória de viver pelo evangelho
São poucos que conseguem, cá na Terra.
É que as pessoas sempre estão em guerra,
E a guerra não se esquece, até bem velho.

Retornando ao etéreo, logo emperra
O sentido de ouvir o bom conselho
E chega-se a dizer: — *Eu só me espelho*
No exemplo que me dá o Padre Serra.

Responsabilidade é o que se quer
De cada ser humano consciente,
Pois quem recebe a vida de colher

Deve pensar em ser mais conseqüente,
Porque um errinho só, um mal qualquer,
O protetor amigo logo sente.

II

Não queira, pois, voltar a ser perverso,
Já que o passado nunca foi melhor.
Quem busca conhecer sabe de cor
Que o coração no mal esteve imerso.

A caridade deve ser maior,
Que o bem do amor é sempre incontroverso.
Quem leva a vida a flutuar, disperso,
Ao retornar, vai-se sentir pior.

Ouçamos a Jesus, primeiramente,
Que, no evangelho, está toda a lição,
No exemplo que, encarnado, deu à gente.

E quem quiser na fé dispor razão,
Não seja a Allan Kardec indiferente,
Que os bons, nestes caminhos, hoje vão.

III

No auge da jornada, pare um pouco,
Para pensar no bem que tenha feito,
E peça ao protetor, com fé, com jeito,
Que nunca há de fazer-lhe ouvido mouco:

— *Querido amigo, eu quero dar respeito,
Embora este meu som esteja rouco.
É que não sei se estou ficando louco,
Por desejar passar no beco estreito.*

Ao pôr as coisas tão honestamente,
Vão-lhe dizer que o bom é estar consciente
Das causas que motivam cada lida.

De que lhe adianta ter bom coração,
Se a mente não conhece qual razão
Que o faz agir assim, durante a vida?!

IV

Na dúvida que cresce em raciocínio,
Reside a base certa do progresso.
Aí, basta dizer: — *Eu não me expresso
Como manda o rigor do tirocínio.*

Se o coração for bom, já no regresso,
O protetor vai exercer fascínio,
Ao retirar, do fundo de um escrínio,

As joias muito raras do sucesso.

Quem aplicar seu tempo em caridade
Não há de magoar ninguém no mundo
E o amor o coração em paz invade.

*Aí, basta dizer: — Não me confundo
Com as normas da lei que, um dia, há de
Depositar-se n'alma, lá no fundo!*

V

Existe norma superior a tudo
Que temos dito nesta nossa rima,
Que cada ação no mundo mais sublima,
Muito melhor até que o nobre estudo.

Foi sugerida em verso mais acima,
Serve p'ra proteger melhor que escudo,
Apropriada até p'ra surdo-mudo,
Que poderá expressar a sua estima.

Não há segredo nessa regra de ouro,
Embora necessite da razão
Para tornar-se mais que um bom tesouro

Que a traça não nos rouba nem ladrão.
Para quem não se lembra, é grão desdouro:
É agradecer a Deus, numa oração.

VI

O estilo destes versos sofre muito,
Ao repetir-se sempre o mesmo som.
Vai perdoar o amigo o pouco dom,
Conquanto seja nobre o nosso intuito.

Em tempos clássicos, colher o fruto

Daria do perfeito o melhor tom.
Em tempos mais modernos, fica bom
Na rima provocar curto-circuito.

Parece de brinquedo o simples verso
Mas creia que é mui rude o sacrifício
De radicalizar nosso universo,

Para afastar de vez o extremo vício
De sempre ver na glosa mal perverso,
Deixando deste amor algum indício.

50.º DIA

I

As trevas são prenúncios da maldade,
Que o coração se enche de suspeitas.
Enquanto n'alma as dúvidas espreitas,
O medo para os crimes persuade.

É o Sol que tu na vida mais respeitas,
Porque te dá prazer, sem caridade,
E vem de muito longe essa bondade,
Desde que as coisas todas foram feitas.

Cumpre com teu dever de criatura
E estende, pela noite, o compromisso
De alimentar o bem que se depura,

Levando ao companheiro o teu serviço.
Não ajas nessa lida sem lisura,
Que o Sol pela manhã tem bem mais viço.

II

Confronta-te com quem te desafia,
Se o medo te deixar apavorado;
Mas põe o coração em tal cuidado,
P'ra não fugires triste da porfia.

Não digas ao poeta: — *Hoje me enfado,*
Que o tema que desejo p'ra poesia
Ninguém melhor que eu aqui faria —,
Deixando este soneto abandonado.

A luta que se trava junto à mesa,
Até pode não ter a tal grandeza

Que a empáfia determina para o verso.

Porém, quando se encerra a boa glosa,
É lídimo o prazer que a alma goza:
O bem mais importante do Universo.

III

As uvas estão verdes p'ra raposa,
Se n'alma dela apenas mora o tédio,
No entanto, há de dizer: — *Mas que remédio:*
Eu tenho de enfrentar quem tanto ousa.

Será que tem paciência este meu médium,
Para escrever bobagens nessa lousa,
Ou quer que a gente dite uma outra cousa,
Para fazer valer o nosso assédio?

Trabalho noite e dia neste texto,
No intuito de mostrar meu sentimento,
Pois faço da poesia só pretexto,

Para ver se meus créditos aumento,
Pois sei que, ao concluir o canto sexto,
Ao meu canto retorno, em sofrimento.

IV

As *dicás* que me deram, noutra dia,
Para formar uns versos com tempero,
Não hão de combinar co'o desespero
Que sinto, ao preparar esta poesia.

Alguns irão pensar em exagero,
Quando disser-lhes que melhor faria,
Se fosse cantar noutra freguesia,
Livrando-lhes do lúgubre entrevero.

Gostei da liberdade da gramática,
Tornando a minha glosa bem mais prática:
Licenças que um poeta muito estima.

Mas, quando a mente permanece extática,
Causando no dial somente estática,
É hora de fechar a pobre rima.

V

— *Não há de ter, por certo, o que fazer
Quem se dedica tanto a um pobre verso!*
É esse um sentimento mui perverso
De quem não compreende o bom dever.

Nem tudo há de caber neste universo,
Que o mal há de trocar com bem-querer.
Se cá viesse apenas por prazer,
O tom da melodia era diverso.

Eu faço, simplesmente, isto que posso,
Modesto no evangelho que aprendi,
Que a caridade e o bem bastante endosso.

No entanto, ao demonstrar o que senti,
No alto da cabeça o medo coço,
Que há coisas que jamais diria aqui.

VI

Pretendo despejar-me brevemente,
Que o fim está chegando de mansinho.
Eu vou agradecer o seu carinho,
Pois quem orou por mim é muito gente.

Desculpe, se lhe fui somente espinho,
Se não soube cumprir com meu batente.
Já disse alguém que o verso sempre mente;

E disse por estar sempre sozinho.

Passado tanto tempo desse verso,
O artista já esqueceu o seu motivo,
Levando a pura alma em bem imerso.

Assim, o bom amigo, estando vivo,
Um dia, há de sentir, incontroverso,
Este meu Cristianismo Redivivo.

51.º DIA

I

O sério olhar do grande pedagogo
Faz-me pensar quão túrbido é o destino
De quem fraqueja, em tonto desatino,
Sem nunca ouvir da caridade o rogo.

Se fosse o seu retrato de menino,
Outra expressão teria eu em jogo,
Por certo alegre, a dar-me desafogo,
Pois com Jesus, assim, melhor combino.

Uma figura ali, naquela capa,
Me dá a impressão que cousa alguma escapa
Do que me vai por dentro da consciência.

Ao escrever o livro *O Céu e o Inferno*,
Quis levantar a fímbria do que é eterno,
Pois colocava a fé à luz da ciência.

II

Devendo até os fios dos cabelos,
Já não sabia o que fazer da vida.
Eu fui buscar, então, a má saída
E despachei a carta sem os selos.

Eis-me no etéreo, pobre suicida,
A pagar em dor tantos desmazelos,
Envergonhado ao ter de descrevê-los,
Que a isso é que a consciência me convida.

O que posso dizer ao meu leitor,
Senão que leve a vida com amor,
Pois Deus é pai de infinda compreensão?!

Mas deve o filho ver o quanto errou,
Quando a si mesmo o mal não perdoou,
Que é muito nobre a fé pela razão.

III

Eu não serei jamais apedrejado,
Por confessar o meu horrendo crime.
O povo há de querer que me reanime,
Deixando a culpa e o medo ali de lado.

Não há, no mundo, dom de amor sublime
Que possa colocar-me aliviado,
Sem antes terminar este recado,
Buscando um verso que o leitor estime.

Hão de pensar que é mui estranha a pena
Sentenciada a pecador tamanho.
É que a consciência agora já acena

Que existe p'ro pastor outro rebanho:
Responsabilidade não pequena,
Se alguém para esta fé no verso ganho.

IV

A limpidez do ar quando respiro
Se faz sentir lá dentro dos pulmões
E fico a meditar, com meus botões,
Como as ações do bem a mim transfiro.

No verso, surgem logo soluções,
Bastando dar à frase um leve giro.

Assim é quando a rima firme miro,
Dando no pensamento uns safanões.

Ao se tratar, porém da própria vida,
São outras as conversas do destino,
Às vezes, só havendo uma saída

Difícil para mim, que não atino
Que é somente a alma arrependida
Que vai compor um verso peregrino.

V

Eu tinha para mim que todo o mundo
Iria ler o meu pobre soneto.
Assim, eliminei cada defeito,
Buscando dar ao tema tom profundo.

Trabalhei como escravo, neste eito,
Meu cérebro, porém, não foi fecundo.
Olhem que não larguei nenhum segundo
Para folgar, que isso não aceito.

De tanto burilar cada versinho,
Tratando cada ideia com carinho,
Julguei ter realizado uma obra-prima;

Mas, quando vim ditar para este médium,
Foi que notei um erro sem remédio:
Soneto com defeito aqui se rima.

VI

Queria dar a todos minha estima,
Mas temo não ter verve para isso;
Então, eu vou deixar um compromisso
De retornar mais tarde, noutra rima.

No meio tempo, eu vou mostrar serviço,
A ver se o povo aqui se reanima,
Pois fica muito triste o nosso clima,
Quando o soneto murcha e perde o viço.

Tentei mostrar-me alegre algumas vezes,
Porém, os versos foram tão soezes
Que as lágrimas lavaram os poemas,

Levando a inspiração ali p'ro ralo,
Fazendo com que eu diga: — *Agora calo,*
Que as soluções hão de virar problemas.

52.º DIA

I

Eu luto, ao fazer uns simples versos,
Para levar ao mundo a minha ideia,
E os meus amigos juntos, na assembleia,
Não podem bendizê-los, por perversos.

Não cai um só brilhante na bateia,
Pois ficam lá no fundo d'água imersos.
É como estes sonetos cá dispersos,
Que causam, ao se ler, só dispneia.

Mas vão dizer que, em vez destes lamentos,
Podiam ser expostos pensamentos
De luz, de amor, de vida e de perdão.

Aí é que complica a minha rima,
Pois é só quando a alma se sublima
Que o verso ao sentimento dá expansão.

II

Eu posso até falar dessas virtudes,
Pois construir o verso não me afeta,
Embora, se me chamam de poeta,
Mais cheio eu fique ainda de inquietudes.

*— Se não podes seguir por esta reta,
Eu não sei por que a isso tanto aludes.
Espero que, bem prestes, o tom mudes,
Que amor há de ser sempre a nossa meta.*

Por ter razão o amigo que assim pensa,

Vai receber de mim a recompensa
De um verso bem mais sério e competente.

— *Prepara-te que o dom exige esforço.
Para que adentes dos gentis o corso,
Vais ter de dar de ti a toda a gente!*

III

Queria o nobre amigo ver a vida
Pela luneta mágica do bem.
No entanto, não se esforça, pois não tem
Quem venha dar-lhe o amor que convalida.

Quem do evangelho as leis do bem retém,
Jamais irá ligar p'ra rude lida,
Porquanto a caridade amor convida;
E quem recebe amor o dá também.

O círculo se fecha em torno a mim,
Deixando-me mui zozzo o silogismo,
Já não sabendo agora qual o fim.

Se, no começo, foi o Cristianismo,
A caridade, o bem, o amor, enfim,
Prosseguem inda mais no Espiritismo.

IV

O trato desta turma co'o escrevente
É de apanhar ditados sem rascunho.
Foi como se inventou dar testemunho
De quem age por via consequente.

O verso que lhe dou de próprio punho
Contém do etéreo algum ingrediente,
Mas o formato e o tema, realmente,
Mantêm dos encarnados o seu cunho.

Por isso, o povo pensa que o mortal
É quem redige a glosa, sem pudor,
Querendo dar de bom e coisa e tal...

No entanto, se existir algum valor
No aspecto importante da moral,
Proponho ler os versos com amor.

V

Se lhes disser que estou bem sob a luz
Que do Alto descai, bênção divina,
Que sigo as normas todas da Doutrina,
Que faço sempre como quis Jesus;

Se lhes disser que o verso meu ensina
Como chegar ao reino, sem a cruz,
Mostrando o bom caminho que conduz
À tal felicidade peregrina;

Perguntem pela sombra que se estende,
Perguntem pela rima que não rende,
Perguntem pelo tema desconexo.

Aí, vão descobrir que o sentimento
Vai redundar em triste desalento,
Pois ser arcanjo é muito mais complexo.

VI

Tentar, tentei, que os versos cá estão;
Pensar, pensei que a rima se fizesse;
Julgar, julguei que o belo tema desse
Para formar soneto de emoção.

Rezar, rezei a minha pobre prece;
Penar, penei, ó rude coração!;

Amar, amei, que amor jamais diz não
A quem deseja a luz p'ra boa messe.

E agora eu ergo os olhos para o Céu,
Rogando que me afaste do escarcéu
Que faz minha consciência despertada.

Eu sinto que, no verso, sou bem-vindo,
Que, ao menos, um soneto ficou lindo,
Conquanto para o bem não seja nada.

VII

Eu tenho este rimar sobressalente,
No caso de dar tempo para um verso
Que, embora traga o ritmo perverso,
Possa tornar a turma mais contente.

O tema é pobrezito, este que verso
De modo mui banal, irreverente,
Conquanto ainda almeje que se esquite
Quem tenha sentimento bem diverso.

Anima-te, tedioso coração,
Que o dia se ganhou numa oração
Que pôs a triste mágoa para fora.

A luta pelo bem não tem fronteiras.
Ainda que lutar nem sempre queiras,
Compõe o fim da estrofe e vai embora.

53.º DIA

I

Os amplos horizontes do futuro
Dependem do que hoje se fizer,
Que é do passado o trunfo que se quer
Dispor no jogo, p'ra ganhar seguro.

Este soneto chega de colher,
P'ra comprovar que não existe furo
No raciocínio acima, muito puro,
Pois preparado está p'ro que vier.

Caso estivesse eu melhor formado,
Para enfrentar co'a rima o sério tema,
Não correria o risco malfadado

De me envolver apenas no problema,
Sem me sentir aqui, posto de lado,
Tolhida a evolução neste dilema.

II

Quem planta ventos colhe tempestade:
Eis o resumo certo do meu tema,
Para ser mais exato neste esquema,
Que a voz do povo a todos persuade.

De meu curto saber, por mais que esprema,
Nenhum leitor existe que se agrada,
Que o supra-sumo da felicidade
É alcançar o fim deste poema.

Assim, conserva atenta a tua alma,

Até que algum leitor consiga ler,
Mantendo a consciência em paz e calma,

Sabendo ser a norma do dever,
Que exige que do amor se leve a palma,
Que o devenir do verso é o bem-querer.

III

Estranha o bom leitor que o triste tema
Mantenha o tom de quem hesite tanto?
Mas isso está-se dando por enquanto,
Até que fique claro o rico lema.

Não há de ser objeto desse espanto
A forma, que aparece sem problema
Para suster de pé o bom sistema
De iludir com as vozes deste canto.

Às vezes, um soneto só não basta
Para mostrar que a obra é pura e casta,
Chegando até a dar real prazer.

É preciso bem mais: que haja estudo,
A provocar a reação: — *Eu mudo,*
Já que senti do amor gentil poder.

IV

Mamãe está querendo que um versinho
Ponha em relevo uma sutil virtude,
Que o coração do filho aqui desnude,
A demonstrar o nosso bom carinho.

No fundo d'alma, espera que não mude
Esse aconchego quente do seu ninho,
Conquanto reconheça que o caminho
Não lhe define a mãe, por mais que estude.

A sombra do futuro está distante.
No presente, a esperança sabe a mel,
Já que a felicidade é bem constante.

Na vida, cada qual tem seu papel:
Peçamos ao Senhor para que plante
As sementes do amor em Gabriel.

54.º DIA

I

Quem trouxe a trova ao parvo suicida
Queria ver como se põe o verso,
Estando o torvo meditar disperso,
Por ter desperdiçado, em culpa, a vida.

Não julguem ver, no ato, algo perverso,
Que é sempre bom saber que, arrependida,
A alma há de encontrar uma saída,
Embora, em dor, o coração imerso.

Basta acionar do médium a memória,
Para anotar a nossa triste história,
Em rimas repetidas, sem capricho.

Pois quem perdeu a vida não quer ter
A glória infausta de sentir prazer,
Pelas momices broncas deste bicho.

II

Ao menos, os sonetos são preciosos,
No esquecimento instantâneo dessa dor,
Misericórdia augusta do Senhor,
Que sempre há de acenar com puros gozos.

Porém, não veja, irmão, qualquer valor
Nestes sonetos flácidos, gasosos,
Que até podem tornar-se perigosos,
Se o mal ficar de lado, ao se compor.

Tendo aprontado os versos neste tom,
Reserva-se ao autor o compromisso
De repetir a trova, em alto som,

O que faz parte ativa do serviço
De oferecer às gentes algo bom:
Este trágico exemplo em que os atijo.

III

Quem vem para a instrução da melhor vida
Não pode ter mui sério o compromisso,
Pois deveria ter muito mais viço
E não a escuridão de um suicida.

Assim, a tentativa do serviço
É boba, opaca, lúgubre, perdida,
Conquanto jamais fuja desta lida,
Pois sem o tal trabalho mais me enguiço.

Anote aí, amigo, esta lição,
Que dá de graça o pobre coração,
Que se embaraça todo nesta rima:

Atenda aos compromissos assumidos,
Por mais horrores veja reunidos,
Que a dor em paz o amor toda sublima.

IV

Quisera ser nos versos mais terrífico,
Trazendo rimas ricas de montão,
P'ra que nenhum leitor dissesse *não*,
Sem conhecer o mérito específico.

Do jeito que componho, rir-se-ão,
Pensando ser quimérico, mirífico,
O exemplo simples de um viver pacífico,

Em busca de alcançar evolução.

Porque fui complicado em minha vida,
É que acabei com tudo, suicida,
Sem refletir nas dores que causei,

Agora, corro atrás de resgatar
Os males, mas só vou mui devagar,
Pois, ao rimar amor com dor, errei.

55.º DIA

I

Eu vou compor um hino para a vida,
Mas não vai ser em pobre verso, tolo,
Já que me falta a arte de compô-lo
Porquanto terminei vil suicida.

É que desejo ter bem mais consolo,
Na próxima jornada arrependida,
Achando, na verdade, uma saída
P'ra não cair de novo neste rolo.

Se conseguir cumprir esta promessa,
Ao retornar, virei com outro encanto,
Para adornar de amor a minha peça.

Portanto, não se apeguem ao meu canto,
Como se fosse um texto bom à beça,
E, sim, um simples solfejar-enquanto.

II

Esplêndida será, então, a rima,
Não este canto fúnebre, imperfeito:
O verso, para ser aqui aceito,
Trará felicidade, amor, estima.

É claro que o soneto hoje respeito,
Porque esta dor terrível bem sublima,
Podendo ser, assim, uma obra-prima,
Que Dante até no Inferno deu um jeito.

Porém, o sentimento é deprimente
E põe tristeza em todos os semblantes,
Por mais que brincadeiras cá invente,

No jogo do depois que, aqui, vem antes,
Futuro que se sabe *inexcludente*,
Que todos são iguais aos semelhantes.

III

Filosofia espúria que não rima
Com o rigor de um puro conteúdo,
Que leio, na Doutrina, quando estudo,
E que a expressão vazia não anima.

Por mais que o gesto torvo, xucro, mudo,
O texto permanece neste clima,
Inda porque o que disse mais acima
Não sofre, na verdade, um só *contudo*.

Assim, o poço fundo em que caí
Conserva esta parede lamacenta,
Promessa de que irei ficar aqui.

O fato é que a poesia sempre aumenta
A dor de quem apenas pensa em si,
Querendo ver o quanto a turma aguenta.

IV

Os bons jamais hão de sofrer castigo,
Portanto não me leiam até o fim,
Orando, com fervor, não só por mim,
Mas pela turma toda aqui comigo.

A trova não está muito ruim,
Porque não corre a rima o tal perigo

De me escutar dizer: — *Agora eu brigo!* —,
A ponto de mandar comer capim.

Se Deus me perdoar o atrevimento
De vir atormentar o bom leitor,
Prometo suspender o vil lamento,

Buscando um verso alegre p'ra repor
Aquele em que o buraco eu mais aumento,
Por falta de respeito ou de valor.

V

A minha quota estava terminada,
Quando o meu mestre disse p'ra insistir,
Que era possível ter o Wladimir
Desejo de enfrentar outra parada.

Como saber se o verso, no porvir,
Não seja só estribilho ou pasquinada,
Exercício banal que a turma enfada,
Que, para enfatuar, há de servir?

Agradecendo a Deus cada virtude
Expressa nestas rimas, que improviso,
Com sentimento bom, embora rude;

E reforçando a lei, em duro aviso,
Pois só quando p'ro bem a alma muda,
Vai merecer subir ao Paraíso.

56.º DIA

I

Há temas proibidos, cá na Terra,
Para que os imortais possam cantar.
Por isso é que chegamos devagar,
Pois quem pensa bastante pouco erra.

Mas não veja, no nosso divagar,
A tentativa frustra, que se encerra
Apenas na escansão, a que se aferra
Quem nada sabe além do que rimar.

Eu gostaria de mostrar a dor
Do despertar dum pobre suicida,
Mas verso algum que aqui fosse compor

Consequiria dar daquela lida,
Que nos obriga o mundo inferior,
Pálida ideia, à luz de quem tem vida.

II

Perdão, meu Deus, p'ros males que causei,
Quando dei fim funesto à minha vida!
Consola, Pai, a dor d'alma ferida,
Por essa ofensa tola à minha grei.

Agora, Pai, que estou arrependida,
Revela o ponto exato em que pequei,
Pois, na verdade, o erro ainda não sei
Se o grande amor que tive convalida.

Quando parti, partiu também comigo

Um bom rapaz, a quem amei bastante,
Que não sabia o tanto de perigo

Que enfrentaria, quando o amor garante
Amena culpa, um tico de castigo,
Não esta angústia de existência errante.

III

Num atropelo triste, em desatino,
Busquei achar o meu amor no etéreo,
Assim que me livrej, no cemitério,
De fétida carcaça de assassino.

Não atinei, na Terra, co'o mistério
De não mandar jamais no meu destino,
Conforme diz o Mestre, em doce ensino,
A quem não der ao pobre auxílio sério.

Caí nas profundezas deste abismo,
Levado pelas forças do egoísmo,
Julgando-me traído por Jesus.

Pensei em ser feliz querendo a morte,
Unindo o meu amor na mesma sorte:
Faz muitos anos que me pesa a cruz.

IV

Um só soneto tenho para o dia
Em que voltei a ver o meu amor.
Estava triste, alheia, a decompor
Palavras simples, a tentar poesia.

Quanta seria a força de tal dor,
Se o coração lhe desse a melodia!
Aí, o verso meu se calaria,
Pois não teria o som qualquer valor.

Em seu semblante, eu vi tristeza infinda,
Ela que, quando viva, era a mais linda,
A mais prendada moça do lugar.

Temí amordaçá-la como outrora;
Fugi amedrontado, mundo afora;
Busquei este cantinho p'ra chorar!

57.º DIA

I

Esquecido, num lúgubre lugar,
Sofri muitos horrores conscienciais.
E teria sofrido muito mais,
Não fosse esta turminha me buscar.

Não tive qualidades especiais,
Somente o proceder bem singular
De nunca a Providência ajuizar,
Pois todos os seus filhos são iguais.

A mim é que esticava o rijo dedo,
Culpando-me dos erros desse enredo,
Em que desempenhei como vilão.

Agora, quero ser protagonista
E o mestre manda sempre que eu insista
Em que devo a mim mesmo dar perdão.

II

Terrível vitupério é o elogio
Que diz, para si mesmo, o trovador,
Porém, se bela rima vim compor,
É que dei por aceito o desafio.

Esteja arriscando-me o que for,
Fugir seria só falta de brio,
Por isso é que em Jesus sempre confio,
Em seu bom coração, que é puro amor.

Também, não vou deixar nesta poesia
O estigma do mal, que lhe daria

A forma de minh'alma pouco sã.

Apenas vou pedir que o povo estude
Um meio de ganhar cada virtude,
Orando p'ro sucesso desta irmã.

III

Estranha o nosso médium que a poesia
Rejeite, quase sempre, o feminino,
Pois, quase sempre, o toque masculino
É que tange estas cordas de harmonia.

Madalena, sou eu, que aqui combino
Os sons da cantilena, todavia,
Consciente de que alguém melhor faria,
Aceito dos poetas seu ensino.

Por ser a prima trova, desespero,
Querendo vê-la logo concluída,
Porém, sem lengalenga ou lero-lero,

Que a turma torce toda reunida,
Na ânsia de ouvir tango e não bolero,
Que foi o que dancei, durante a vida.

IV

Carismas, intempéries, coisas santas
Misturam-se nas mentes combalidas,
E as trovas se desfazem, nestas lidas,
Depois que joguei fora não sei quantas.

— Se estas são as rimas mais queridas,
Que, no jardim dos versos, sempre plantas,
Por que, ó coração, que tu te espantas
Ao veres que a maldade convalidas?...

— Arranca da cabeça a covardia
E faze do sofrer bela poesia,
Para alertar do mal a todo o povo.

— Não penses tão somente em vil ludíbrio,
Pois nestes metros haverá equilíbrio.
Caso não haja amor, rima de novo.

V

Não foi um bom início, todavia,
Deixamos registrada a nossa marca,
Pendendo para o sério e p'ra fuzarca,
Que o bom é estudar com alegria.

O médium, pobrezito, é que aqui arca
Com esta sobrecarga de poesia,
Julgando sempre que melhor seria
Se não fizesse água a tosca barca.

Mas, na verdade, o povo se diverte,
Enquanto põe em verso esta lição,
Pois sabe que o leitor é bem solerte,

Cobrando deste tema distinção,
Querendo que o poeta bem acerte,
Ao dizer *sim* ao bem e ao mal, *não*.

VI

Eu vou compor um último soneto,
Mas, nem por isso, feio como a peste,
Querendo ver que o vate mas empreste
Todas as cores, que não seja o preto.

Embora seja a rima um simples teste,
Nos temas da Doutrina eu me intrometo
E peço p'ra dançar um minueto

Os pés do metro em que minh'alma investe.

— Não desperdices tempo, amigo meu,
Pondo de molho as barbas da alegria,
E apaga esse azedume que te deu

Ideia que qualquer melhor faria
O universal amor do Bom Judeu
Transparecer nos versos da poesia.

58.º DIA

I

Eu acho que não tem mais cabimento
Perturbar o leitor com má poesia,
Causando-lhe completo sofrimento,
Que nem com cassetete não faria.

No entanto, esta pressão bem mais aumento,
Porque parar agora não daria,
Já que o nosso médium segue atento,
Em busca de ganhar um outro dia.

Assim, escrevo apenas p'ro consumo,
Propondo do evangelho só o resumo
Das leis do amor, do bem e do perdão,

Querendo que esse amigo saiba bem
Que a turma que verseja também tem
Prazer em apertá-lo ao coração.

II

Se, acaso, a minha estrofe melhorar,
A ponto de causar satisfação,
Talvez eu possa até amearhar
O sentimento nobre do perdão,

Ao dizer ao leitor que o patamar
Da esfera em que faço este refrão
Está só meio metro do lugar
Em que o amigo pisa aí no chão.

— *Por que não vem do Alto alguma luz*

*Que possa dar a todos de Jesus
O ensino mais sutil dessa virtude?*

Não queira seja novo o que é bem velho,
Pois tudo já se encontra no **Evangelho**,
No aguardo que a consciência, um dia, mude.

III

Não devo censurar o bom amigo
Que tem boa vontade na leitura,
Porque, sem esforçar-se, o verso atura,
Jamais dizendo assim: — *Mangas comigo!*

Busco retribuir com rima pura,
A retorcer o verso com que brigo,
Mas sempre a colher joio, jamais trigo,
Enquanto o sacrifício aqui perdura.

Aí, eu peço a Deus que nos ajude
A decifrar as leis desta virtude,
Pondo nossa amizade um ponto acima.

Logo desce do Céu um anjo lindo,
Que nos aponta o coração, sorrindo,
Dizendo ali encontrar-se a pura rima.

IV

Encontro-me contente co'a poesia,
Que é tudo o que pedi durante a vida.
Talvez até pareça algo falida,
Mas isto há de rimar melhor um dia.

Trabalho para achar uma saída
Que dê, para o progresso, a clara via,
Mas vejo que a consciência já sabia
Quando, com o evangelho, me revida.

Refaço, pois, o verso-compromisso,
Julgando que é melhor prestar serviço,
Em vez de dar prazer com boa rima;

E lembro que Jesus orou por nós,
Alteando, na cruz, a doce voz,
Rogando, em puro amor, do Pai a estima.

V

Ó Deus, o que é que busco ao versejar,
Se a minha voz soluça em som mui rouco?
Perdoa, se consigo aqui tão pouco,
Se a nave vai perdida em alto mar!

Não faças ao soneto ouvido mouco:
Ensina este poeta a apostrofar
Os vícios, que empesteiaram o lugar,
Tornando o homem hoje muito louco.

Mas como reclamar de quem falseia
Aquele cuja alma está tão feia,
Que já não vê na trova a imensa trava,

E toca a mesma música do disco,
Querendo ver no irmão um simples cisco,
Rimando, mas dizendo que não dava?!...

VI

Valei-me, bom Jesus, nesta escansão,
Que o tempo que disponho já escasseia,
Contornando-me a rima pobre e feia,
Livrando-me do mal da escuridão.

Eu sei que o verso meu não há quem leia,
Embora nele ponha o coração,

Porém, digei-me *sim* e nunca *não*,
Se o bem o verso aqui desencadeia.

A luz que vos pedi está presente,
Que a bênção nesta trova se assegura,
Por gentil vibração que a alma sente,

Como se fora a vida bem mais pura,
Bondade desse amor que, eternamente,
Eleva e glorifica a criatura.

59.º DIA

I

Eleva e glorifica a criatura
O amor que Jesus Cristo tem por nós.
Assim, alteia o tom da tua voz
E torna a tua alma muito pura,

Rogando que não seja muito atroz
A dor que o banimento te assegura,
Porque há de valer-te a tua jura,
A fim de perdoares teu algoz.

É grande o desamparo da má rima,
Perante o sofrimento que há no mundo,
Que o pouco que fazemos não sublima

A falsidade pérfida, sem fundo,
Que a trova não descreve nem anima,
Sentimento da alma vagabundo.

II

Quiséramos saber quanto é formoso
O parque divinal do paraíso,
Mas, para lá chegar, vai ser preciso
Dispor o coração em bom repouso.

Enquanto aqui bater, sem ter juízo,
Querendo cá da Terra o melhor gozo,
Há de sofrer o trauma perigoso
De não ouvir do Pai o bom aviso.

Se forem contestar que somos loucos,

Que o Pai sempre lhes fez ouvidos moucos,
Porque sofrem demais estando velhos,

Teremos de lembrar que foi Jesus
Quem veio, cá na Terra, verter luz,
Que esplende, em borbotões, nos *Evangelhos*.

III

Tristezas são comuns entre os mortais
Que querem o fenômeno divino,
Mas, quando o etéreo aqui canta seu hino,
Dão de ombros e pedem sempre mais.

Não se cansam de dizer: — *Eu abomino*
Os versos que parecem sempre iguais.
E quando contestamos: — *Eu jamais*
Aceitarei de Deus tão vil destino.

Sabemos porque foi assim que vimos
Encalacrar-se a dor, em nossos imos,
Durante a nossa vida aí na Terra.

Sorríamos da dúvida que gera
O pensamento de existir esfera
Em que, numa poesia, o amor se encerra.

IV

Quem quer chegar mais cedo ao seu destino
Não tenha pressa alguma e faça o bem;
Não guarde, no seu bolso, um só vintém
E fuja de gerar mais desatino.

O acréscimo do Pai dá a quem tem:
É esse de Jesus o bom ensino,
Que aprende, desde logo, quem tem tino,
Porque quem nada tem acaba sem.

Se, no *Evangelho*, sobra algum mistério,
Podendo parecer não seja sério
O texto que não tem explicação,

Esqueça o bom amigo o julgamento,
Sabendo, simplesmente, ser mais lento
Quem alcançou primeiro a redenção.

V

Aplica essa lição à tua vida
E dá trabalho duro a teu bestunto:
Enfrenta com vigor qualquer assunto,
Pondo o melhor de ti em cada lida.

Pensa, como suíno, em teu presunto;
Sente que é para o mal que te convida
O mundo, que quer ver-te a alma falida,
A repartir a dor, pois sofre junto.

Sofrer não é prenúncio da vitória,
Mas serve p'ra explicar a tua história,
Pois quem sempre foi bom paira nos Altos.

Se a vida o que te dá é mais prazer,
Promete a Deus que cumpres teu dever,
Para não ter no etéreo sobressaltos.

VI

Jesus, quando pregou, lá no deserto,
A natureza abriu-se em bênçãos mil.
Se alguém por lá passou, diz que não viu
Nada que desse amor chegasse perto.

Contudo eu digo: — Amigo, esteja certo
De que foi o entusiasmo mais gentil

Que fez vibrar a areia e o céu de anil,
Pois o canal dos planos era aberto.

Jesus falava ao seres de outra esfera,
Levando-lhes as luzes da verdade,
Que para os homens dar também quisera.

Espero, agora, que meu verso agrade
E não soe jamais simples quimera,
Nesse auditório cheio de bondade.

60.º DIA

I

Transparências fluídicas, estratos,
Quiséramos nós todos perpassar,
Como adejam os pássaros no ar,
Sem temerem ataques dos maus gatos.

Muita gente requer outro lugar,
Onde possam viver em paz, cordatos,
Pois não gostam jamais de espalhafatos,
Desejando aprender mais devagar.

São critérios que a gente mesmo muda,
Como fez, certo dia, o grande Buda,
Deixando aos desertores sua luta.

Contrassenso tremendo da Doutrina,
Que enfrentar a injustiça sempre ensina,
Sem nunca utilizar de força bruta.

II

Vamos correr atrás do sofrimento,
Pois nos perpassa o tempo pelos dedos.
Vamos sentir aqui todos os medos,
Que ninguém se dirá da dor isento.

Mas não vamos ficar, por isso, azedos,
P'ro progresso não ser bastante lento;
Antes, vamos lhe dar forte incremento,
Dispondo amor e paz, em bons enredos.

Sabemos que Jesus virá, um dia,

Para nos recitar sua poesia,
Com tema superior da sã Doutrina.

Mas, para que nos dê o seu perdão,
Não podemos dizer apenas *não*
A tudo que Kardec nos ensina.

III

Por isso, cá viemos, com carinho,
Trazer a nossa rima sem valor,
Aceitando o trabalho de compor,
Por conta de se achar o bom caminho.

Se tudo cá fizermos com amor,
Desejando evitar um só espinho,
Jamais vão nos deixar aqui sozinho,
Que o verso há de ser muito p'ro leitor.

Uma palavra, às vezes, que se solta
Pode trazer alguém ao Pai, de volta,
Até sem esperança, por ser velho.

É que Jesus nos traz um novo alento,
Caso, no Espiritismo, esteja atento
O nosso coração, pelo ***Evangelho***.

IV

O toque da corneta é sempre aviso
Que põe todo soldado bem desperto.
Assim, eu quero ver se ainda acerto
O som, p'ra despertar o seu juízo.

Nem sempre hei de chegar bastante perto,
Que para isso amor será preciso,
Porém, de onde estou, até diviso
Alguém do outro lado do deserto.

O bom leitor nos vem logo em socorro,
Dizendo que gostou do nosso gorro,
Que lhe serviu de touca, e eu duvido.

Aí, eu lhe pergunto: — *Caro amigo,*
Desejas enfrentar este perigo?
Mas soa este trombone, em meu ouvido.

V

Rompeu-se a jugular e escorreu sangue,
Deixando a pobre vítima indefesa.
Muito depois, trouxeram-na a esta mesa,
Para que retratasse a fera gangue.

Para quem quis revide, foi surpresa
Nenhuma cena aqui de banguê-banguê,
Que agora o nosso irmão não há que zanguê,
Pois compreendeu do amor a natureza.

Ao perdoar o mal teve a virtude
De dar apoio amigo ao seu algoz,
Com tanta gentileza que eu não pude

Deixar de ter ouvida a minha voz,
Para que a minha alma se desnude,
Pela culpa de um ato tão atroz.

VI

Eu tenho pouco tempo para o verso,
Mas vou dar tudo quanto de bom possa,
Sabendo que o mingau sempre encaroça,
Quando o sentimento é mau, perverso.

Não sei por que esse povo se destroça
E sai por esse mundo tão disperso,

Sabendo o seu destino ser diverso,
Se não fizesse ao Pai nenhuma moosa.

Enfim, não serei eu quem vá jogar
A pedra, que a consciência não permite
E diz para seguir mais devagar,

Já que está muito perto o meu limite,
Que um simples passo em falso vai causar
Explosão, porque a rima é dinamite.

61.º DIA

I

Quem tem discernimento para o bem
Não teme de enfrentar qualquer destino.
Se a tal tendência vem desde menino,
Então, vai arrastar, como ninguém.

Mas não se há de dizer que discrimino,
Pois quero dar amparo a quem também
Desconhece que o amor nada contém
Que possa condenar a desatino.

Nossa jornada segue ao infinito.
No verso deste treino, eu facilito
A compreensão geral desse evangelho;

Pois praticar o bem é oportuno,
Em cada circunstância, quando enfuno
Pela vida, o velame, até bem velho.

II

Querer ser importante nesta vida
É desejar que o mundo mais melhore,
É pretender que a lei do amor vigore,
É dar a cada irmão uma saída.

No entanto, o desperdício faz que chore
Quem perde o tal *élan*, nessa corrida,
Que a turba não se acerta com a lida,
Fazendo que o progresso mais demore.

A frustração nos pega sem vigor
E traz a ideia que não tem valor
O nosso esforço, tal como esta rima.

É com Jesus que temos de acertar,
Embora vá essa gente devagar,
Sabendo que a verdade nos sublima.

III

Mas como ter certeza da verdade,
De que esteja bom nosso trabalho,
Se a dura mente até nos persuade
De ser somente simples quebra-galho?

Se alguma vez noss'alma o bem invade,
Determinando o rumo, sem atalho,
Trazendo alegre o tom-felicidade,
Já damos aos irmãos bom agasalho.

Assim, este momento há de gerar
Saudade, em certo ponto do futuro,
Quando estivermos noutra patamar,

Ao vermos sentimento muito puro
As almas dos amigos exaltar,
Querendo melhorar, dizendo: — *Eu juro!*

IV

Mas quem ficar apenas na intenção
Não pode requerer a nossa estima:
Tem de fazer que exista alguma rima
Que possa combinar neste refrão.

Um simples verso, às vezes, legitima
O desejo de ter bom coração:
É quando a prece feita co'emoção

Torna essa trova simplesmente opima.

Senhor, perdão, por ter, no desafio,
Me acreditado justo, bom, perfeito.
Agora, vendo a glosa, desconfio

De que, de alguma forma, levo jeito,
Pois da intenção vali-me, tendo brio,
E peço, com fervor, que seja aceito.

V

As torvas águas do meu mar revolto
Hão de pôr medo vil no coração,
Mas, se o leitor, enfim, me der perdão,
Hei de considerar meu verso solto.

Por isso é que vos peço simples *não*,
Se houverdes da maldade sido envolto,
Que um proceder mais justo, amigo e douto
Pode mostrar que o tema não foi vão.

Quando irmanados vamos pela vida,
Sabemos que Jesus sempre convida
Ao seu festim de luz no Paraíso.

Procedei, pois, colega, com bondade,
Embora o versejar não vos agrade,
E dai-nos uma rima p'ra juízo.

VI

Nos entreveros bárbaros do mundo,
O assassinato é coisa de somenos,
Os roubos, dentre os crimes, são amenos,
Os vícios são punidos num segundo.

Exigem-se os direitos todos, plenos,

Não vendo que nos traga o Umbral profundo,
Local em que o melhor é vagabundo,
Onde se sente o gosto dos venenos.

Um dia, o despertar para a verdade
Vai exigir de nós a caridade
De perdoar a alma que pecou.

Assassinato, roubo e vício horrendo
Vão demonstrar que estamos só perdendo,
Que o Pai, de há muito, já nos perdoou.

62.º DIA

I

Por que devemos flutuar o humor,
Se a paz, na eternidade, é tão flagrante?
Vamos tentar conter, daqui por diante,
A inveja, o medo, o orgulho e o vil rancor.

O agir em calma ao coração garante
Que a decisão tomada é superior.
Caso haja fé, sabemos que é o amor
Que vai tornar noss'alma mais brilhante.

Às vezes, nos sentimos inseguros
E os pensamentos fazem-nos impuros,
Porque a má vontade prevalece.

Aí é que pedimos a Jesus
Que nos envie Espírito de luz,
Para nos ensinar a melhor prece.

II

Dentre os conselhos, o que faz sucesso
É o que nos pede, humilde, p'ra rezar,
Pois tudo o mais precisa ir devagar
Caso contrário, frustra-se o progresso.

Quando saímos para o alto mar,
O sentimento fica no regresso.
Quando alguém diz: — *Eu sempre me arremesso* —,
Vamos pedir que pare p'ra pensar.

Tudo na vida tem motivo certo,
Pois a verdade mostra cada causa,
Enquanto virmos toda ação de perto.

Neste improviso até que a rima
Pode gerar, p'ras almas, boa pausa,
Em oração p'ra despertar estima.

III

Contrariando a norma instituída
Para os versinhos tristes desta gente,
Quero trazer os meus, muito contente,
Por ter logrado ser feliz na vida.

Não quer dizer que fui tão diferente;
É que encontrei no amor boa saída,
Ao ver-me, toda vez, correspondida,
Em área que se sabe se alguém mente.

Não exigi demais nem fui sovina,
Pois aprendi a lutar desde menina,
Sabendo o que compete a cada um.

Se a inveja me acendia a fúria avessa,
Eu punha, desde logo, na cabeça,
Que quem pesca no mar recolhe atum.

IV

Se fui feliz na vida, tenho agora
De demonstrar, no verso, a boa rima
E angariar do povo a sua estima,
Atenuando a dor, se o pobre chora.

Se quiserem mudar este bom clima,
Dizendo qual a lei que aqui vigora,
Protesto, veemente, nesta hora,

Que o bem, pelo que sofre, o amor sublima.

Enviai-me, Senhor, nobre conselho,
Para que o meu leitor não perca a linha,
Ao receber na pele o duro relho,

Se nesse coração o mal se aninha.
Fazei com que meu tema seja o espelho
Do bem com que Jesus nos acarinha.

V

As pálidas palavras chegam bem
E dão aos pobres versos o seu tom,
A sussurrar somente simples som,
Na tentativa tosca que se tem.

Alguém que não conhece diz ser bom
O ritmo do metro, que convém
P'ra desestimular qualquer desdém,
Que desconfie falso o nosso dom.

É essa a luta intérmina da gente
Que quer levar ao mundo o que se sente,
Estando desprovida de matéria.

A nossa vibração é deste lado
Mas o soneto acaba desastrado,
Se a alma que nos veja não for séria.

VI

Pretendo prosseguir, mas noutra hora,
Que o tempo deve ser aproveitado,
De forma que jamais fique de lado
Quem se deixa explorar ou quem explora.

Porém, se o verso põe alguém cansado,

A norma da piedade não vigora.
Por isso, deve o médium ir embora,
Sem ficar de leve preocupado.

Mas se a vontade diz p'ra terminar,
Vamos pedir a Deus por proteção,
Pois o navio está em alto mar:

— *Senhor, dai luz ao pobre coração,
Fazendo desta trova o vosso altar,
Dizendo sempre sim a quem diz não.*

63.º DIA

I

O meu martírio quis que fosse pleno
E desliguei a vida de uma vez.
Ouvi meu protetor: — *Que foi que fez
Você abandonar o ar terreno?*

— *Por ser o meu destino tão soez,
Jamais tive do amor um leve aceno.
Com tal desculpa, desejei pequeno,
Mas foi bem grande o crime, sem talvez.*

Passaram anos desse triste evento;
Da dor sobrou apenas o lamento
De haver perdido, em crise, a minha vida.

Hoje, previno a quem esteja lendo
Que não existe nada mais horrendo
Do que dar fim funesto à dura lida.

II

Quando o trabalho nos incita à vida,
Vamos fazendo tudo p'ra vencer,
Pois tem o ócio o estúpido poder
De nos deteriorar, p'ra qualquer lida.

Cumpramos, pois, qual seja o tal dever,
Sem procurar, na Terra, outra saída,
Sabendo que a maldade nos convida
A desprezar do Pai o bem-querer.

Entregue o coração a Jesus Cristo
E insista co'a consciência sempre nisto,
Para alcançar na vida algum valor.

Orar com devoção vai fazer bem,
Que existe cá no etéreo quem também
Deseja partilhar do seu amor.

III

Meu compromisso, nesta tarde fria,
É fazer verso que o leitor anime.
Nada, contudo, em tom muito sublime,
Pois não sou bom na forma da poesia.

Não queira ver, na rima, nenhum crime;
Tão somente o que um pobre aqui faria.
E não diga: — *Está lindo, todavia...* —,
Mas veja que esta trova me redime.

Na Terra, fui um péssimo cantor:
Não poderia aqui melhor compor,
Que a vibração persiste cá no etéreo.

Suspeitas haverá que a rima flui,
Porque o preclaro médium contribui,
Que a minha verve está no cemitério.

IV

Premido pelo tempo, o verso sai
Quase de um jato, pelas mãos do médium;
Mas, se hesitar, eu tenho um bom remédio:
Chamá-lo com amor, orando ao Pai.

Distinguir entre o bom e mau assédio,
Com o passar do tempo, o amigo vai,

Que o tema do melhor mais sobressai,
Enquanto o do pior só causa tédio.

Aí, nosso leitor já desconfia
De que o autor etéreo da poesia
Não tem discernimento quanto ao tema.

E pede do arco-íris suas cores,
Para que o verso brilhe em resplendores,
Pensando resolver o tal problema.

V

Há muito mais em jogo, nestes versos,
Do que simples palavras, em más rimas:
Havemos que entender quais são os climas,
P'ra não dispor conceitos mui perversos.

— *Eu sei quando, poeta, tu sublimas*
As dores em que os prantos vão imersos —,
Dirá quem não deseja ver dispersos
Os sentimentos puros das estimas.

Eu agradeço, amigo, que palpites
No ritmo que ponho na poesia,
Sem colocar, no sonho, os teus limites.

Reflita em Jesus Cristo o que faria,
Se viesse rimar, e não hesites
Em desejar o amor dessa harmonia.

VI

Senhor, provai ao médium que o trabalho
Me deixa mui contente, neste dia,
Que a rapidez dos dedos mostraria,
Se detivesse a vibração que espalho.

A natureza humana desafia
Nossa presença aqui, durante o malho;
Bem aí é que a fé é quebra-galho,
Pois dá o diapasão da melodia.

Não temos pretensão a obra-prima,
Pois repetimos sempre a mesma rima,
Entediando o pobre do leitor.

Fazei, então, que o verso derradeiro
Possa mostrar ao mundo, por inteiro,
A força perenal do vosso amor.

VII

— *Compõe, amigo, o verso derradeiro,
Em cinco minutinhos p'ra saída.*
Assim o caro médium me convida,
Enquanto perde o tempo que requeiro.

Minh'alma fica, então, bem combalida,
Pois a luz que eu possuo vem de isqueiro:
Não dá p'ra iluminar o verso inteiro,
Que dirá ser farol p'ra toda a vida!

Pegue a folha e produza combustão,
Que as palavras, um pouco, servirão,
No final não perverso desta rima,

Orando, com Jesus, à luz do verso,
Pedindo que o poeta esteja imerso
Nesse amor que o leitor também sublima.

64.º DIA

I

Cá no etéreo, os problemas lá da Terra
Têm, por si, sua própria solução,
A não ser sérios casos de opinião,
Em que a maldade, n'alma, mais se aferra.

Quando a causa de tal preocupação
Provocou, na matéria, forte guerra,
O relacionamento, então, emperra
E os entreveros cá prosseguirão.

Procure, caro amigo, deixar tudo
De maneira que possa resolver,
Quanto à forma e também ao conteúdo.

P'ra conseguir, no etéreo, mais poder,
Dedique muito tempo ao bom estudo
De como realizar cada dever.

II

Eu sei porquanto lá também estive
E trouxe para cá tantos enganos
Que me fizeram ver que são humanos
Os desesperos tristes de quem vive.

Não sei dizer, agora, quantos anos
Passei nas trevas, quando encarar tive
Os preconceitos, pois não há quem prive,
Em boa paz e amor, com tantos danos.

Hei de recomendar aos bons amigos

Que, a todo custo, fujam dos perigos
Das glórias, na ilusão da vil matéria.

Procurem ser fiéis aos companheiros;
Dediquem os seus dias quase inteiros
A aliviar as dores da miséria.

III

Se lhe faltar a luz desta Doutrina,
Que as trevas são pesadas, hoje em dia,
Se não quiser os bens desta poesia,
Ao menos siga as leis que o Mestre ensina.

O que melhor alguém aí faria
Do que determinar a sua sina
No etéreo, pois a morte não declina
O gosto de existir em alegria?!

A condição, no entanto, é sempre o bem
Que se possa fazer, sem ver a quem,
Estando o coração pleno de amor.

Quem sabe o sofrimento pese um pouco,
Mas, nem por isso, faça ouvido mouco,
Pois sempre um gesto amigo há de dispor.

IV

Incompetência gera sofrimento,
Pois tudo a consciência há de julgar.
Qualquer lamento irá prejudicar,
Já que o progresso fica muito lento.

Assim, respire, com sossego, o ar
E faça, devagar, o julgamento.
Se a incompetência produzir tormento,
Coloque a consciência a trabalhar.

Com calma, a mente tudo estabelece,
Segundo a lei de causa e consequência,
Enquanto a decisão se fortalece

De sempre agir em paz e com prudência.
Se for difícil, diga a melhor prece,
Para alcançar do Pai benemerência.

V

As luzes que trouxermos para o etéreo
Somente poderão servir ao bem
E, em nossa ajuda, há de chegar também
Quem tenha a vida aí levado a sério.

Se aqui aportar, no bolso sem vintém,
Dizendo que deixou no cemitério
Os lucros, sem saber por que mistério
Não pôde despertar o amor de alguém,

Nas trevas vai ficar, até que aprenda,
Como palmilhar do Mestre a senda,
Examinando a alma atentamente.

Simples faísca que a consciência alcance
Há de gerar, no jogo, um novo lance,
Para deixar o gajo mais contente.

65.º DIA

I

A estúpida jornada que levei,
Durante essa estadia aí, na Terra,
Mostrou-me que a maldade sempre emperra
O desenvolvimento pela lei.

Aí estive, em dura e triste guerra,
Desafiando o mundo e minha grei,
E fui tão infeliz que inda não sei
Como é que esta esperança se descerra.

Quem vem aqui ditar um pobre verso.
Querendo demonstrar não ser perverso,
A ponto de causar desassossego,

Já sabe que a poesia dá um jeito
De camuflar o seu pior defeito,
Levando ao povo um pouco de chamego.

II

Por que esta gente quer fazer sonetos,
Sendo versos que exigem mais destreza,
No que concerne à forma, que a pureza
Há de fluir, nas quadras e tercetos?

Não me envergonha estar junto a esta mesa,
A meditar nos temas muito pretos,
Que assustariam toscos *rigolettos*,
Tão longe estão de pôr aqui beleza.

É que, ao fazer esforço para a rima,
Sou obrigado a ver a própria alma,
Para sentir do amor o nobre clima.

E, quando vejo pronta alguma estrofe,
O coração se ufana e logo acalma,
A controlar o sangue lá do bofe.

III

Se existe mérito em rimar assim,
Por que não vem o espírito trazer
Um tema com real e bom poder
De melhorar o que estiver ruim?

Vir versejar por causa do dever
É só um meio, nunca o próprio fim.
É como se dissessem para mim
Que nada do que planto vou colher.

Mas a lição que extraio da Doutrina
Não há de ser assim tão pequenina,
Caso o meu verso faça alguém pensar.

Por serem más as trovas, eu me humilho;
Vou esquecer que fui um peralvilho:
Aqui a pressa vai mais devagar.

IV

Acostumado a ter bom rendimento,
Que a inteligência brilha p'ra valer,
Eu me esqueci que existe este dever
De respeitar quem vai muito mais lento.

Quem põe ao Sol sorvete a derreter
Deve saber qual é o melhor momento

De dar razão ao povo: — *Eu movimento,*
Sem dispor sobre a lei qualquer poder.

Mas posso prevenir o meu destino,
Como no verso os sons eu bem combino,
Segundo as normas que colhi no estudo.

Aí parei, por mais de vinte anos,
Para ajustar os pérfidos enganos,
Quando orgulho e vaidade era tudo.

V

Confessional é forma de poesia
Que se ajusta bem aqui, no etéreo.
Por isso é que se deve ter bem sério
O pensamento nesta alegoria.

Se houvesse, para a alma, cemitério,
Junto a esta mesa, quem se atreveria,
Se os anjos vivem sempre em alegria
E os condenados buscam refrigério?

Seres errantes têm seu agasalho,
Se aceitarem um pouco de trabalho,
Reestruturando a forma e o conteúdo.

Vá preparando, amigo, a sua fala,
Pois quem morreu, aqui, jamais se cala,
Se não pensou direito sobre tudo.

66.º DIA

I

Estranhas, caro amigo, a rude fala
E pões-te prevenido p'ra comigo?
Pois saibas que esse mal é bem antigo,
Que a humanidade ouve e sempre cala.

Se alguém vem avisar-te do perigo
De que toda maldade o vício instala,
A rima jamais debes de execrá-la,
Mas considera apenas que te instigo.

Toda consciência abre-se p'ro bem,
Pois é o que todos querem para si,
Embora poucos saibam que convém

Pensar no que haverá de mau aqui,
Se não derem amor para ninguém,
Que foi assim que tanta dor sofri.

II

Ouvir lições nos deixa mais ativos,
Quando chegar a vez de trabalhar,
Mas é preciso ir bem devagar,
Nesta de influenciar os seres vivos.

Os encarnados querem só gozar,
Sendo, p'ra isso, muito criativos,
Buscando eliminar todos os crivos,
Embora nunca saiam do lugar.

Forte tristeza, ao saber que deram
Co'os burros n'água, em cada encarnação,
Que os desperdícios sempre dores geram,

Por se querer levar em viciação
A vida. É quando muitos desesperam,
Por terem dito à Lei apenas *não*.

III

O compromisso é anterior à vida:
Não há como cumprir o tal destino,
Fugindo de Jesus ao bom ensino,
Porque, na carne, o espírito duvida.

A consciência evita o desatino,
Pois a fazer o bem sempre convida.
A gente é que não quer dar-lhe guarida,
Dizendo: — *Co'a Doutrina eu não combino!*

Sofra, então, no etéreo, esse exagero,
Que a perdição provoca o desespero
De retornar sem muitos de seus trunfos.

O corpo já não tem o mesmo viço,
Para lembrar que existe o compromisso,
Ao menos, de alcançar alguns triunfos.

IV

Parece complicado de entender
Que o espírito encarnado já existia.
Alguns vão suspeitar que é só poesia,
Que o médium é que tem todo o poder.

Caso não seja assim, como seria,
Qual outra forma existe de dizer,
Para o encarnado bem compreender,

Do etéreo esta sutil filosofia?

É uma questão de fé, que Jesus Cristo
Expôs com tal clareza no evangelho
Que o verso se envergonha ao dizer isto:

— *Benditos os que crerem, sem tocar
Nas chagas.* — Eis ensino muito velho,
Que a humanidade vive a rejeitar.

V

Escreva, então, você um bom versinho
E escolha devagar a sua rima,
Buscando conquistar do povo a estima,
Tratando a toda a gente com carinho.

Não pense que a palavra legítima
O que o povo pensar ser só espinho.
Por mim, posso dizer: — *Não me abespinho,
Pois sei que o tempo toda dor sublima.*

No entanto, é cá no etéreo que isso ocorre,
Que o tempo para nós não tem destaque,
Enquanto, p'ro encarnado, é o mais que corre.

Se aí não melhorar, cá leva um baque,
Que o tempo gasto vê, depois que morre:
Aprendizado simples de almanaque.

VI

O nosso médium leva hora e meia
P'ra receber os versos, cada dia,
São seis sonetos, que você faria,
Com mais beleza, enquanto se barbeia.

Eis que esta turma o povo desafia,

Em rima pobre, dura, tola, feia,
Sabendo que esse amigo titubeia,
Por nunca haver quem leia a tal poesia.

Os versos são serenos exercícios,
Que nos darão, depois, a cor dos vícios,
Que deveremos pôr nesta berlinda.

Não escondemos, pois, a nossa ideia,
Nem prometemos ser a panaceia:
Há versos mil para fazer ainda.

67.º DIA

I

A trilha que conduz à perfeição
Passará, com certeza, pela vida.
Em não havendo, pois, qualquer saída,
Por que tanta insistência em dizer *não*?

Havemos de cumprir a nossa lida,
Enquanto bons amigos cuidarão
De requerer ao Pai o seu perdão,
Para não ser a morte tão sofrida.

Em que ponto da estrada nós estamos,
Para colher os frutos destes ramos,
Que fornecem de graça o tal poder?

Seja qual for o rude estágio d'alma,
Havemos de levar do bem a palma,
Sentindo pelo irmão mais bem-querer.

II

Qual argumento dá ao coração
Melhor motivo para o bem-querer,
Do que o amor do Pai, ao nos fazer
Com ansiedade pela perfeição?

Em simples versos, que nos dão prazer,
Já conseguimos demonstrar razão,
P'ra que o amigo nunca diga *não*,
Conquanto seja triste o seu dever.

Se o seu trabalho o amor não favorece,

Azucrinado sempre pelos maus,
Eleve a Deus a voz em doce prece,

Para evitar que o mundo seja um caos,
Onde a esperança brota mas não cresce,
Que é de rigor salvar todas as naus.

III

As rimas são ditadas de improviso
Por esta gente que não tem talento,
Confiando tão só no movimento
Que registra, no médium, nosso aviso.

O que parte de nós é dez por cento.
Mais do que isso, então, não é preciso,
Quando este mediador tem muito siso
E não desanda o verso, por ciumento.

Que tal tentar você este estribilho,
Sem temer, no começo, não ter brilho
Qualquer iniciativa da poética?

Quem sabe esteja aí o bom início
De eliminar do pensamento o vício
De conservar a alma sempre cética.

IV

Assusta-se o leitor com nossa glosa,
Porque não sabe as regras da poesia?
Ou tem certeza que melhor faria,
Por ter a rima rica e generosa?

Há quem se julgue culto, todavia,
Não se arrisca a escrever, nem mesmo em prosa,
Sabendo que o perverso o verso goza,
Conquanto genial a melodia.

Não vamos estragar nenhuma estrofe
Para dar a impressão que seja um bofe,
Incentivando, assim, o caro irmão.

Daremos tudo, tudo que podemos;
Poremos toda a força em nossos remos:
Vamos tornar difícil dizer *não*.

V

O nosso preclaríssimo escrevente,
À vista de tão parcas harmonias,
Fica a supor que as grandes alegrias
Hão de esperar bom tempo pela gente.

Sabe que as rimas pobres, broncas, frias,
Conservam o leitor indiferente,
Já que nenhum desejo o gajo sente
De superar as dores e as fobias.

Ao menos, nossa turma se aglomera,
Em busca de tornar doce esta espera,
Enquanto o verso fala da Doutrina.

Mediunidade é tema do outro mundo.
Há de saber até o tal Raimundo
Que a solução Kardec é quem ensina.

VI

A melhor parte desse mau soneto
Roubada foi do raro e bom Drummond.
Mas que fazer se é rouco o tosco som
Com que se animam valsa e minueto?

Ao confessar o degas não ter dom,
Hei de lembrar a história de um espeto,

Porém, com tais arranjos, não me meto,
Que, às vezes, quero *sem* e alcanço *com*.

Não sei se o nobre amigo sente muito
Que tenha eu fechado o meu circuito
De forma desprovida de talento.

Porém, se for pensar em trocadilho,
Terá de perdoar o peca-dilho,
Que mudo verso ao longe dista, lento...

68.º DIA

I

As curvas perigosas desta estrada
Que leva à perfeição geram cuidados,
Pois hão de ser sutis os predicados,
Para que a vida não redunde em nada.

Que se vigiem bem todos os lados,
P'ra que a oportunidade não se evada,
Que a coisa há de ficar mui mal parada,
Se, nos gozos, ficarmos viciados.

Aí, ninguém irá se conformar,
Ao sofrer as agruras do destino,
Só desejando à carne retornar,

P'ra repetir, na vida, o desatino
De espairecer na praia, e não, no mar,
Enfrentando as tormentas desse ensino.

II

Caprichosos, os rumos do caminho
Fogem, às vezes, da floresta densa,
Prejulgando o encarnado que compensa
Não enfrentar o risco de um espinho.

Com certeza, se a dor for muito intensa,
O pobre há de chegar em desalinho.
Merecerá, contudo, mais carinho,
Se em Jesus fez crescer a sua crença.

Como vês, bom amigo, essa viagem,
Em que consegues ler nosso soneto,
Acrescentando um item à bagagem?

Acreditas o verso um amuleto,
Para abrir ao etéreo uma passagem,
Ou temes que o destino esteja preto?

III

"As trovas nos divertem e te ajudam" —
Pensa o leitor que é como nós pensamos,
Mas não há frutos, nestes altos ramos,
Caso os nossos mentores não acudam.

Nesta velocidade em que nós vamos,
É devagar que os pensamentos mudam.
Os versos, os poetas cá estudam,
P'ra não passar a ideia de recamos.

Toda ação que no bem se fundamenta
Há de caber na rima, sem forçar,
Enquanto uma maldade não se aguenta.

Por isso é que é melhor ir devagar,
Que amor não é virtude que se inventa,
Mas sentimento nobre a divulgar.

IV

Descrente de alcançar bela vitória,
A gente descorçoa de lutar,
Esquecendo que o bem é devagar
Que ocupa o seu lugar, em nossa história.

Esteja onde estiver seu patamar,
Tá longe de beirar de Deus a glória.
Então, vamos limpar a grossa escória,

Cumprindo a lei do amor, que não tem par.

Anima-se o leitor e cria brio
Ou não vê nas palavras desafio:
Eu quero conhecer seu pensamento.

Então, diga ao poeta, mesmo em prosa,
Se existe algum valor em minha glosa,
Se é causa tão somente de tormento.

V

Astúcia, nesta forma-pensamento,
O verso se transforma por magia
E diz que só poeta aqui faria
Ser dor o que parece fingimento.

Sem ter inspiração, então, plagia
Pessoa, no poema-monumento,
Que o gênio é quem demonstra o seu talento,
Mantendo muito simples a poesia.

Quem dera fosse eu que lá estivera,
Sensível aos reclamos dessa esfera,
Dando trabalho ao povo p'ra pensar!

Ao menos, cá no etéreo, vou em frente,
Buscando dizer tudo claramente,
Que amor é bom senti-lo devagar.

69.º DIA

I

O enredo desta vida se complica,
Ao ver o nosso verso publicado,
Que o povo, às vezes, pensa ser pecado
A rima que a verdade bem explica.

Há quem deixe a poesia, ali de lado,
Achando que a teoria não é rica,
Que a tese doutrinal não justifica
Mexer com o que está padronizado.

Apenas alguns poucos é que aceitam,
In totum, o recado cá do etéreo,
Amando quando as trovas os deleitam.

É que têm o sentido do que é sério,
Pensando que os poetas mais enfeitam,
Para dar ao leitor mais refrigério.

II

Trabalho há de ter sempre o nosso médium,
Se não titubear junto a esta mesa,
Querendo que a Doutrina co'a Beleza
Desfaçam do encarnado o triste tédio.

Não vamos prometer tanta proeza,
Apenas, p'ras doenças, bom remédio,
Queremos transmitir, sem muito assédio,
Na justa proporção desta pobreza.

Humilde, este poeta reconhece
Que o verso, à luz do mundo, soa bem,
Agradecendo ao Pai, em breve prece,

Pedindo p'ra dar mais a quem não tem,
No esforço de colher a parca messe,
Que aqui está plantando o seu vintém.

III

A luta para dar ao mundo luz
Também há de passar por tosco verso,
Na ânsia de cumprir o bem, imerso
Nos mandamentos claros de Jesus.

Virtudes não resultam em perverso
Futuro, sob a sombra de uma cruz,
Que a maldade, num feixe só, reduz
Todo o ódio que andava aí disperso.

Discernimento p'ra que a luta cresça,
Multiplicando os que desejam ver
Que a opinião os versos favoreça.

Assim, quem vem cumprir o bom dever
Deve impedir que a turma esteja avessa,
Em rimas de profundo bem-querer.

IV

Acobertado pelo encanto da palavra,
O nosso tema se dispõe de qualquer jeito.
Não que não haja pelo povo bom respeito,
Pois bem cuidamos do sentido desta lavra.

O pensamento, ao se expressar, é que azinhavra,
Pois não é fácil de rimar, abrindo o peito.
É bem por isso que pedimos seja aceito

O pobre texto, sem favor de abracadabra.

Vamos levando, de mansinho, a pobre rima,
Sempre a rogar o seu perdão a quem se atreve,
Pois quem perdoa este mau verso sente estima,

Mesmo que seja um sentimento muito leve.
Ao aumentar, toda amizade, então, sublima,
Para entender que o sofredor também escreve.

V

Acariciando o pobre *ego*, este poeta,
Sem sutileza, vem trazer a sã Doutrina,
Julgando a rima superior e peregrina,
Sem perceber que o bom leitor o verso veta.

Allan Kardec o Espiritismo nos ensina,
Agasalhando a produção de algum esteta,
Desde que a linha de conduta seja reta,
Porque a maldade colorida nos fascina.

Se Jesus Cristo aqui viesse compor versos,
Iria dar-nos toda a luz, com alegria:
Talvez não fôssemos algozes tão perversos.

Mas sua rima, com certeza, não teria
Tanta licença e tantos sons no ar dispersos:
Uma palavra, uma lição, uma poesia.

VI

O caro médium tem respeito p'ra comigo,
Pois vou depressa, ao registrar este compasso.
Olha o relógio p'ra saber se existe espaço,
Que ultrapassar o meu horário é grão perigo.

Péssimo verso, sem vigor, volto e refaço,

Que a perfeição é sentimento muito antigo.
Por isso, a rima que falseia mais castigo
E, quando o tema empalidece, eu me embaraço.

Já falta pouco p'ra baixar em outro centro.
Depois, pretendo um bom repouso, noite adentro,
Que trabalhei o dia inteiro a minha trova.

Já o ponteiro está marcando a minha hora:
Graças a Deus, pois clara norma aqui vigora.
Peço a Jesus faça valer a Boa Nova.

70.º DIA

I

Quem desafina, nesta rima, sai da linha
E dá a vez para um irmão mais preparado.
Por isso, amigo, estou ficando preocupado,
Pois o meu verso é tal titica de galinha.

Conquanto eu possa até sentir-me angustiado,
Que a tal palavra aí de cima me abespinha,
Vou remendar, dizendo ser pequenininha
A minha culpa, já que estou regenerado.

Posso vestir-me de modéstia, enquanto rimo,
Para mostrar que já aprendi a respeitar
As boas normas, pois meu mestre dá arrimo,

Dizendo sempre para ir bem devagar.
Por perdoar-me, cada vez eu mais o estimo
E já prometo a um bom irmão ceder lugar.

II

Tendo deixado misteriosa a tal lição,
De novo estou, junto a esta mesa, a versejar.
De volta ao porto, o meu navio vai carregar,
Estando pronto a receber o seu perdão.

Queria o mestre que eu cedesse o bom lugar,
Pois o meu verso não demonstra perfeição.
Apenas prova que falhei nesta escansão,
Não tendo vindo, por teimoso, devagar.

A minha história não carece de dizer,

Que um verso só já desenhou quem é que sou,
Por isso, fujo de cumprir todo o dever;

E uma guinada p'ro mistério ainda dou,
Que a rima sai, com um pouquinho de poder,
P'ra agradecer ao nosso Pai, porque aqui estou.

III

Não sou ousado, como fui quando vivi,
Pois desprezava a opinião de quem sabia.
Se me dissessem quais as regras da poesia,
Daria as costas, sem rimar conforme aqui.

Eu procurava dar de mim sabedoria,
Sem progredir, e *patata e patati*,
Enchendo os versos das sobrinhas do que li,
Pois obra-prima eu jamais conseguiria.

Bem ao contrário, junto à mesa mediúnica,
Sou obrigado a demonstrar que seja única
A nostalgia pelas coisas que não fiz.

Cumpro a promessa de mostrar-me melhorado,
Embora saiba da existência, deste lado,
De um bom critério que me põe muito infeliz.

IV

Toda virtude há de passar por minhas mãos:
A esperança, a fé no Pai e a caridade;
O perdoar, com muito amor, toda maldade,
Os inimigos transformando em bons irmãos.

Mas, que fazer, se acreditar não há quem há-de
Que estes meus versos possam ser muito louçãos,
Que os meus cantares, qualquer dia, inda serão
Mais que pedidos de perdão por piedade.

A evolução do pensamento não regride,
Se assimilarmos a lição que é ministrada,
Indo aplicá-la, com vigor, em cada lide.

Um degrauzinho a cada vez, pode ser nada,
Mas, de repente, pode haver quem nos convide
A ver o mundo lá do topo desta escada.

V

Não desespere, caro amigo, na jornada:
Vá devagar, usufruindo o seu momento.
É bem melhor do que sofrer com o tormento
De perceber que não se fez, na vida, nada.

Para viver, em harmonia, dez por cento,
Só pelejando com denodo se arrecada.
Vão perguntar por que é que entrei nesta gelada?
P'ra não sentir, no coração, tal sofrimento.

Com Jesus Cristo, o mandamento era de amor,
Desde que a gente compreendesse o bom dever
De toda ofensa e todo mal já recompor.

Allan Kardec trouxe a lei do bem-querer,
Pois a ciência está a pairar por sobre a dor:
Só com estudo, o coração há de entender.

VI

Modestamente, eu me recolho ao meu tugúrio,
Pensando haver advertido p'ra Doutrina.
Assim o mestre a esta turma toda ensina
E este poeta aqui só vem como Mercúrio.

Perceba, pois, caro leitor, que desafina
Esta mensagem, sem intento de perjúrio,

Pois todo o mal redundará em ser espúrio
O verso negro que, no inferno, se imagina.

Doirar a pílula não vou, esteja certo,
Pois eu não quero versejar para o deserto,
Nem na amplidão nem cá no etéreo, pois ninguém

Está disposto a prosseguir na mesma linha,
Que o meu vigor, sem proteção, logo definha,
E os meus colegas só desejam o meu bem.

71.º DIA

I

Desesperado pelo tanto que falhei,
Eu perfilhei, lá dos infernos, os caminhos,
Ferindo a alma, já não vendo os vis espinhos:
Cheio de dor e de rancor, ali fui rei.

Depois de anos, sem amor e sem carinhos,
Fui resgatado pela gente desta grei.
Peço perdão pela palavra, pois não sei
Se me embriago ao lhes narrar os desalinhos.

De qualquer modo, tenho jeito para o verso
E vou levando a minha rima até o fim,
Recomendando a cada irmão: — Prossiga imerso

Nessa atitude de evitar o que é ruim,
Que o resultado, quanto a mim, será diverso,
Quando chegar a sua vez de dizer *sim*.

II

Cada atitude em desalinho, nessa vida,
Vai resultar, aqui no etéreo, em desamor.
Assim, irmão, a hora é esta de compor
A melodia a ser cantada na saída.

O coração que se deleita no rancor
Não saberá como fechar a tal ferida
E vai pedir à consciência uma outra lida,
Seja medonha ou pesarosa quanto for.

Estar na Terra será sempre menos triste,

Que o sofrimento tem limites para a alma,
Mesmo que esteja a consciência deda em riste.

Porém, não queira sobre o mal levar a palma,
Sem alterar o proceder, que a dor existe
Para nos pôr de sobreaviso, em paz e calma.

III

Ao retornar da nova vida para o etéreo,
Será bem triste estar de novo endividado:
A turma toda reunida: ele, de lado,
A escalavrar, sem entender, o tal mistério.

Não há de haver, nessa ocasião, nenhum enfado,
Que a vida ruge, ao despertar no cemitério,
E o pobre roga p'ra que tenha um refrigério,
Mas a consciência chora e diz: — *Fique calado!*

Não queira, irmão, vir comprovar o que lhe digo.
Evite, pois, correr, na vida, esse perigo,
Fazendo o bem, com muito amor, a toda a gente.

A caridade mostra o rumo lá do Céu,
Como Kardec enfatizou, sem nenhum véu:
Então, oremos que Jesus seja presente.

IV

O desperdício sempre há de ser cobrado,
Não por Jesus mas pela dor que a alma sente.
Se bem obrarmos, vamos ter, eternamente,
A nossa turma mui feliz ao nosso lado.

Hão de dizer que neste verso a gente mente,
Que a tal doutrina o mais que esconde é vil pecado,
Pois não há prova de que o mote vem moldado
Pelos do etéreo, mas que o autor é o escrevente.

Este soneto é, simplesmente, um bom aviso:
Não é preciso dar-lhe tanta confiança.
O que pedimos é que tenha mais juízo

E que promova, para o bem, uma mudança,
P'ra garantir chegar, um dia, ao Paraíso:
É com amor que nessa estrada a gente avança.

V

Se não gostaram do estribilho, mesmo assim,
Não percam tempo imaginando a melhor rima:
Vão integrando-se do bem no doce clima,
Para evitarem que o sabor fique ruim.

Quem sente amor o pobre verso logo estima,
A dar um crédito de luz também a mim,
Que estou chegando, mui contente, a um belo fim:
É com trabalho e com Jesus que a dor sublima.

Vamos rogar que nosso Pai nos abençoe,
Agasalhando em seu regaço a toda a gente,
Mesmo que a voz pela amplidão jamais ressoe.

Neste cantinho, espero dar, humildemente,
Só um exemplo de refrão, para que entoe
Quem tenha amor no coração e siga em frente.

72.º DIA

I

Adeus, amigo, nesta volta do ponteiro,
Eu vou passar-lhe alguns sonetos-despedida.
Muito mais tarde, eu voltarei p'ra essa vida
E poderei fazer um verso mais maneiro.

A caridade há de me dar também guarida,
Pois é bem pouco o que a Deus sempre requeiro:
Em nada quero ser o último ou primeiro,
Para cumprir, com certo orgulho, a dura lida.

Por isso, trago este meu verso alvissareiro,
Pois o meu mestre a vir ditar todos convida,
Dizendo, alegre, como quer o bom serviço.

Então pergunto: — Alma minha, arrependida,
Por que tu sofres, se o teu verso é compromisso
Que te alivia as tristes dores do braseiro?

II

Não tenho fé em que consiga um verso bom,
Para dispor a conclusão deste meu curso.
Dentre os colegas, o que tem menor recurso
Já alcançou fazer ouvir um belo som.

Chegou a vez de lhes trazer o meu concurso,
Sem preocupar-me com a rima e com o tom,
Pedindo a Deus que me conceda o simples dom

De pôr, na estrofe, uma palavra do discurso.

Arrefeci o *alvissareiro* mais acima,
Ao repetir o som mais pobre desta rima,
E fui o último da lista, vejam só.

Também pudera, desgastaram as palavras,
Ao explorá-las, uma a uma, nestas lavras:
A mim restou aproveitar o rococó.

III

O que seria essa palavra misteriosa,
Que põe o povo desta plaga orelha em pé?
O que diz sim, quando diz não o que não é,
E acaba sendo, no final da triste glosa;

Quando se faz, em alguém morto, cafuné;
Quando o que é bom, só por maldade, alguém esposa;
Quando o que sofre diz ao povo que mais goza;
Quando o que espirra esconde o estojo do rapé.

O rococó não dá ao verso substância:
Sugere apenas p'ra fazer que haja constância,
Discernimento na verdade da expressão.

Aí, um véu de poesia encobre o tema,
Fazendo a vítima-leitor de teorema,
Sem encontrar a chave d'ouro da lição.

IV

Eu sei que muitos vão pensar em gozação,
Acostumados com os versos-pensamentos,
Com os queixumes horrorosos dos tormentos,
Com os quais sangra, pesaroso, o coração.

Mas, na verdade, os que reclamam, desatentos,

Se esquecem sempre de nos dar o seu perdão:
O que desejam é gozar doce emoção,
Mas não se atrevem a escrever, pois são mais lentos.

Quando o que sofre vem mostrar a sua dor,
Logo o leitor, a esquadrinhar a pobre rima,
Vai descobrir toda a pobreza do escritor,

Pois *suadouro* não cai bem e não sublima,
Fazendo rir, sem provocar, nenhum amor.
Pois foi assim que dei a todos minha estima.

V

Ao dar uns murros na parede é que senti
Como é difícil controlar do verso o metro,
Principalmente quando a rima é só um espectro
Dos sentimentos que devia ter aqui.

Ao rei se dá manto e coroa e rico cetro,
Simbolizando o seu poder, e eu recebi
Os louros verdes, por dar uma de sagui,
Pois, na floresta muito adentro, eu mais penetro.

Eu temperei com os tais louros o meu verso:
Era o recurso rococó menos perverso,
P'ra vir dizer alvissareiro o tema velho,

Pedindo a Deus que me mantenha ainda inteiro,
Quando chegar a minha vez de ser primeiro,
Pois o ser último é melhor, pelo ***Evangelho***.

VI

Está aberta a minha conta: tenho vez,
Para fazer o que bem queira, nesta mesa.
Não vou roncar promessa vã de vil proeza,
Que o mais que faço é demonstrar alma soez.

Devo manter, co'a minha rima, a vela acesa,
Que o meu leitor desta **Escolinha** é bom freguês,
Mas eu pergunto, empertigado: — É assim que vês
À luz do verso ou sentes só muita esperteza?

Quem sente mais, tu podes crer, é meu mentor,
Que bem queria estar a rir, enquanto escrevo,
Mas se mantém em oração, com muito amor,

Pedindo ao Pai que eu reconheça quanto devo
Da minha luz, da minha vida, ao Criador,
Agradecendo ser feliz, em doce enlevo.

VII

Para ser puro e ser feliz basta ser bom:
A rima chega devagar, sem compromisso
De ser perfeita, p'ra cumprir este serviço,
Trazendo amor, calando a dor, num simples som.

O rococó perde o sentido e não tem viço,
Pois a virtude tem frequência em outro tom.
Aí, a Deus é que hoje peço melhor dom,
Que ao semelhante devo dar bem mais que isso.

A perfeição, rogou Jesus que cultivássemos,
Para poder no reino entrar de Deus em glória.
E foi Kardec quem pediu p'ra que estudássemos,

Dando à ciência prioridade p'ra vitória,
Que a caridade é a salvação, se fracassássemos:
Inabalável essa fé, em toda a história.